

Eva Maria Schlachter

A concordância em Comp no renano-palatino:
uma interpretação teórica dentro do minimalismo

Campinas

1995



Un. J
Out. '95

EVA MARIA SCHLACHTER

mt
A CONCORDÂNCIA EM COMP NO RENANO-PALATINO:
uma interpretação teórica dentro do minimalismo

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística
do Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre
em Lingüística

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Charlotte C. Galves

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1995

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Sc36c Schlachter, Eva Maria
A concordância em comp no renano-palatino:
uma interpretação teórica dentro do minimalismo / Eva Maria Schlachter - - Campinas, SP - [s.n.], 1995.

Orientador Charlotte C. Galves
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem

1. Concordâncias. 2. Sintaxe. 3. Gramática gerativa. 4. * Alemão (V2). I. Galves, Charlotte C. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Ch. Galves

Profa. Dra. Charlotte C. Galves

Mary A. Kato

Profa. Dra. Mary A. Kato

Ilza Ribeiro

Profa. Dra. Ilza M. O. Ribeiro

Profa. Dra. Maria Aparecida C. R. Torres Morais

Este exemplar é a cópia fiscal da tese
defendida por Eva maria

Schlachter

e aprovada pelo Conselho Deliberador em
28,08,95.

Profa. Dra. Charlotte marie

Chambelland Galves.

AGRADECIMENTOS

Escrevi esta tese sozinha, claro. Do contrário, teria pedido mais uma bolsa (ou mais algumas bolsas) para os colegas. Mas esse fato, de jeito nenhum significa, que eu sou a única pessoa responsável por este produto. Sobre a qualidade dele nada me atrevo a dizer (repare-se a construção relativa sociolingüisticamente correta). Falar da quantidade já é mais fácil: são 136 páginas em espaço 1,5. Foram muitas, muitas pessoas que influenciaram, de modos diferentes, este trabalho. A todas estas pessoas, quero agradecer e também àquelas que vou esquecer de mencionar, sem querer.

O primeiro lugar na lista pertence a Charlotte Galves, minha orientadora "de longa distância" (por seu estágio em Paris). Pensei por muito tempo se deveria empregar este termo, pois ele pode parecer cínico e não quero causar esta impressão. Ela sempre me deu a certeza de que eu podia contar com ela; sempre se mostrou disposta a conversar, a discutir e, no final, a escrever sobre o tema da minha tese. E o que foi mais importante: ela respeitou meu ritmo, teve paciência, quando eu avançava devagar demais. Teve, inclusive, que agüentar meus erros com relação à ortografia de seu sobrenome durante um bom tempo. Espero que sua compreensão para esta *facette* das ações humanas possa ajudar a perdoar esse *faux pas* (afinal ela compartilha a propriedade do sobrenome ortograficamente errado com Kayne, que é citado com -s no final, em um de meus textos (de 80 páginas), por me parecer mais adequado, talvez para evitar qualquer semelhança com o famoso ator norte-americano John W...)

Quero agradecer também a Mary Kato, que assumiu o papel da orientadora "adotiva" durante o estágio de Charlotte na França. Agradecer, de novo, pela permanente disponibilidade para conversar e discutir parece falta de imaginação, porém não posso inventar um outro tipo de "mérito" se é exatamente isso que quero dizer. Além da sua paciência e abertura para todo tipo de idéia fiquei impressionada com a imensa bolsa preta que ela carregava para cada aula. ("Essa bolsa cabe artigo pra todo mundo!")

Finalmente aos amigos do grupo de estudos (na ordem alfabética): Ana Paula, Helena e Jazon. "Sexta feira, 13", mudou seu significado por causa deles: Toda sexta feira, às 13 horas, nos reuníamos para discutir e estudar juntos, num encontro semanal não somente útil, mas divertido, agradável e, finalmente, amigável. Sem eles, meu trabalho com certeza, não seria o mesmo. Quero agradecer especialmente Ana Paula e Jazon, que revisaram com muito cuidado e paciência a tese toda, mudaram as construções germânicas para que elas ficassem "com um

pouco mais de cara de PB", embelezaram o texto com acentos de todo tipo, e tiraram milhares erros de concordância. A do renano-palatino era uma das poucas que estavam certas.

Agora vem a parte mais difícil: quero agradecer às amigas e amigos pela amizade. Nesta formulação, o dilema já está óbvio: ninguém vai acreditar em algo tão stereotipado. Falta só acrescentar "com muita alegria". Poderia escapar disso e recuperar minha credibilidade contando uma historinha sobre cada um(a). Só que este procedimento seria muito demorado, motivo pelo qual vou deixá-lo de lado (obrigada pelos princípios de economia). Espero que a(o)s amiga(o)s entendam. Vou juntar a(o)s amiga(o)s que conheci por vias "sintáticas" e "não-sintáticas", pois nenhuma das duas era muito "ordenada": de novo: Ana Paula, Helena, Jazon, e: Mirta, Fernando, Evani, Marilza, Jairo, Lídia, Remo, Mari, Paulo, Mirja.

Um GRACIAS muito carinhoso a Viviana, que está morando comigo (e eu com ela), pela compeensão quando estava tensa demais neste último tempo. No entanto: ela sabe que agradeço para muito mais. Enfim: a casa da gente ...

À minha família, pelo apoio sempre incondicional!

A CAPES, pela bolsa.

para minha família
para Heribert

RESUMO

O assunto deste trabalho é o fenômeno da concordância em Comp, fenômeno que caracteriza os dialetos do holandês e do alemão. Ele apresenta alguns dados do renano-palatino, dialeto no sudoeste da Alemanha, que até agora não foram descritos. Para a interpretação dos dados, eu parto da teoria lingüística desenvolvida no Programa Minimalista de Chomsky (1993).

Assumo que, com a suposição de mais um núcleo funcional AgrC entre CP e AgrS, consegue-se explicar os dados do renano-palatino, sem precisar da idéia do movimento de AgrS para C. No núcleo dessa projeção AgrC se encontra o clítico de sujeito e no seu especificador, o morfema flexional da concordância.

AgrC está ligado ao sistema CP que é dividido em duas projeções: a dos elementos-Wh (WhP) e a das topicalizações (TopP). Assumo uma relação entre o preenchimento da primeira posição da sentença e o movimento do verbo: os elementos nas projeções de Top e Wh determinam a especificação de AgrC com respeito a seus traços-V. Nas topicalizações e perguntas matrizes, o verbo sobe para AgrC, que, neste caso, tem traços-V fortes. Nas subordinadas, AgrC será especificado por traços-V fracos, motivado pela ocorrência de algum complementizador na posição de núcleo da projeção inicial. Como resultado, o verbo não sobe.

Nas sentenças com sujeito inicial, o sistema CP não é ativado; o verbo pára em AgrS.

A tese, portanto, assume a análise assimétrica da estrutura do alemão (IP e CP). A apresentação da proposta central está ligada à discussão de questões mais gerais como a da caracterização de C no alemão e da possibilidade de sua recursividade. O último capítulo problematiza a aparente assimetria entre sentença principal e subordinada.

ABSTRACT

The theme of this study is the phenomenon known as complementizer agreement which characterizes the dialects of Dutch and German. I will present a few facts of *rheinpfälzisch*, a dialect from the southwest of Germany, which has not been described yet. In order to interpret these facts, I will use the linguistic theory as it has been developed in the Minimalist Program by Chomsky (1993).

The assumption of one more functional category AgrC between CP and AgrS will explain the examples with complementizer agreement without using the hypothesis which argues in favour of a movement of AgrS to C. The head of the projection AgrC is occupied by the subject clitic and its specifier by the agreement morpheme.

AgrC is related to the CP system which is subdivided into two projections: one for the Wh-elements (WhP) and one for topicalizations (TopP). I am assuming a relation between the realization of the first position of the sentence and the movement of the verb: the elements in the Top- and Wh projections determine the specification of AgrC with respect to its V-features. In topicalizations and matrix questions the verb moves to AgrC which in this case has strong V-features. In the subordinate sentences, AgrC is characterized by weak V-features, caused by the occurrence of a complementizer in the head position of the initial projection. This results in the fact that the verb does not move. In sentences that begin with the subject, the CP system is not activated, the verb stops in AgrS. This study therefore assumes the asymmetric analysis of German (IP and CP).

I tend to relate the central suggestion of complementizer agreement with the discussion of more general questions like the characterization of the category C in German and the possibility of its recursion. The last chapter deals with the apparent asymmetry between matrix and subordinate clauses.

ANTI-ABSTRACT

Quem já se dedicou aos estudos literários na universidade provavelmente teve que enfrentar a famosa "Poética" de Aristóteles, mas espero que ninguém tenha se perguntado o porquê, pois esse livro não merece ser diminuído em seu valor, em respeito à estética.

Quem acharia a coragem para produzir uma obra de arte no reino da literatura sem observar as profundas referências sobre a composição de uma boa história? Acham-se dicas úteis que lembram ao autor inexperiente que a história precisa de um início, um meio e um final, só para citar um exemplo. Infelizmente, essa sabedoria não se revela a qualquer aprendiz que se dedica à montagem de palavras sobre um determinado assunto.

É principalmente a questão do final que parece criar problemas e podemos distinguir entre duas linhas teóricas opostas que nasceram um bom tempo depois da "Poética" e se combatem arduamente.

A primeira, cujo centro de desenvolvimento se encontra na costa pacífica do continente nórdico das Américas, adotou ortodoxamente as idéias do antigo Grego e se dedica, de maneira tenaz, à busca do verdadeiro final para todo tipo de história, dando preferência aos finais com um valor de felicidade igual a (ou maior que) 1. Podemos dizer que essa corrente conta com um número imenso de partidários e pode, orgulhosamente, olhar para uma grande tradição.

A segunda linha é relativamente nova e questiona a validade das afirmações do antigo mestre. Diz ela que, nos tempos modernos, não seria mais possível achar um final que pudesse interpretar as constelações de fatores resultantes dos fenômenos complexos da vida contemporânea onde se cruzam questões existenciais, surgidas com mais vigor depois da profunda crítica da religião desde L. Feuerbach e K. Marx que, por sua vez, desembocam, entre outras consequências históricas, numa grande crise de identidade do homem moderno, à qual nem a psicanálise Freudiana nem os seus desenvolvimentos mais recentes, por pensadores franceses sabem, até agora, dar uma resposta satisfatória, para não falar do grande desafio de achar - um final!

Precisamos mesmo destacar que sentiríamos uma grande satisfação se o nosso trabalho pudesse encaixar-se na primeira concepção dos finais. Mas, infelizmente, as concessões aos fenômenos complexos dos tempos modernos o não admitem.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	12
1.1. Apresentação	12
1.2. Conceitos do Programa Minimalista	16
1.3. Os dados do renano-palatino	19
CAPÍTULO 2 - A POSIÇÃO DO VERBO NA PRINCIPAL	27
2.1. Descrição Geral	27
2.2. IP ou CP	30
2.2.1. Fatos de extração	31
2.2.2. Construções com "denn"	33
2.2.3. Construções com "es"	34
2.2.4. Adjunção a IP	37
2.2.5. Dados do holandês	39
2.2.6. Evidências das línguas escandinavas: dinamarquês, noruguês, sueco	42
CAPÍTULO 3 - A RECURSÃO DE COMP	44
3.1. Dois grupos de línguas germânicas	44
3.2. Fatos de recursão de CP em inglês	48
3.3. Uma motivação empírica da recursão em alemão?	50
3.4. A proposta de um outro ZP	51
CAPÍTULO 4 - A Caracterização de C ^o	61
4.1. A atribuição do nominativo	61
4.2. C ^o é caracterizado por traços categoriais [V]	62
4.3. C ^o tem traços morfosintáticos	65
4.3.1. C ^o tem Agr	66
4.3.2. C ^o seleciona Agr	69
4.3.3. C ^o tem [tempo] e [concordância]	72
4.3.4. C ^o tem [tempo]	73

CAPÍTULO 5 - ANÁLISES DA CONCORDÂNCIA EM COMP	76
5.1. A proposta de um movimento AgrS→COMP	77
5.1.1. O movimento do verbo	79
5.1.2. A especificação de C°	81
5.2. A proposta de um Agr dos clíticos	86
5.2.1. Argumentos contra uma posição fixa dos clíticos	89
5.2.2. Uma estrutura sem uma posição fixa dos clíticos	92
5.3. Um Agr de concordância	95
5.4. Uma explicação da concordância em Comp sem movimento	98
5.5. Os movimentos do verbo e a posição do sujeito	100
CAPÍTULO 6 - A POSIÇÃO DO VERBO NA SUBORDINADA	103
6.1. A ordem universal VO	104
6.2. Alemão e holandês mostram a ordem núcleo inicial dentro de IP	109
6.3. A posição do verbo final é final?	110
6.4. A assimetria entre sentença principal e subordinada	116
6.5. A cadeia-T	120
6.5.1. A interpretação do tempo	123
6.5.2. A checagem dos objetos	126
CONCLUSÕES	129
BIBLIOGRAFIA	133

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO

Seria exagerado dizer que o assunto desta tese vem sendo alvo de investigação por quase um século, embora seja verdade que o primeiro trabalho filológico sobre este tema, do qual fiquei sabendo, data do ano 1918.¹ Mas depois disso, o interesse linguístico diminuiu e só surgiu de novo nos anos 80, desta vez, sob a perspectiva teórica da gramática gerativa. O primeiro trabalho dentro desta linha, especificamente sobre este assunto, é o de Bayer (1984). Independente disso, a concordância em Comp tem sido usada, em muitas publicações sobre as línguas germânicas, como um dos pontos centrais na argumentação da estrutura sentencial. Nos anos 90, os trabalhos de Zwart (1993a, b, c) enfocam de novo a questão, interpretando-a dentro do quadro teórico estabelecido pelo Programa Minimalista, lançado por Chomsky em 1992 e publicado em 1993.

A concordância entre o complementizador e o sujeito é um fenômeno apresentado por muitos dialetos do alemão e do holandês. Porém, apesar do alto número de dialetos em que esta concordância se verifica, a sua frequência dentro de cada um deles não chega a ser alta. O uso desta morfologia está diminuindo, da mesma forma que o uso do dialeto em geral. Ainda que esta concordância seja usada, ela não determina a gramaticalidade da sentença: pode ser realizada ou não. Além disso, dificilmente ela apresenta um paradigma completo. No renano-palatino, dialeto do qual quero tratar neste trabalho, ela só se mostra na segunda pessoa do singular (2.ps.sg):

- (1) ...wenn - sch -e in die stadt geh-sch
se 2.sg. você (clít.) para a cidade vai-2.sg.
" se 2.sg. você vai para a cidade"

¹ O trabalho é citado por Bayer (1984) e trata do bávaro: Pfalz, A. (1918) "Suffigierung der Personalpronomina im Donaubairischen". Kaiserliche Akademie der Wissenschaften in Wien, philosophisch-historische Klasse, Sitzungsberichte 190

O morfema flexional *-sch-*, que é igual ao do verbo, forma, junto com a conjunção à sua frente e o clítico de sujeito adjacente *-e*, uma unidade fonológica. Poder-se-ia perguntar a razão da limitação à segunda pessoa, pergunta para qual, por enquanto, não tenho resposta. Poder-se-ia perguntar, ainda, sobre as outras ocorrências possíveis da concordância, pergunta já mais fácil de responder. É isso o que tento fazer na terceira parte deste capítulo: trazer mais dados do renano-palatino à discussão, como um dos objetivos deste trabalho. Contudo, é um objetivo subordinado, pois o problema não fica na parte descritiva, mas na interpretação teórica deste fenômeno, assunto central desta tese.

Digo "assunto central", mas estou consciente de que esta tarefa poderia ser feita de uma maneira muito mais profunda, mais abrangente, e, inclusive, melhor organizada. Quando comecei com o projeto de trabalhar com a concordância em Comp, o primeiro objetivo foi fazer uma revisão da literatura sobre as línguas-V2 e encaixar "o objeto de estudo" nas propostas feitas. Aconteceu que o início do projeto coincidiu com o lançamento do Programa Minimalista que se impôs para ser o quadro teórico de qualquer análise feita dentro da gramática gerativa. Além disso, surgiram os trabalhos de Zwart sobre a concordância de Comp nos dialetos holandeses, que também tentaram aplicar as novas propostas teóricas. Tudo isso indicou que meu primeiro objetivo tinha que passar de uma revisão bibliográfica geral, mais sistematizada, do V2 a uma leitura crítica da análise de Zwart, desenvolvendo uma proposta própria. É isso que quero tentar no capítulo 5. Admito que para esta tarefa seria necessário dispor de um bom conhecimento das discussões sobre problemas específicos da língua alemã como, por exemplo, o problema do *scrambling* (o fato de o alemão admitir diversas posições para os objetos e os advérbios, resultando numa aparente arbitrariedade, de tal forma que J. Ross tenha se inspirado na expressão *scrambled eggs* (= ovos mexidos) para conceituar o fenômeno).² Outro problema é o tipo dos pronomes: eles são fortes, fracos, clíticos? Embora assumo uma posição para o renano-palatino no capítulo 5, estou consciente que deveria aprofundar minhas decisões com muito mais leitura, outra tarefa para a qual me faltou o tempo.

Disse que os meus objetivos mudaram, mas isto é só uma parte da verdade. É melhor dizer que o enfoque dos objetivos mudou, pois as perguntas centrais, que surgiram na bibliografia pré-minimalista, ficaram as mesmas e nem poderiam ser abandonadas em um novo modelo gramatical, que ainda precisa provar sua validade teórica - já que ele mesmo confessa seu caráter programático. O enfoque mudou de uma revisão da argumentação pré-minimalista a

² Encontrei este "histórico" do conceito em H. Haider (1993) *Deutsche Syntax - generativ: Vorstudien zur Theorie einer projektiven Grammatik*. - Tübingen: Narr, p.197, que cita J. Ross (1967) *Constraints on Variables in Syntax*. MIT. Tese não-publicada.

uma análise minimalista, porém carece da volta necessária para reinterpretar esta argumentação "tradicional", de maneira sistemática, sob o ponto de vista minimalista. Minhas tentativas ficaram no nível não-sistemático, ponto do qual estou consciente e que talvez explique um certo descompasso entre as partes da tese. Falemos delas:

A primeira questão a ser discutida é aquela da posição do verbo finito nas sentenças principais. Ele ocupa sempre a mesma posição, o núcleo C^o, como sugere a análise simétrica, que domina a discussão das línguas V2? Quase todos os trabalhos seguem essa linha, cujos representantes mais importantes são Platzack (1986, 1995), Schwarz & Vikner (1989), Vikner (1991), só para citar alguns que se preocuparam especificamente com esta questão. Mais fácil é denominar aqueles pesquisadores, que seguem a linha "marginal" da análise assimétrica, pois são poucos: em sua tese de 1984 Travis propôs pela primeira vez que o verbo, nas principais que começam com o sujeito, se encontraria no núcleo de IP. Só nas topicalizações e perguntas, ele se deslocaria para C^o. Outras análises dentro desta linha são as de Zwart (1993a,b,c) e de Shlonsky (1994) embora a última não discuta especificamente esta questão. Assumirei a análise assimétrica por motivos a serem discutidos no segundo capítulo.

Assumindo que o verbo, em alguns ou em todos casos, ocupe C^o, deve-se explicar a possibilidade de ocorrência de sentenças encaixadas com o complementizador realizado. Tem sido proposto, para esta finalidade, a recursão de Comp. Com essa questão entramos no campo determinado da variação permitida entre as diversas línguas e dialetos germânicos, para o que quero apresentar algumas propostas de soluções no terceiro capítulo. Nem no alemão padrão, nem no renano-palatino, V2 encaixado é permitido com a realização do complementizador. Porém, preciso reformular esta alegação categórica que domina a discussão dentro da gramática gerativa. É verdade que o complementizador *daß* (= que), que introduz complementos sentenciais, não admite V2 encaixado, mas exige que o verbo finito ocorra no final, na sua posição canônica dentro da subordinada. Entretanto, a troca dessa posição final pela segunda se verifica com outros complementizadores, principalmente com *weil* (= porque) e *obwohl* (= embora). Apesar de eu não pretender discutir este fato exaustivamente, quero apresentá-lo no terceiro capítulo, que é destinado a tratar das questões do sistema CP relevantes para nosso assunto. Aqui cabe, portanto, mais uma pergunta: estou assumindo a hipótese do Comp dividido (*splitted Comp*), que consiste de duas projeções: uma projeção para as perguntas (WhP) e uma para as topicalizações (TopP), como foi proposto por Hoekstra (1993) para o holandês. Isso significa que temos que reformular todas as perguntas feitas até agora. O que quer dizer "recursão de Comp"? Recursão de qual projeção? Precisa-se da noção da "recursão"

com a existência de mais categorias? Para que posição vai o verbo, se CP não existe mais? Onde são os complementizadores?

Poder-se-ia dizer que estou reintroduzindo a projeção CP "perdida" por assumir um núcleo AgrC, situado entre essas duas projeções (WhP e TopP) e AgrSP. A sua especificação em termos de traços fortes e fracos (veja a seguinte seção, que define essas noções) depende do elemento lexical na sua frente: com um tópico ou um elemento-Wh no especificador das projeções anteriores, ele tem traços-V fortes, causando o movimento do verbo. Se, à sua esquerda, se encontram os complementizadores dos diversos tipos, AgrC não pode desencadear o movimento do verbo por ter traços fracos. Essa especificação distinta para matriz e subordinada explicará as diversas posições do verbo (V2 e V-final).

O quinto capítulo traz minha proposta de solução para o problema da concordância em Comp. Parto da categoria AgrC, proposta por Shlonsky (1994) para o flamengo ocidental, que é concebida como categoria de concordância, situada abaixo de CP. Seu núcleo é ocupado pelo morfema flexional que se move para o complementizador em C^o, ao qual ele se adjunge à direita, resultando assim na ordem: *complementizador/morfema flexional/clítico de sujeito*, que está situado em [Spec, AgrC]. Eu modificarei esta proposta por não ser de acordo com os princípios de Kayne (1993), estabelecidos para adjunções. Por motivos de hierarquização, adjunções sempre devem ser à esquerda (para uma argumentação mais detalhada, veja o cap. 6). Portanto, estou reinterpretando os elementos em questão: no núcleo da projeção AgrC, se encontra o clítico de sujeito e o morfema flexional está no especificador dessa categoria. Não há mais movimento; a cliticização é fonológica e pode se realizar à direita.

Finalmente, quero esboçar algumas idéias em relação à caracterização de C. Não havendo mais C, evidentemente, esta pergunta também precisa ser reformulada, o que poderia ser feito da seguinte maneira: Que propriedades das línguas-V2 levam o verbo a se deslocar? Escolhi o termo "propriedade" exatamente por ser amplo: ele pode se referir a propriedades, configuracionais, lógicas ou à sua interação. O capítulo 4 tratará, portanto, de questões como a das propriedades de [tempo], [concordância], [finitude], [predicação] e [proposição] como especificações de C nas línguas V2. Depois de uma apresentação geral, quero discutir esta questão partindo da assimetria entre sentença principal e subordinada com respeito à posição do verbo no capítulo 6. Interpretarei o morfema *-sch-* como operador de tempo que liga uma variável, o verbo na posição final. Preciso repetir, mais uma vez, que, para propor ou defender uma certa interpretação do "sistema CP" baseada em conceitos lógicos, me falta o conhecimento da bibliografia relevante. Este último capítulo, portanto, é muito mais uma visão de futuras pesquisas do que a apresentação de uma argumentação própria desenvolvida.

1.2. CONCEITOS DO PROGRAMA MINIMALISTA

Os trabalhos de Zwart (1993) constituem a primeira tentativa de interpretar a concordância em Comp dentro do Programa Minimalista, lançado por Chomsky em 1992 e publicado em 1993. Este modelo de gramática (e, finalmente, de língua) quer, mais uma vez dentro da história da gramática gerativa, eliminar as redundâncias teóricas ao tirar tudo o que não seja necessário conceitualmente. Dessa maneira, começa-se a reduzir os níveis de representação envolvidos no processo da produção da linguagem, definida como língua-I, que gera as expressões lingüísticas ou descrições estruturais, SDs (do termo inglês *structural descriptions*). A "máquina geradora" é reduzida a um único sistema que recebe os elementos a serem computados diretamente do léxico. Não existem mais os níveis de estrutura-D e estrutura-S. As sentenças da sintaxe aberta são vistas como estruturas que revelam um certo momento dessa derivação computacional, momento chamado de *spell-out*. Neste momento, a expressão lingüística se torna uma "entidade empírica", entrando no componente fonético, PF (*Phonetic Form*). Mas o processo de computação não termina aí; ele continua invisivelmente, na forma lógica, LF (*Logical Form*), até a SD achar sua interpretação plena. PF e LF são os únicos níveis que condicionam o processo computacional. Concebidos como interfaces dos sistemas performáticos de articulação e percepção (A-P) e de concepção e intenção (C-I), respetivamente (Chomsky, 1993: 2,3), elas só conseguem interpretar as SDs que se consistem de objetos legítimos. Objetos legítimos, na forma fonética, são definidos pelos princípios da fonética universal; na forma lógica, eles são cadeias "CH = $(\alpha_1, \dots, \alpha_n)$: at least (perhaps at most) with CH a head, an argument, a modifier, or an operator variable construction." (Chomsky, 1993: 27) Se a SD entra na sintaxe visível somente com objetos legítimos, a sentença converge, senão ela aborta. (op.cit., p. 5). Assumindo que PF e LF sejam iguais para todas as línguas (op.cit., p. 26,27), as diferenças entre as línguas se reduzem em propriedades morfológicas, somente refletidas em PF (op.cit., p. 24,25). Estes traços morfológicos são vistos como características intrínsecas dos itens lexicais e determinam, finalmente, a sua ordem dentro da sentença através do processo de checagem. As posições checadoras são as categorias funcionais, especificadas por traços relacionados a verbo (traços-V) e a NPs (traços-N). Se estes traços são fortes, eles causam o movimento de um certo item lexical antes de *spell-out*. No processo de checagem, os traços são eliminados, transformando, desta maneira, a SD numa estrutura que consiste somente de objetos interpretáveis pelos dois níveis de interface, PF e LF: a sentença converge. Se *spell-out* ocorre antes de os traços fortes serem eliminados. PF e LF se confrontam com objetos morfológicos para os quais eles não podem atribuir uma interpretação:

a sentença aborta. Os traços fracos não precisam ser checados antes de *spell-out*. Somente em LF, os itens lexicais devem encontrar suas categorias funcionais correspondentes para evitar o "crashing" (o aborto) da sentença.

Parece que, dentro do Programa Minimalista, não são somente as categorias funcionais especificadas por traços fortes e fracos, mas também os itens lexicais. Esta conclusão deriva das seguintes citações do texto, onde Chomsky explicita a checagem do verbo α contra as categorias flexionais I: α tem

"inflectional features in the lexicon as intrinsic property (in the spirit of lexicalist phonology); these features are then checked against the inflectional element I in the complex [α I]. If the features of α and I match, I disappears and α enters the PF component under Spell-out; if they conflict, I remains and the derivation crashes at PF"

(Chomsky, 1993: 27,28)

"(...) we may take a lexical element - say, the verb V - to be a sequence $V = (\alpha, \text{Infl}_1, \dots, \text{Infl}_n)$, where α is the morphological complex [R-Infl₁-...-Infl_n], R a root and Infl_i an inflectional feature. The PF rules only "see" α . When V is adjoined to a functional category F (say, Agr_o), the feature Infl_i is removed from V if it matches F: and so on. If any Infl_i remains at LF, the derivation crashes at LF."

(Chomsky, 1993: 28)

Esta interpretação também está de acordo com a formulação do princípio de "avareza" (*greed*), que diz que uma operação não pode ser aplicada para ajudar satisfazer as propriedades morfológicas de um outro elemento, mas somente as necessidades próprias do elemento sobre o qual se aplica a operação (op.cit., p. 33). Embora esta definição se refira principalmente aos outros itens lexicais, ela pode ser interpretada também em respeito às categorias funcionais. Conclui-se, portanto, que as especificações à respeito de traços fortes e fracos são sempre duplas ou mútuas, tendo a sua realização nas categorias funcionais e nos itens lexicais. Quero apontar o fato de que, com esta interpretação, as caracterizações do aparelho descritivo se duplicam. Uma categoria funcional com um traço-V forte deve ter automaticamente um traço correspondente no item lexical. Assumirei esta caracterização dupla sem mencioná-la detalhadamente para todos os casos. Essa hipótese, porém, levanta um outro problema para o qual não tenho uma solução. Uma língua com construções diferentes na matriz e na subordinada, como o alemão, além de trabalhar com especificações distintas das categorias funcionais nos dois tipos de sentenças, deve ter, também, duas entradas para cada verbo: uma

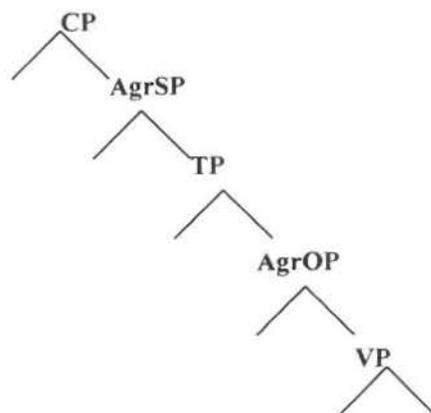
para a sentença principal, onde o verbo ocupa a segunda posição, e uma outra para a subordinada, onde o verbo está na posição final, o que é uma suposição muito custosa.

Quanto ao princípio da "avareza", sabe-se que ele é um dos princípios de economia que têm um caráter "global" em respeito a complexidade computacional (op.cit., p. 33) e que decidem entre diversas derivações possíveis: a derivação mais econômica, que converge, bloqueia todas as outras. (op.cit., p. 34). "Avareza" é um caso específico de um outro princípio, o do "último recurso" (*last resort*). Diz que um passo dentro da derivação só é legitimado se for necessário para a convergência, se, sem ele, a sentença abortar. (op.cit., p. 32) Resulta disso que, uma derivação mais curta deve ser preferida a uma derivação mais longa (op.cit., p. 33) caso ela convirja sem este passo a mais. Este será o único resíduo das condições dos movimentos mais curtos e com menor número de passos, os quais serão substituídos pela operação "Formar Cadeia". O motivo dessa substituição é o aparente conflito entre as duas condições: movimentos cíclicos envolvem um número maior de passos derivacionais. Poder-se-ia concluir, de maneira errada, que movimentos maiores, não-cíclicos, sejam preferidos por envolver o número menor de passos. Chomsky resolve o paradoxo tomando a operação transformacional básica como sendo "Formar Cadeia" e não "Mover α " (op.cit., p. 15).

O outro princípio da economia, "Procrastinação", visto como evidente e "natural", simplesmente diz, que movimento em LF é mais "barato" do que movimento aberto (p. 30). Segue-se disso, que a caracterização de traços fracos deveria ser o caso *default* por atender este princípio de economia. Para um elemento se mover, precisa-se de evidência forte concebida em termos de traços fortes.

A estrutura básica da sentença é assumidamente a seguinte (op.cit., p. 7):

(2)



com os seguintes movimentos, motivados por razões de atribuição de caso: T sobe para AgrS, e V sobe para AgrO. No alemão, esta estrutura será submetida a algumas modificações, introduzidas no capítulo 5.

1.3. OS DADOS DO RENANO-PALATINO

A denominação "renano-palatino" para o dialeto em questão se refere à língua falada no sudoeste do estado de Renânia-Palatinado, uma região que faz fronteira com o estado de Sarre e a França. A maioria das pessoas ainda fala o dialeto, embora, os mais jovens já demonstrem uma forte influência do alemão padrão em sua fala.

Como já foi dito na apresentação, o renano-palatino apresenta concordância morfológica, ligada ao complementizador da subordinada, com o sujeito da sentença. Repito o exemplo (1) como (3):

- (3) ...wenn-sch -e in die stadt geh -sch
se 2.sg. você (clít.) à cidade vai-2.sg.³

O complementizador, o morfema flexional e o clítico de sujeito formam uma unidade fonológica. Há mais um clítico de sujeito (*de*) que pode ou não ocorrer com o morfema flexional. Veja (4a,b):

- (4) a. wenn-*de* in die stadt gehsch
se *você* (clít) para a cidade vai
- b. wenn-sch-*de* in die stadt gehsch
se 2.sg. *você* (clít.) para a cidade vai

Não se trata de um pronome pleno da 2.ps.sg., pois ele não pode aparecer na frente do verbo finito na sentença principal (sobre este teste, veja também cap. 5):

³ A ortografia segue o alemão-padrão no sentido que usa as mesmas letras do alfabeto para os mesmos fonemas. A única diferença é de que não usarei letras maiúsculas para os nomes.

- (4) c.* *de* gehsch in die stadt
você vai para a cidade

Poder-se-ia supor que o clítico *-e* fosse simplesmente uma redução fonológica do clítico *de*, sem nenhuma significação sintática. Mas o contraste entre (4a) e (4d) mostra o contrário:

- (4) (d) **wenn-e* in die stadt gehsch
se você (clít.) para a cidade vai

Se (4d) fosse simplesmente uma redução fonológica, ela não poderia implicar a agramaticalidade. Concluimos, portanto, que o renano-palatino dispõe de dois clíticos de sujeito, fato que será importante na argumentação apresentada no cap. 5. O clítico de sujeito nunca pode ser omitido, senão a sentença se torna agramatical.

Além do caso das sentenças subordinadas de adjunção e de complemento⁴, a concordância em Comp pode ocorrer em outros tipos de sentenças subordinadas como nas perguntas encaixadas (5) ou nas relativas (6).

- (5) er will wisse, **wann -sch -e** komm-sch
ele quer saber quando 2.sg. você (clít.) vem 2.sg.

- (6) der mann, **den-sch-e** jede daa siehsch
o homem que 2.sg. você (clít.) todo dia vê 2.sg.

Existe, também, o fenômeno chamado de "Comp duplamente preenchido": o elemento Wh em (5) pode coocorrer com um complementizador lexical que ficará com o morfema de concordância, como em (7).

- (7) er will wisse, **wann da-sch-e** komm-sch
ele quer saber quando que 2.sg. (clít.) vem (2.sg)

⁴ Nesse caso, o complementizador *daß*, pronunciado /das/, perde o *-s* final:

da-sch-e in die stadt gehsch
que 2.sg.você para a cidade vai

Para o caso da relativa em (6), existe um complementizador só para relativas (como em alguns dialetos da Suíça e no bávaro) que é fonologicamente idêntico ao pronome interrogativo *wo* (= onde):

- (8) der mann, (dene) **wo -sch-e** jede daa sieh-sch
o homem que Comp 2.sg. clít. todo dia vê (2.sg)

Com ele, o pronome relativo não precisa ser realizado, como indicam os parênteses.

Finalmente, o morfema flexional pode aparecer depois de um NP complexo, como em (9a), construção que também admite o preenchimento por um complementizador (9b):

- (9) a. was fer e buch-**sch - e** lesch, det ich gere wisse
que livro 2.sg. você (clít.) lê, aux.condit. eu adv saber.
"Que livro 2.sg. você está lendo, gostaria de saber"

- b. was fer e buch **da-sch-e** lesch, det ich gere wisse
que livro que 2.sg.você (clít.) lê, aux.condit. eu adv saber

Os dados parecem indicar que a concordância sempre se encontra depois de C^0 , interpretação evidenciada também pela impossibilidade de a concordância ocorrer antes do complementizador. Veja o exemplo do Comp duplamente preenchido, com o marcador de concordância ligado ao elemento-Wh, que é agramatical, tanto com o clítico de sujeito adjacente a ele (10a), quanto com o clítico adjacente ao complementizador. (10b):

- (10) a.* er will wisse, wann-**sch-e** daß kommsch
ele quer saber quando **2.sg. você** que vem

- b.* er will wisse, wann-**sch** daß-**e** kommsch
ele quer saber quando **2.sg. que** **você** vem

Quero apontar para o fato de que a relação de concordância entre o complementizador e o verbo é assimétrica no sentido de que, no lado do complementizador, ela só ocorre na 2.ps.sg,

enquanto o verbo realiza, com exceção da primeira pessoa do singular (1.ps.sg.), um afixo flexional para cada pessoa, mesmo sendo idênticos no plural⁵

(11)

Singular	Plural
ich geh-	mer geh-n
du geh-sch	ehr geh-n
der geh-t	die geh-n

O renano-palatino não apresenta uma exceção em respeito ao seu paradigma defectivo. É difícil achar um dialeto com um paradigma completo, e muitos apresentam a concordância só na segunda pessoa⁶, veja o exemplo do bávaro (Zwart 1993b: 252)

(12) (a) damidsd kommsd
para que 2.sg vem 2.sg.

(b) damidds kommds
para que 2.pl vem 2.pl.

O único exemplo conhecido de um paradigma completo é o flamengo oriental. Veja em (13) os marcadores de concordância (em negrito>):

(13) a. da-**n**-k ik komen
que-1.sg. eu eu veio-1.sg

b. da-0-j gie komt [0 < t]
que-2.sg. você você vem 2.sg.

c. da-**t**-j ij komt
que-3.sg. ele ele vem-3.sg.

⁵ Não se trata-se, portanto, de um paradigma [+pron], (que admite uma desinência zero e um sincretismo) nem de um paradigma [+MU], morfologicamente uniforme, que consiste somente de formas flexionais derivadas ou somente de formas flexionais não-derivadas, conforme os critérios de Roberts (1993: 127).

⁶ Zwart (1993b: 252) menciona exemplos de outras pessoas: "East Netherlandic has an agreeing complementizer only in the first person plural (1PL), South Hollandic only in 1PL and 3PL."

d. da-0-se zij komt [0 < t]
que-3.sg. ela ela vem-3.sg.

e. da-0-me wunder komen [0 < n]
que-1.pl. nos nos vem-1.pl

f. a-0-j gunder komt [0 < t]
que-2.pl. vocês vocês vêm-2.pl

g. da-n-ze zunder komen
que-3pl. eles eles vem-3.pl.

(exemplos de Zwart 1993b: 252, Shlonsky 1994: 354)

As anotações do tipo [0 < t] indicam que a consoante da concordância pode ser truncada. Portanto: mesmo sendo um paradigma completo, ele mostra certas irregularidades, como a possibilidade da concordância omitida ou a sua identidade fonológica com o clítico de sujeito, apresentado claramente na terceira pessoa do singular (3.ps.sg.) neutro, citado por Shlonsky (1994: 354,):

(14) da-t (-t) tet werk-t
that 3.sg.neut. it (clít) it work 3.sg.neut⁷

Por isso Bayer considera o complementizador flexionado em flamengo ocidental "a blend of verbal and nominal clitic morphology" (Bayer 1984: 247). Esta citação não precisa-se referir somente ao flamengo ocidental. Como vimos no exemplo (4d) do renano-palatino, o clítico do sujeito não pode ocorrer sem o morfema de concordância. Zwart (1993b: nota 10) aponta para o fato de que o estado da terminação *-s(t)* no complementizador nos dialetos germânicos (que corresponde ao *-sch-* do renano-palatino), aparentemente uma flexão verbal, poderia ser uma combinação da flexão do complementizador e do clítico sujeito. Poderíamos ser mais "radicais" ainda e perguntar se o marcador de concordância não poderia ser um clítico e o aparente "clítico de sujeito", um afixo verbal.

Roberts, por exemplo, rejeita para o inglês a interpretação dos morfemas *-s* da 3.ps.sg. do presente e *-ed* do passado como afixos, por causa da singularidade do fenômeno (1993:

⁷ Deixei a glosa em inglês por ter um pronome de 3.ps.sg.neutro.

244). Ele fala de uma flexão sem paradigma. Mesmo sendo morfemas ligados, eles não se realizam no mesmo nível da estrutura morfo-sintática como os morfemas flexionais de um paradigma, que estão localizados no nível X^{-1} . Roberts considera flexões sem paradigma no nível de X^0 (1993: 244) Seguindo dessa interpretação, a concordância pode ser vista como clítico. Desta maneira, surgem semelhanças com os clíticos pleonásticos em certas variedades do espanhol (Santiago do Chile) ou em dialetos italianos:

- (15) a. y el **la** fue a dejar**la** y entonces a mí no me gustó.
b. Se **la** estoy pasándosela.
c. **Lo** voglio farlo.

Os exemplos (a) e (b) são de Silva-Corvalán (1989: 101), o último de Nunes (1994: 16). Aqui não se trata da duplicação dos clíticos, um conceito que se refere à coocorrência de um pronome clítico junto com um objeto nominal co-referencial na mesma sentença:

- (16) Lo_i adoraba a su perro_j.

Nos casos (15a,b,c) encontramos dois pronomes cliticizados com a mesma função gramatical e o mesmo referente (abstraímos agora do fato de que é preciso ter pelo menos dois verbos na mesma sentença). A descrição morfológica é semelhante ao caso da concordância em Comp, onde dois morfemas têm o mesmo referente e a mesma função gramatical. Porém, por enquanto só quero apontar a estes fenômenos semelhantes, pois não tenho uma proposta que os ligue numa única explicação, nem sei se é possível.

Em seguida, quero aplicar alguns testes propostos por Zwicky em seu artigo clássico de 1985⁸, através dos quais ele pretende distinguir afixos de clíticos. Embora se possa duvidar da

⁸ O que torna difícil a distinção entre afixos e clíticos, são suas semelhanças (Zwicky 1985:287):

- * Os dois são elementos ligados e não podem ocorrer isoladamente.
- * São elementos que encerram palavras proibindo a continuação de um processo de afixação além dos limites por eles estabelecidas.
- * Afixos e clíticos geralmente mostram uma ordem fixa. Uma possível mudança dessa ordem refletiria uma diferença na significação cognitiva. Palavras são muito mais livres a esse respeito.
- * Clíticos e afixos têm uma distribuição simples, muitas vezes restrita a uma única possibilidade. Palavras podem combinar-se de maneiras muito mais diversificadas.
- * Morfológicamente eles são menos complexos.
- * Clíticos, como partes de palavras (ou construções semelhantes a elas) são imunes a processos sintáticos (essa afirmação, obviamente, não pode ser considerada um critério independente, mas já mostra uma certa suposição teórica que é refutada por Baker (1988).

validade teórica desse procedimento, ele pode ser útil para descobrir mais restrições de ordem sobre os morfemas que nos interessam.

Os critérios são formulados como "tendências" (Zwicky 1985: 285):

1. Clíticos podem exibir um grau baixo de seleção com respeito a seu alvo, enquanto afixos exibem um grau alto de seleção com respeito a seus raízes.
2. Lacunas arbitrárias no conjunto de combinações são mais características para palavras afixadas do que para grupos de clíticos.
3. Regras sintáticas podem atingir palavras afixadas, mas não podem atingir grupos de clíticos.
4. Clíticos podem se grudar a materiais que já contém clíticos, mas afixos não podem

Baseado nessas tendências, pode-se decidir se o morfema *-sch-* mostra mais semelhanças com os afixos do que com os clíticos?

O critério **1**, sugere que ele se liga a um complementizador (1), a um elemento-wh (5), a um pronome relativo (6) ou a um XP (9). Porém, pode se concluir daí que ele mostra um alto grau de seleção? Acho que não, pois sua posição sintática é sempre a mesma, como fica evidente nos exemplos com o Comp duplamente preenchido (7,8,9b): ocorre depois de C^o.

O critério **4** fala mais em favor de uma interpretação de afixo do que de clítico. Podemos juntar mais clíticos a (4c) criando (17), mas não é possível ligar o morfema *-sch-* a um grupo de clíticos, como se vê em (18):

(17) wenn-*sch*-e-s-em gebsch
se-2.sg-(clít.do suj) (ac)(dat)dá
"se (2.sg.) você o lhe dá"

(18) *wenn -e-s-em-*sch* gebsch
se (clít.do suj) (ac)(dat) 2.sg. dá
"se você o lhe dá"

O critério **3** depende da visão teórica, pois, conforme Baker (1988), as regras sintáticas também, atuam no nível abaixo de X⁰. O critério **2**, por sua vez, também não é muito útil para

os nossos fins. Poder-se-ia argumentar, que num paradigma como o do flamengo ocidental, que apresenta muitas "lacunas arbitrárias", o morfema flexional pode ser visto como afixo.

Supondo-se, entretanto, que essa perda de concordância possa continuar e talvez resulte num paradigma com uma única realização de concordância, caso discutido por Roberts (citado acima), a questão da avaliação deste "paradigma" se coloca. Admito que, por enquanto, não tenho resposta e preciso deixar a questão "*clítico ou afixo*" em aberto. Bayer (1984) decide a questão pragmaticamente ao adotar o critério da identidade morfológica: se o afixo do verbo e do complementizador é o mesmo, Bayer opta para a interpretação de afixo, se for diferente, ele o considera como clítico de sujeito.

(19)

Singular	Plural
wenn-e kumm	wenn-ma kumm-a(n)
wenn-st kumm-st	wenn-ts kumm-ts
wenn-a kumm-t	wenn-s kumm-a(nt)

Isto significa que, nesse paradigma, só a segunda pessoa mostra o afixo da concordância. Se adotasse o mesmo critério para o afixo *-sch-* deveria trabalhar com a hipótese de que se trata de um afixo e não de um clítico, mas como já disse, prefiro não decidir a questão.

CAPÍTULO 2

A POSIÇÃO DO VERBO

2.1. DESCRIÇÃO GERAL

Como a concordância em Comp está sendo usada como evidência empírica da posição do verbo finito na frase matriz, é necessário esboçar em poucas palavras o que ficou conhecido como fenômeno V2, e as restrições de ordem na subordinada.

Embora o alemão apresente uma ordem de palavras mais ou menos livre, ele tem uma forte restrição com respeito à posição do verbo. Exige que, na sentença principal, o verbo finito ocorra como segundo constituinte. A posição à sua frente deve ser preenchida, não importa se pelo sujeito (1), por um objeto (2a,b), por um advérbio (2c,d) ou por um elemento-Wh (3). O resultado é o conhecido fenômeno V2. Os casos que permitem que a posição antes do verbo finito fique vazia (V1) se restringem a imperativos e perguntas do tipo SIM/NÃO (4a,b).⁹ Nas subordinadas, o verbo aparece em posição final (5). Veja os exemplos abaixo para cada caso:

I - V2

Sujeito - verbo (S1)

- (1) Hans hat gestern seinem Vater wahrscheinlich den Hund gegeben.
João tem ontem seu pai (dat) provavelmente o cachorro (ac) dado
"Provavelmente João deu ontem o cachorro ao seu pai."

⁹ Estou deixando de lado os casos de sujeito nulo que ocorrem no discurso, em diários e cartas, que são considerados como característicos para um estilo narrativo. O seguinte exemplo é da peça "Der Besuch der alten Dame" (A visita da Senhora velha) de Friedrich Dürrenmatt (pág.40)

Primeiro freguês: Cigarros.

Zigaretten

Dono: Como todo dia

Wie jeden Morgen

Primeiro freguês: Não estes, quero-os verdes

Nicht diese. (suj. nulo) möchte die Grünen.

Dono: Mais caros.

Teurer.

Primeiro freguês: Anote!

Schreiben's auf!

XP - verbo (T1, de tópico)

- (2) a. Seinem Vater hat Hans gestern wahrscheinlich den Hund gegeben.
Ao seu pai tem João ontem provavelmente o cachorro dado.
- b. Den Hund hat Hans gestern wahrscheinlich seinem Vater gegeben.
O cachorro tem João ontem provavelmente ao seu pai dado.
- c. Gestern hat Hans wahrscheinlich seinem Vater den Hund gegeben.
Ontem tem João provavelmente ao seu pai o cachorro dado.
- d. Wahrscheinlich hat Hans gestern seinem Vater den Hund gegeben.
Provavelmente tem João ontem ao seu pai o cachorro dado.

Wh - verbo

- (3) Wann gibt Hans seinem Vater den Hund?
Quando dá João ao seu pai o cachorro?

II - V1

- (4) a. Gib deinem Vater den Hund!
Dá ao seu pai o cachorro!
- b. Gibst du deinem Vater den Hund?
Dá você ao seu pai o cachorro?

III - V-final

- (5) ... weil er seinem Vater den Hund gegeben hat
... porque ele ao seu pai o cachorro dado tem

Quero salientar o fato de que, também na sentença principal, podemos ter um elemento verbal no final. Neste caso, entretanto, ao contrário do que ocorre na subordinada, ele é não-

finito.¹⁰ Esse dado é importante em relação a um outro contexto: o da avaliação da ordem SOV na subordinada como ordem básica do alemão. Deveria ser pelo menos surpreendente que um fenômeno básico só se verifica na subordinada - tanto por razões conceituais, quanto por questões de aquisição da linguagem. Sabe-se que a aquisição da subordinada ocorre relativamente tarde e que depois disso as crianças não erram mais na colocação do verbo na segunda posição (Clahsen 1989: 11). Mas a ordem OV (com o elemento verbal no infinitivo) ocorre logo no início do processo da aquisição. Portanto são necessárias evidências dessa ordem básica, também na principal, que se encontram nos elementos não-finitos em posição final.

Outro exemplo da ordem básica na matriz são os verbos separáveis, onde a parte finita ocupa a segunda posição, deixando o prefixo (usualmente uma preposição) atrás:

- (6) Die Ausstellung fängt morgen an
A exposição começa amanhã (prefixo)

Lightfoot (1991) aponta estes exemplos que ele chama de "clause-union" data, para mostrar que a criança dispõe sobre dados "robustos" dentro da principal para derivar a ordem básica OV. A seguinte citação se refere ao holandês, que se comporta como ao alemão:

"... such "clause-union" data would be accessible to our degree-0 learner. In fact, Klein (1974) examined mothers' speech addressed to two Dutch two-year-olds and found a surprisingly high percentage of such structures (42% and 32%, respectively, of the total number of recorded utterances). The samples were small, and Klein chose to exclude several types of data, which may have skewed his statistics somewhat. However, he gives good reasons to believe that Dutch children pay much attention to such structures from an early age."

(Lightfoot, 1991: 53)

Sobre a parte descritiva dos fenômenos de ordem não existe controvérsia. Ela começa com a questão da posição do verbo finito nas diversas construções sentenciais e do sintagma à sua frente. Foi Den Besten (1977) que sugeriu pela primeira vez que o verbo na principal ocupasse a mesma posição do que a conjunção na subordinada, portanto, C⁰. Assim pode-se explicar, de

¹⁰ A existência de duas posições verbais na sentença principal representa um fenômeno conhecido na gramática tradicional "Satzklammer" ("pregador da sentença") que divide a sentença em três partes: a parte antes do verbo finito (*Vorfeld* - campo na frente), a parte entre os dois elementos verbais (*Mittelfeld* - campo do meio), e a parte depois do último elemento verbal (*Nachfeld* - campo final), um tipo de extraposição.

modo simples e elegante, a "assimetria" entre principal e subordinada com respeito à posição do verbo: na subordinada o verbo não se move para C⁰ porque essa posição já está ocupada.

Uma outra evidência da distribuição complementar do verbo e da conjunção encontra-se nas exclamativas irrealis do tipo "se fosse...", "se tivesse...".

(7) a. Wenn ich doch schon Ferien hätte!
Se eu já férias tivesse

b. Hätte ich doch schon Ferien!
Tivesse eu já férias

Nas propostas que seguem a idéia do verbo em CP (Vikner 1991, Platzack 1995 entre outros), interpretação que pode ser considerada dominante dentro da discussão sobre as línguas germânicas, a existência do morfema flexional da concordância pode ser interpretada como mais uma evidência empírica para esta hipótese.

A outra linha de pesquisa (Travis 1984, Zwart 1993a, b, c) coloca a questão sobre os motivos que levam o alemão, em todos os casos, a ativar o sistema CP e propõe que, nas sentenças com sujeito inicial, o verbo se encontre no núcleo de IP, de modo paralelo às línguas românicas. Só nos casos de inversão, com o sujeito pós-verbal, o verbo ocuparia uma posição mais alta. Refiro-me a esta proposta também como proposta "assimétrica" que assumirei e cujos argumentos e contra-argumentos quero discutir neste capítulo.

Resumindo, o primeiro tipo de assimetria encontrada na estrutura do alemão refere-se a ocorrência empírica do verbo na principal (segunda posição) e na subordinada (posição final). O segundo tipo de assimetria é um conceito teórico, situado dentro da interpretação da posição verbal na principal, que assume duas posições distintas: o núcleo de IP para as construções S1, e o núcleo de CP para as topicalizações e perguntas-Wh.

2.2. CP ou IP

A polêmica sobre a questão IP ou CP resultou num famoso artigo de Schwartz & Vikner (1989) sob o título "All Verb Second Clauses are CPs", que deixa clara a proposta dos autores. A seguir quero discutir os argumentos que são, em parte dos próprios autores, e, em

parte retomados da bibliografia anterior. Acrescentarei algumas novas idéias de trabalhos mais recentes como os de Zwart (1993a, b, c) e de Platzack (1995).

2.2.1. Fatos de extração

As sentenças com um adjunto extraído parecem ser uma evidência forte para a hipótese "simétrica". Um adjunto pode ser extraído de uma sentença, se houver inversão (8a). Se a ordem for canônica, a extração torna a sentença agramatical (8b):

- (8) a. Womit glaubst du *hatte das Kind* das Brot gegessen?
Com que acha você *tem a criança* o pão comido?
- b.*Womit glaubst du *das Kind hatte* das Brot gegessen?
Com que acha você *a criança tem* o pão comido?

Esta agramaticalidade pode ser explicada através da suposição de que a subordinada envolva um CP cujo especificador está ocupado pelo sujeito, impedindo que o vestígio do adjunto passe por esta posição, causando desta maneira uma violação do ECP. Na análise que considera somente um IP, [Spec, CP] ficaria vazia e, portanto, poderia receber o vestígio. Não haveria como explicar a agramaticalidade de (8b). (Schwarz & Vikner 1989:40).

Para "salvar" a proposta de um IP, pode-se pensar na possibilidade de os "verbos de dizer" (ver também cap. 3) selecionarem tanto um CP, quanto um IP. Em (8b), o verbo da matriz optou pela seleção de um IP, eliminando o lugar de pouso para o vestígio do adjunto movido.

Dentro do Programa Minimalista, a questão não está clara: como, em LF, todos os verbos se movem supostamente para Comp¹¹, C deveria estar presente na numeração inicial (se ela contiver também categorias funcionais), selecionado desde do início. Mas a alegação de Chomsky de que não é admissível adicionar elementos depois do *spell-out* refere-se somente aos elementos lexicais.

¹¹ cf. Zwart 1993a:305, que cita Law, P. (1991) Verb Movement, Expletive Replacement and Head Government, Paper presented at GLOW, Leiden

"After Spell-Out, neither the phonological nor covert component can have any further access to the lexicon, a requirement for any theory, on the weakest empirical assumptions (otherwise sound-meaning relations would collapse). (...) "Questions remain about lexical items lacking semantic or phonological features: can these be added at the root by the phonological or covert components, respectively?"

(Chomsky 1994:8,9)

Como eu prefiro a interpretação de que os "verbos de dizer" selecionam sempre um CP, preciso explicar a agramaticalidade de (8b) de uma maneira diferente. Seguirei Zwart (1993a: 310, 311) que se baseia no critério-Wh de Rizzi (1991). O ponto de partida para explicar a inversão obrigatória de (8a) é o movimento cíclico do adjunto: passando por [Spec, CP], ele deixa um vestígio, marcado [+Wh]. Por causa do critério-Wh o verbo deve se mover para C como nas perguntas-Wh não encaixadas. Se o verbo não se desloca para C, o traço [+Wh] não pode ser checado e eliminado o que resulta na agramaticalidade de (8b).

Mais uma evidência de que o problema não está bem colocado em termos de violação de ECP vem da extração do argumento.

- (9) a. Was glaubst du *hatte das Kind* gegessen?
O que acha você *tinha a criança* comido?
- b.*Was glaubst du *das Kind hatte* gegessen?
O que acha você *a criança tinha* comido?

(Zwart 1993a:310)

Como Zwart aponta, (9b) deveria apresentar apenas uma violação de subjacência e não de ECP (o caso de (8b)), resultando em maior aceitabilidade. Mas as sentenças são igualmente ruins.

Schwarz & Vikner (1989: nota 10) mencionam uma outra interpretação para estas sentenças, proposta por T. Hoekstra conforme a qual o grupo lexical *glaubte sie* (= acreditou ela) seria um parêntese inserido entre spec e núcleo do CP da matriz. Não se trataria de uma sentença V2 encaixada, mas de uma pergunta principal. Um argumento bom contra esta análise é o de Tomaselli, que diz que os julgamentos são os mesmos, caso o verbo esteja no subjuntivo. Mas um subjuntivo normalmente não ocorre em uma sentença principal (10c).

- (10) a. Womit hast du mir gesagt hätte das Kind das Brot gegessen
Com que tem você me dito, tivesse a criança o pão comido
- b. *Womit hast du mir gesagt das Kind hätte das Brot gegessen
Com que tem você me dito a criança tivesse o pão comido
- c. *Womit hätte das Kind das Brot gegessen?
Com que tivesse a criança o pão comido?

(Schwarz & Vikner (1989: nota 10)

Porém, esta última argumentação não reduz o valor da explicação de Zwart, que usa o critério-Wh de Rizzi (1991). (8b), portanto, não mostra, necessariamente, que o sujeito está em [Spec, CP]. A sua agramaticalidade pode ser explicada pela suposição de que o sujeito ficou em [Spec, IP] e o verbo não se moveu para o núcleo da projeção CP, violando o critério-Wh.

2.2.2. Construções com "denn"

A gramática tradicional menciona cinco coordenações que não causam inversão, entre elas *denn* (= pois).¹²

- (11) Die Studenten machen nur noch Kopien, **denn** die Bücher sind zu teuer geworden.
Os estudantes tiram só ainda xerox, pois os livros tem demais caros ficado
"Os estudantes tiram só xerox, pois os livros ficaram caros demais"

Como explicar os dois sintagmas na frente do verbo, se ele já ocupa a posição de C⁰? Nas propostas de Travis e Zwart, que colocam o verbo em INFL, há posições suficientes: o sujeito fica em [Spec, Agr], o advérbio *denn* está em C. À esta argumentação, originalmente de Travis (1984), Schwarz & Vikner contrapõem uma outra interpretação: eles apontam para o fato de que a construção tópica é igualmente possível, o que mostra que um CP pode seguir o advérbio (Schwarz & Vikner, 1989: 33).

¹² As outras são: *und* (=e), *oder* (=ou), *aber* (=mas), *sondern* (= mas- depois de negação)

- (12) Denn das Brot haben die Kinder gern
Pois do pão gostam as crianças

Como a sentença com tópico (12) é paralela à sentença com o sujeito inicial (S1), não haveria motivo para excluir a análise de CP para as construções S1.

Apesar da possibilidade da ordem *denn* + CP, não encontro evidências para a interpretação análoga de um CP para as sentenças com sujeito inicial, feita por Schwarz & Vikner. Resta-nos achar uma posição para o advérbio antes de CP. A gramática tradicional considera estes advérbios e conjunções como locados fora da sentença o que poderia ser expresso formalmente como recursão de CP ou um processo envolvendo uma projeção de Topicalização, como foi proposto por Benincá (1992) para as línguas românicas medievais e assumido para o português arcaico por Ribeiro (1995).¹³

2.2.3. Construções com "es"

O próximo dado também vem, originalmente, de Travis (1984) e é considerado um dos argumentos mais fortes para a análise assimétrica: o pronome *es* (3.sg.neutro), que substitui tanto sujeito quanto objeto direto, só ocorre no início da sentença e corresponde ao sujeito, não ao objeto.

- (13) a. Es hat das Brot gegessen
ela (a criança) tem o pão comido
b. *Es hat das Kind gegessen
o (o pão) tem a criança comido.

A análise "tradicional", que assume a mesma estrutura para os dois casos, não consegue explicar os diversos graus de gramaticalidade através diferenças estruturais. Para Travis o *es* sujeito em (13a) ocupa [Spec, IP], enquanto o pronome *es* objeto estaria em [Spec, CP].

¹³ Só quero apontar para o fato de que Ribeiro (1995) discute um problema semelhante: a questão é se *ca*, do português arcaico deve ser interpretado como coordenação explicativa (como *denn*) ou como subordinação causal. Ribeiro opta pela interpretação de advérbio (1995: 90), portanto pela posição dentro da sentença, o que explica a posição pré-verbal do clítico. Se o *ca* estivesse fora da sentença, a ocorrência do clítico na primeira posição seria uma violação da lei Tobler-Mussafia que generaliza essa restrição dos clíticos para as línguas românicas.

Somente os pronomes com acento (de foco) podem ocorrer em [Spec, CP] e *es* não pode ser acentuado.

O outro pronome pessoal que é fonologicamente igual no nominativo e no acusativo, o pronome feminino *sie* (= ela), pode receber uma acentuação forte. Mas na primeira posição da oração, a interpretação como objeto fica difícil, o que forma de novo um argumento forte para uma diferença estrutural entre as duas construções:

(14) a. *sie* hat die Schokolade gegessen

ela tem. o chocolate comido

ela comeu o chocolate

b. (?)*sie* hat die Mutter gegessen.

ele (o chocolate) comeu a mãe.

Em sua argumentação contra Travis, Schwarz & Vikner, de novo, recorrem aos fatos de extração. Mas como já mostrei, esses fatos explicam-se de maneira mais fácil pela violação do critério-Wh, diminuindo o peso da argumentação destes autores, também neste caso.

Uma das tentativas mais recentes de "destruir" a análise assimétrica e, em particular, a argumentação baseada no comportamento distinto de pronomes fracos de sujeito e de objeto é de Platzack (1995). O autor assume uma categoria vazia μP acima de AgrSP. Embora ela não seja uma posição de checagem, sua projeção é licenciada pelo fato de que o verbo no seu caminho para C passa por ela, deixando um vestígio (op.cit., p. 102). A suposição de que ela seja situada acima de AgrSP está ligada à nova proposta de Platzack de que existem traços do tipo [repelir domínio X], em que o domínio-X é o domínio das posições L-relacionadas. Dessa maneira explicam-se os movimentos dos tópicos para [Spec, CP], os quais se deslocam para esta posição, não para checar um traço forte [tópico] (Zwart, 1993:243), mas por causa de uma incompatibilidade de traços com este domínio-X. Nas palavras de Platzack:

"... non L-related movement is theoretically different from L-related movement in not involving feature checking. More specific, I claim that non L-related movement is triggered by the presence of a feature incompatible at Spell-Out with a particular domain of the clause, a domain which might be different for different types of non L-related movements. Prior to Spell-Out, an element carrying the feature [repel domain X] must target the first node dominating X that is available, i.e. not necessary for feature checking."

(Platzack, 1995: 80)

Da mesma maneira, aos pronomes-sujeito fracos é atribuído um traço [repelir caso] o que os força a se mover para fora de AgrS (Platzack, 1995: 101): eles se adjungem como núcleos a μ^0 , à esquerda, e seguem rumo ao verbo para C^0 , ocupando a primeira posição na sentença, como mostra a seguinte estrutura:

- (15) [CP [C^0 es_i -hat $_v$] [μP [μ^0 t_j -t $_v$] [$AgrSP$ t_i t $_v$...das Brot gegessen]]]
 ele (a criança) tem o pão comido

(Platzack, 1995: 104)

Por outro lado, por razões de economia, os pronomes-objeto não vão para [Spec, CP]:

"These pronouns are Case checked in Spec-AgrOP, i.e. the feature [repel Case] forces them to be outside of AgrOP. The shortest possible movement is movement to Spec- μP . There is no way to get from AgrOP to Spec-CP by a short move."

(Platzack 1995:104)

Porém, não concordo com o autor quando ele diz que isto explica a assimetria com respeito à possibilidade do fronteamto de pronomes-sujeito fracos e a impossibilidade de frontear pronomes-objeto fracos. Pois, a razão pela qual apenas os pronomes-sujeito podem se cliticizar ao verbo e se mover junto com ele não é evidente. Os pronomes-objeto deveriam dispor da mesma possibilidade. Se forem princípios de economia que impedem o movimento dos pronomes-objeto, eles deveriam atuar também no caso dos pronomes-sujeito. Com sua análise, Platzack propõe uma explicação para o fato de que os pronomes fracos não podem ser topicalizados, de que eles não podem ter um traço [repelir L], na terminologia do autor: o pronome de sujeito não está em [Spec, CP]. Porém, fica o problema de achar um motivo pelo qual os pronomes fracos de objetos não podem utilizar o mesmo recurso. A formulação em termos de economia não resolve. Concluimos, portanto, que o argumento da assimetria de pronomes fracos de sujeito e objeto que sugere a suposição de duas posições distintas, continua valendo.

2.2.4. Adjunção a IP

A proposta de que a declarativa com sujeito inicial envolve só um IP deve explicar a agramaticalidade de sentenças como:

- (16) *Gestern die Kinder haben den Film gesehen
Ontem as crianças tem o filme visto

em que um XP antes do sujeito criaria uma estrutura V3. Travis¹⁴ formula a restrição de que XP pode se adjungir a IP em inglês, mas não nas outras línguas germânicas. Schwarz & Vikner (1989: 45,46) argumentam contra essa suposição com os exemplos (17), (18), (19), (20), (21). Só uma adjunção a CP é impossível:

- (17) Warum haben [_{IP} diesen Film [_{gestern die Kinder gesehen}?
Por que têm este filme ontem as crianças visto

- (18) Ohne Belohnung [_{Co}hat [_{IP}diese Sache [_{IP}gestern Peter erledigt
Sem recompensa tem essa coisa ontem Pedro feito

- (19) Ich weiss, daß [_{IP} gestern [_{IP} Peter diese Sache erledigt hat.
Eu sei, que ontem Pedro esta coisa feito tem.

- (20) *Gestern [diese Sache hat Peter erledigt
Ontem esta coisa tem Pedro feito

- (21) *Gestern [Peter hat diese Sache erledigt
Ontem Pedro tem esta coisa feito

Kayne propõe uma alternativa para explicar a agramaticalidade de (20) e (21). No seu artigo de 1993, ele mostra que - por motivos de linearização - os especificadores devem ser adjuntos (ver também cap. 6). O sujeito, portanto, é entendido como adjungido a IP. Mas a ocorrência de adjuntos múltiplos é excluída (de novo por motivos de linearização). Uma sentença como (21) seria agramatical porque admite mais do que um adjunto. Deve-se explicar, no entanto, porque a mesma frase é admissível em inglês:

¹⁴ cf. Schwarz & Vikner (1989: 44). Travis, L. (1986) Parameters of Phrase Structure and V2 Phenomena. Ms, McGill University. (Presented at the Princeton Workshop on comparative Syntax, March 1986)

(22) Yesterday the children saw the film

Conforme Kayne, o advérbio é adjungido não a IP, mas a um núcleo mais alto, sem definir qual é (poderia ser CP ou FP). Ao contrário do inglês, o alemão não permite a adjunção a esse núcleo (Kayne, 1993: 19)

Mesmo adotando o modelo de Kayne ficamos com o mesmo problema que apresenta a proposta de Travis: como explicar a possibilidade de adjunção a IP dentro da encaixada como em (19)?

Como saída, resta a possibilidade de que a estrutura da encaixada seja diferente daquela da principal, quer dizer, o sujeito não estaria em [Spec, IP] e, desta forma, o advérbio não estaria adjungido a ele. Como, atualmente, não tenho idéias mais elaboradas a esse respeito, e como quero postular uma simetria máxima entre sentença principal e subordinada proporei uma outra explicação que se refere à uma idéia discutida no capítulo 6 sobre a cadeia de tempo.

A idéia é que somente dentro dessa cadeia a adjunção a IP seja possível. Estou assumindo que, no seu início, deve existir uma configuração entre sujeito e verbo finito que garanta a predicação. Nas construções S1, essa predicação se realiza na projeção de AgrS e nas construções tópicas e perguntas-Wh, dentro do sistema-CP (que inclui uma projeção de concordância, AgrC (veja também o capítulo 5)). Somente depois desta predicação, a adjunção é possível o que explicaria a gramaticalidade de (17) e (18). Além disso: não é evidente que (17) e (18) exibam, de fato, uma adjunção a IP. Poderia ser uma projeção de Top. Esta interpretação foi motivada por B. Haftka (cf. Schmidt 1995: 234, nota 75) com dados como (23):

(23) weil [_{TopP} von Heldentaten]_i [_{AgrSP} sie offenbar nichts _{ti} wissen wollten]
porque de ações heróicas eles aparentemente nada saber queriam
"porque, de ações heróicas, eles aparentemente não queriam saber nada"

Mas mesmo interpretado dessa maneira, fica o problema de se saber por que uma topicalização adicional só é possível dentro das subordinadas e dentro das topicalizações e não fora deste domínio. Esses fatos encontrariam uma explicação na hipótese da obrigação da predicação inicial.

Nas subordinadas, é a conjunção (ou o pronome interrogativo) que, ao ativar o sistema CP com sua projeção de concordância incluída, garante esta predicação, formando uma cadeia

até o verbo no final. Usaremos a concordância morfológica em Comp do renano-palatino como evidência: A adjunção de um advérbio a IP só é possível depois do clítico de sujeito *-e* que, na nossa interpretação, se encontra na projeção de AgrC (24a). Se ele ocorre antes do clítico de sujeito *-de*, situado no núcleo de AgrS abaixo de CP, a sentença se torna agramatical (24b) (os pormenores dessas estruturas se encontram no capítulo 5).

- (24) a. da-sch e geschder in die stadt gang bisch
 que 2.sg. você (clít.) ontem para a cidade ido tem
- b. *da- sch geschder de in die stadt gang bisch
 que 2.sg. ontem você (pron. fraco) para a cidade ido tem

Concluindo, pensamos ter encontrado dados e explicações teóricas que conseguem questionar um argumento forte da análise simétrica, o da adjunção ao IP.

2.2.5. Dados do holandês

Zwart (1993a, b) cita um dado importante para a hipótese de que o verbo não está sempre em C⁰: em certos dialetos do holandês, existem dois morfemas flexionais diferentes conforme à posição do verbo. Se a sentença começa com o sujeito, a flexão verbal é diferente daquela que ocorre depois de um tópico ou um elemento-Wh. O autor cita exemplos do holandês padrão, que apresenta esse fenômeno só na segunda pessoa (Zwart, 1993b: 254)

- (25) (a) Jij loop -t/*-0
 você anda 2.sg.
- (b) Daar loop-0/*-t jij
 aí anda 2.sg. você

e dos dialetos para as demais pessoas: (Zwart, 1993b: 254)

- (26) Holandês Oriental
- a. Wij speul-t/*-e
 nos brincamos 1.pl. v/c

b. Waar speul-e/*-t wij
onde brincamos 1.pl. c/v nos

(27) Brabantês

a. Gullie kom-t/*-de
vocês vêm 2.pl. v/c

b. Wanneer kom-de/*-t gullie?
Quando vêm 2.pl.c/v vocês

(28) Flamengo Ocidental

a. Gie kom-t/*-0
vocês vêm 2.sg. v/c

b. Kom-0-j/*-t-j gie
come 2.sg. c/v you you

O verbo estaria em Comp em (b), mas não em (a). Zwart (1993c) propôs que, nas topicalizações, o verbo vai diretamente a C⁰, sem passar por AgrS, seu lugar de checagem nas construções S1.

Voltando ao fenômeno da concordância, pode-se dizer que ela é um fenômeno de duplicação. Difícil é definir a que se refere essa duplicação: a um núcleo funcional? a um morfema flexional concreto? a traços abstratos? Na maioria dos dialetos encontramos duplicação morfológica. Mas isso não é uma condição necessária, cf. Zwart (1993b: 253):

(29) Holandês oriental

datte wij speult
que-1-1PLc nós jogamos-PLv

(30) Brabantês

dadde gullie komt
que-2PLc você vem-2PLv

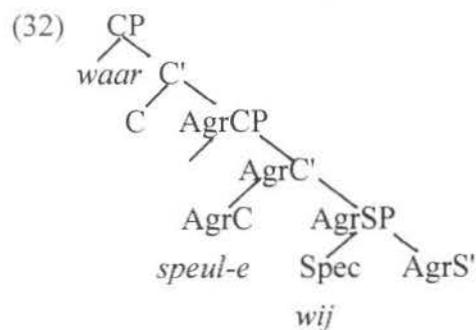
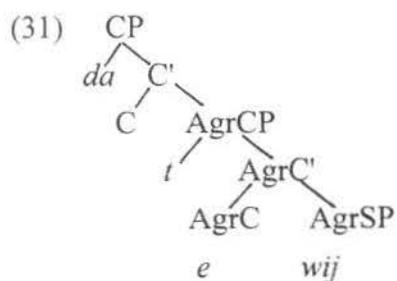
Nesses casos teríamos, ao mesmo tempo, três flexões realizadas: no complementizador (-te), no verbo em S1 (-t) e no verbo na pergunta (-e) (veja os exemplos do holandês oriental, acima)

Uma objeção poderia ser feita com relação aos exemplos de Zwart (1993: 254), que podem exibir a perda do fonema /t/ na posição pós-verbal, independentemente da pessoa, o que nos leva a pensar que são processos fonológicos que são responsáveis pela morfologia diferente e não processos sintáticos (Shlonsky, 1994).

Para o exemplo discutido, concordo com Shlonsky no que diz respeito ao fonema /t/, realizado na concordância com o complementizador, mas ausente na flexão do verbo na pergunta. Repito os exemplos do holandês oriental:

- a) concordância na conj: (29) datte wij speult
- b) concordância na pergunta: (26b) Waar speule wij?
- c) concordância com S1: (26a) Wij speult

/t/ como realização da concordância pode ter sofrido um processo fonológico de truncamento. Porém, o que é importante para minha análise, é a presença de /e/ nos casos (a) e (b) e a falta de /e/ nas construções com sujeito inicial. O morfema /e/ será interpretado como clítico de sujeito (paralelamente à análise de Shlonsky (1994) para o flamengo ocidental (cap. 5)) Ele se encontra no núcleo de AgrC acima de AgrS. Veja a estrutura (31) para (a) e a estrutura (32) para (b):



As sentenças S1 apresentam um sujeito não clítico, checado na projeção AgrS abaixo de CP.

Com esta última seção quero fechar a lista de argumentos que suportam a análise assimétrica. A próxima subseção apela para evidências translingüísticas, que considero como argumentos menos fortes. Sua inserção neste ponto do trabalho se justifica pela intenção de se fazer a transição para o terceiro capítulo, que trata da recursão de Comp.

2.2.6. Evidências das línguas escandinavas: dinamarquês, norueguês, sueco

As línguas escandinavas, mesmo mostrando a assimetria entre principal e subordinada, se distinguem do alemão e do holandês pela posição do verbo na subordinada. Enquanto estas últimas línguas o colocam (quase) categoricamente no final, as línguas escandinavas admitem a ocorrência de mais elementos lexicais à sua direita. Mesmo assim, supõe-se que o verbo, nestas línguas, não se mova para fora de VP. Um indicador do movimento do verbo pode ser a ordem relativa entre a posição do verbo e a negação (o advérbio): assume-se que a negação esteja situada antes de VP o que implica que somente a estrutura com a ordem *verbo-negação* apresenta o movimento do verbo. Veja os exemplos do sueco (33) (Platzack 1986:28), do norueguês (34) (Taraldsen 1986: exemplo 15) e do dinamarquês (35) (Reinholtz 1990: exemplo 6a).

(33) Här är boken, som Erik troligen *har* skrivit
Aqui é o livro, que Erik provavelmente tem escrito

(34) Vi vet at Jens ikke skjonte dette spoersmalet
Nos sabemos que Jens não entendeu esta pergunta

(35) Karen siger (at) Peter ikke har laest den bog
Karen diz (que) Peter não tem lido o livro

Estes dados ainda não questionam a interpretação da distribuição complementar: como na subordinada o Comp está preenchido por uma conjunção, o verbo não se move para seu núcleo, assumidamente o lugar de pouso na principal. (Todas as línguas escandinavas são V2, como mostram os autores citados acima). Todavia, o norueguês admite, marginalmente, a subida

do verbo com a realização do complementizador *at*. Veja o seguinte exemplo ((20) de Taraldsen 1986):

- (36) ?? Vi vet at Jens skjonte ikke dette sporsmalet.
 nos sabemos que Jens entendeu não esta pergunta.

O mesmo vale para o dinamarquês (37a), que, ao contrário do alemão, não admite o apagamento do complementizador (37b)

- (37) a. Karen siger **at** den bog **har** Peter ikke least
 Karen diz que o livro tem Peter não lido

- b.* Karen siger den bog **har** Peter ikke least
 Karen diz o livro tem Peter não lido

(exemplo (6b) de Reinholtz 1990)

Desses dados não se pode concluir que a conjunção na subordinada e o verbo finito na principal ocupam a mesma posição. Os dados favorecem muito mais a interpretação de que o verbo se encontra numa posição mais abaixo (Agr ou T) e o Comp, que fica vazia na principal, está preenchido pela conjunção *at*.

Reinholtz destaca que o fenômeno de V2 encaixado não é tão raro como normalmente assumido.

"It is widely believed that subordinate V-2 order is generally disallowed in M.Sc. and that subordinate V-2 clauses are really exceptions, or "embedded root clauses", found only after a few citation-like verbs like 'say' and 'think'. The descriptively correct generalization is that V-2 word order is allowed in the clausal complement of all but a very few items (regret, deny, catastrophe, terrible, impossible)."

(Reinholtz, 1990:5)

O próximo capítulo discutirá, especificamente, esta questão.

CAPÍTULO 3

A RECURSÃO DE COMP

A discussão sobre a posição do verbo na principal (IP ou CP) do capítulo anterior terá conseqüências para a descrição da subordinada caso o verbo finito se desloque para a segunda posição. Se o verbo ocupa o núcleo de CP, surge a questão da posição do complementizador.

Tem-se proposto a possibilidade de recursão de Comp o que, a primeira vista, pode parecer uma invenção teórica *ad hoc*; mas o fato de que ela pode ter um conteúdo empírico real, é mostrado por Iatridou & Kroch para o inglês (1992: 16, veja a subseção 3.2.) e pelos dados de extração que implicam resultados diferentes em respeito ao grau de gramaticalidade nas diversas línguas. A suposição de mais um CP envolvido pode levar a uma explicação destes diferentes graus de gramaticalidade.

3.1. DOIS GRUPOS DE LÍNGUAS GERMÂNICAS

Para discutir o conceito de recursão deve se levar em conta, também, que as línguas germânicas se comportam diferentemente em relação às condições nas quais elas admitem construções V2 encaixadas como, por exemplo, o tipo do verbo na matriz ou a obrigação da presença lexical do complementizador versus seu apagamento. Há dois grupos distintos de línguas.

Em línguas como o islandês e o iídiche, que compõem o primeiro grupo, o fenômeno de V2 ocorre livremente, sem qualquer restrição (Iatridou & Kroch 1992). As duas são línguas V2 "radicais" no sentido que, tanto na principal quanto na subordinada, o verbo se move para a segunda posição. Thráinsson (1986) propôs, para o islandês, que a posição do verbo sempre fosse INFL (com exceção das construções condicionais ou das perguntas-Wh, casos nos quais o verbo faz um segundo movimento para Comp). Os exemplos para a posição do verbo em INFL estão em (1) com o sujeito inicial e (2), na qual a subordinada começa com uma topicalização:

- (1) Jón segir ad Helgi hafi trúlega keypt bókina
 João diz, que Helgi tem provavelmente comprado o livro
 (Thráinsson, 1986: 171)
- (2) Jón segir ad pessum hring hafi Ólafur lofad Mariu
 João diz que este anel tem Olaf prometido a Maria
 (Thráinsson, 1986: 179)

Diesing (1990) propõe a mesma análise para o iídiche destacando o fato de que [Spec, IP] será tanto uma posição de sujeito, portanto uma posição-A, quanto uma posição de tópico, alvo de um movimento A-barra (Diesing 1990: 47,48). Ela dá exemplos de topicalizações tanto para as subordinadas declarativas, quanto para perguntas indiretas (3)¹⁵ e relativas (4)¹⁶:

- (3) a. Zi iz gekumen zen ver frier vet kontshen
 Ela veio para ver quem mais cedo iria acabar

¹⁵ Thráinsson (1986:179) também dá um exemplo de uma pergunta indireta com V2 para o islandês (i a), aparentemente mais "natural" se o sujeito é indefinido ou ausente (i b):

- (i) a. Jón spurdi hvort pessum hring hefdu peir lofad mér
 João perguntou se este anel eles prometeram para mim
- b. Jón spurdi hvort pessum hring hefði einhver stolid
 João perguntou se este anel roubou alguém

Diesing (1990: 64) aponta para o mesmo fato. Parece que as topicalizações nas relativas e nas encaixadas não são igualmente aceitas pelos falantes. Para Travis (1984), esse tipo de construção é agramatical.

¹⁶ Mais exemplos para topicalizações encaixadas do tipo V2 no islandês e no iídiche se encontram em Iatridou & Kroch (1992:1), mas os autores não mencionam condições sobre a aceitabilidade

- (ii) a. Ég fer, if pad getur enginn gert þetta. (isl.)
 I go if there can no one do this
 'I am leaving if no one can do this.'
- b. Jón efast um ad á morgun fari María snemma á foetur. (isl.)
 John doubts that tomorrow gets Mary early up
- (iii) a. Ir muzt klingen in shpitol oyb di doktershe vilt ir dergreykhn (iídiche.)
 you must call in hospital if the doctor-FEM want to reach
 'You must call the hospital if you want to reach the doctor'.
- b. Es hot undz alemen gekhidesht vos nekhtn iz gekumen aza groyser oyem. (iídiche.)
 it has us all-OBL bewildered what yesterday is come such a large audience
 'It surprised all of us that such a large audience came yesterday.'

b. Ir veyst efsher avu do voynt Roznblat der goldshmid?

Vocês sabem onde lá mora Roznblat, o ourives

(4) Der yid vos shabes bay nakht vet Khayim zen

O homem que sábado noite vai Chaim ver

(Diesing, 1990: 65)

Conforme estas análises, não é preciso estipular um segundo CP porque o verbo finito se encontra em INFL nas construções com sujeito inicial (S1) e nas topicalizações. Esta interpretação ganha suporte nos dados de extração, com adjuntos e objetos, como mostra (5) para o caso do objeto:

(5) Vos hot er nit gewolt t az in shul zoln di kinder leyenen t t?

Que tem ele não querido t que na escola as crianças lêem t t

"O que ele não quis t que, na escola, as crianças lêem t t? "

(Vikner, 1991: 122)

A hipótese do CP único explica a gramaticalidade desses exemplos: o vestígio do objeto extraído pode passar por [Spec, CP] que não é barreira para o movimento por ser o único.

Cardinaletti e Roberts (1991) propuseram, para o islandês, outra forma de "evitar" a recursão de Comp. Para eles, há duas projeções Agr e, assim, dois especificadores distintos que podem variar de uma língua para a outra dependendo de seu estado de posição-A ou A-barra.

O segundo grupo inclui línguas como o alemão, o holandês, o dinamarquês e o frísio, que impõem restrições à ocorrência de V2 encaixada: o alemão exige, além do apagamento do complementizador, que o verbo da matriz tenha propriedades especiais. A literatura refere-se a este tipo de verbos normalmente como *bridge verbs*¹⁷, que se caracterizam por selecionar um complemento sentencial, como por exemplo:

¹⁷ Para Vikner, o termo *bridge verbs* pode ser confuso (Vikner 1991: 82): "Bridge verbs is actually the name for the class of verbs which allow extraction from their sentential complement. Thus "say" is a bridge verb, and "whisper" is not:"

(i) a. What did Sally say that she had secretly read

b. *What did Sally whisper that she had secretly read

(cf. van Riemsdijk & Williams (1986: 294), from where (ib) is taken)

wissen (= saber), *feststellen* (= constatar), *finden* (= achar), *berichten* (= relatar), *entscheiden* (= decidir), *spüren* (= sentir), *hoffen* (= esperar), *sich erinnern* (= lembrar-se), *betonen* (= enfatizar), *sagen* (= dizer).

(Vikner 1991:83)

- (6) Er sagt, er hat das Brot gegessen
Ele diz, ele tem o pão comido.

O frísio admite V2 depois desse tipo de verbo **com** ou **sem** a realização do complementizador (De Haan & Weerman 1986), e o dinamarquês só aceita V2 encaixado, se o complementizador for realizado lexicalmente, ao contrário do alemão. O quadro em relação ao complementizador, portanto, é muito complexo. O que une todas estas línguas são as restrições sobre o verbo da matriz: a recursão de Comp nunca é admissível depois de verbos factivos como *duvidar*, *lamentar*, verbos de dizer negados, verbos que exigem um complemento irreal com *querer*, *insistir* e de NPs complexos. (Iatridou & Kroch 1992)

Para as línguas deste segundo grupo tem-se proposto a recursão de CP (De Haan & Weerman 1986, Iatridou & Kroch 1992). A ocorrência de um segundo CP significa a adição de mais uma estrutura que atua como barreira da extração. Queremos apontar para o fato de que o exemplo (7) abaixo apresenta um caso de extração de um argumento que não é sujeito à regência por antecedência, mas apenas à subjacência. Isso, porque um elemento extraído pode estar associado ao seu vestígio através de ligação, pois um objeto tem um índice referencial (ao contrário do adjunto) (Vikner 1991:116, baseado em Rizzi 1990a).

- (7) *Hvilken film sagde hun at i skolen havde bornene allrede set?
Que filme disse ela que na escola AUX crianças as já visto
"Que filme disse ela que na escola as crianças já vieram"

(ex. (178) de Vikner 1991)

Uma posição oposta é tomada por Vikner que rejeita a idéia de que possa existir uma parametrização entre as línguas em relação à recursividade de CP. Para ele, todas as línguas discutidas acima envolvem um outro CP no caso de uma encaixada do tipo V2. Com essa análise, ele fica com o problema de explicar por que línguas como iídiche e islandês admitem a extração de um elemento através de dois CPs.

Depois deste pequeno esboço da discussão sobre a recursividade de Comp em línguas germânicas distintas quero checar algumas das propostas para o alemão. Primeiro apresentarei

a argumentação de Iatridou & Kroch (1992) em favor de um conteúdo empírico real da recursão de Comp para depois discutir a validade da sua argumentação para o alemão. No final deste capítulo apresentarei a hipótese de um Comp dividido em mais projeções (WhP e TopP, proposto por Hoekstra (1993)) que pode servir para explicar alguns dos dados em questão.

3.2. FATOS DA RECURSÃO DE CP EM INGLÊS

Para mostrar que a recursão de Comp não é simplesmente uma invenção teórica *ad hoc*, mas que ela pode se apoiar em fatos empíricos (1992:16), Iatridou & Kroch usam um argumento interessante: a oração condicional "if - then" encaixada do inglês.

- (8) John believes [_{CP} that [_{CP} if it rains [_{CP} then [_{IP} the party will be cancelled.
João acredita que se chove então a festa será cancelada

(exemplo (62) de Iatridou & Kroch)

A questão é o caráter do advérbio *then* da segunda parte da oração: ele é adjungido ao IP ou faz parte da outra categoria CP? Como a nossa representação já mostra, os autores decidiram em favor da segunda opção (mais especificamente para a posição de Spec, baseando-se em fatos do holandês e do alemão, onde *then* é seguido pelo verbo no núcleo de CP). Eles argumentam com os dados de extração em (9a,b). Se *then* estiver presente, ele impedirá a extração, atuando, portanto, como barreira. A mesma sentença, sem ele, é gramatical:

- (9) a. *What does John think that if his mother comes then the guests will eat?
O que AUX. João pensa que, se a sua mãe vem, então os convidados vão comer
- b. What does John think that if his mother comes the guests will eat?
O que AUX João pensa, que se a sua mãe vem, os convidados vão comer

Se *then* fosse adjungido, ele não criaria uma barreira à extração (seguindo Chomsky (1986)). Portanto, não pode se tratar de adjunção nesse caso.

O teste empírico proposto pelos autores consiste na inserção das orações desse tipo nos contextos que não admitem a recursão de Comp, quer dizer: depois de verbos negados, factivos

etc. Mostra-se que são exatamente esses casos em que a construção com "then" é dificilmente aceitável ou agramatical:

(10) a. verbo negativo

I regret / doubt / am surprised that if it rains (*then) the party will be cancelled.

Eu lamento / duvido / fico surpreso que se chove (*então) a festa será cancelada

b. verbo negado

I don't think that if it rains (?? then) the party will be cancelled.

Eu não penso que se chove (?? então) a festa será cancelada

c. verbo irreal

I insist that if you are questioned, (*then) you answer honestly.

Eu insisto que se você é interrogado (*então) você responde honestamente

d. ilha-Qu

He asked whether if it rains (?? then) the party will be cancelled.

Ele perguntou se se chove (??então a festa será cancelada)

(exemplos 72 até 75 de Iatridou & Kroch)

A questão a ser respondida é por que um segundo CP, nesses casos, não é admissível ou, por outro lado, o que o torna possível, o que o licencia. Para os autores a regência do verbo na matriz, é o que pode licenciar este segundo CP (1992: 17). Além disso, eles precisam da noção da transparência semântica em LF: eles assumem que um complementizador como *que* seja semanticamente vazio, admitindo, desta maneira, o apagamento em LF, o que cria as condições para que o verbo possa reger o segundo CP. Caso ele tenha traços semânticos (orações adjuntas, elementos Wh, verbos negativos etc.), ele não pode ser extinto em LF, impedindo, dessa maneira, a regência pelo verbo. Por isso, a seguinte estrutura não é admissível em línguas como o frísio e o dinamarquês,

(11) ...V [CP1 Wh- [C 0 [CP2 topic [C verb [IP ...t]]]

((86) de Iatridou & Kroch)

por duas razões:

- a) CP1 não pode tornar-se transparente em LF;
- b) CP2 se torna uma ilha porque o tópico ocupa a sua posição de Spec, impedindo a passagem do elemento Wh.

Por outro lado, em iídiche e islandês onde a topicalização se dá em IP, essa estrutura é possível.

3.3. UMA MOTIVAÇÃO EMPÍRICA DA RECURSÃO EM ALEMÃO?

O alemão se comporta como o inglês no que diz respeito à gramaticalidade das sentenças em (9a,b) não admitindo que o advérbio *dann* (= então) introduza a segunda parte dessa construção; veja também o seguinte exemplo.

- (12) a. *Daß, wenn Hans hungrig ist *dann* [*er* schreit, ödet Maria an.
 que, se João fome está, então [ele grita, incomoda Maria
 b. Daß, wenn Hans hungrig ist [*er dann* schreit, ödet Mary an.
 que, se João fome está [ele então grita, incomoda Maria

A sentença só se torna gramatical no caso da ordem *sujeito - dann*. Mas em alemão fica claro que a sentença com *dann* é uma subordinada, o que não é evidente em inglês: Podemos acrescentar mais sintagmas antes do verbo para ter uma sentença com o verbo no final:

- (13) a. Daß, wenn H. hungrig ist, er dann aus Leibeskräften nach seiner Mutter schreit,
 que, se João é fome, ele então com toda a força para a sua mãe grita,

Fica evidente que os dados do alemão devem ter uma interpretação diferente dos do inglês: o advérbio *dann* se encontra dentro de uma subordinada e não pode ser usado para testar as posições acima de CP. Desta forma, perde-se, ainda, o contraste entre verbos como *acreditar*, que admitem a recursão de CP com *então*, e verbos como *duvidar*, que a rejeitam.

Evidências para nossa interpretação do elemento *dann* dentro de IP vêm também dos dados do renano-palatino. Foi constatado no capítulo 1 que o morfema de concordância sempre ocorre depois da projeção CP, o possibilitaria seu tratamento como teste empírico das fronteiras de CP. Veja a sentença (14a), realizada com a concordância em (14b):

- (14) a. da **-sche**, wenn-**sche** dorschd hasch, dann immer bier trinke musch, reschd mich uf
que 2.sg. você, se 2.sg. você sede tem, então sempre cerveja beber deve, incomoda me
"que você , tendo sede, sempre precisa tomar cerveja, me incomoda"
- b. **dassche**, **wennsche** dorschd hasch, **sche** dann immer bier trinke musch, reschd mich uf.
que 2.sg. você, se 2.sg. você sede tem, 2.sg. você então sempre cerveja beber deve,
incomoda me

Interessante é que o morfema **-sch-** com o clítico de sujeito **-e** nessa estrutura pode ocorrer sem nenhum "apoio" de um elemento lexical em CP, fenômeno ao qual voltarei no capítulo 6.¹⁸ Por enquanto só quero apontar para o fato de que o morfema de concordância junto com o clítico de sujeito ocorrem antes do advérbio *dann*. Além disso, os dados mostram claramente que *dann* não pode ocorrer em [Spec, CP], pois não pode coocorrer com a "concordância"; veja o exemplo seguinte:

- (15) ***dassche**, **wennsche** dorschd hasch, **dannsche** immer bier dringe musch, reschd mich uf
que você , tendo sede, então 2.sg. você (clít.), sempre deve tomar cerveja, me incomoda

Concluimos, portanto, que não existem evidências de um segundo CP no caso das construções *wenn - dann* (= se então) no alemão. Dessa maneira não existe mais um argumento empírico para justificar um segundo CP nos casos de V2 encaixados no alemão.

3.4. A PROPOSTA DE UM OUTRO ZP

Nesta seção quero introduzir a idéia de um *splitted Comp* como foi proposto por Hoekstra (1993) para o frísio. Embora a recursão de CP não seja um problema "urgente" do alemão, a observação de línguas que apresentam este fenômeno pode dar algum esclarecimento sobre a estrutura do alemão. Ao final da seção mostrarei alguns dados da língua alemã

¹⁸ Um outro exemplo dessa ocorrência se encontra na extração :

Was glaabschen, **dassche**, **wennsche** dorschd hasch, **sche** dann trinke dusch
O que acha você que você se sede tem 2.sg. voce então beber vai

alemão, a observação de línguas que apresentam este fenômeno pode dar algum esclarecimento sobre a estrutura do alemão. Ao final da seção mostrarei alguns dados da língua alemã coloquial que comprovam uma ocorrência mais ampla de V2 encaixada do que foi discutido até agora..

Para justificar a sua proposta de uma diferenciação de CP, Hoekstra (1993) parte de alguns dialetos do holandês como o frisio holandês que apresentam a ocorrência de mais um complementizador; veja o seguinte exemplo (op.cit., p. 161):

- (16) (a) *Dat is niet zo gek als of dat hij gedacht had*
 Isto é não tão estranho C1(de) C2 (de) C3 (que) ele pensado tem
 "Isto não é tão estranho como ele tinha pensado"
- (b) *Dat is lijk of dat hij had gedacht*
 isto é C1(como) C2 (de) C3 (que) ele tinha pensado

Cada complementizador tem o seu conteúdo semântico próprio (*dat* - C3 - contextos declarativos; *of* - C2 - contextos Wh; *als* - C1 - contextos comparativos) e forma uma projeção máxima (op. cit., p.164).

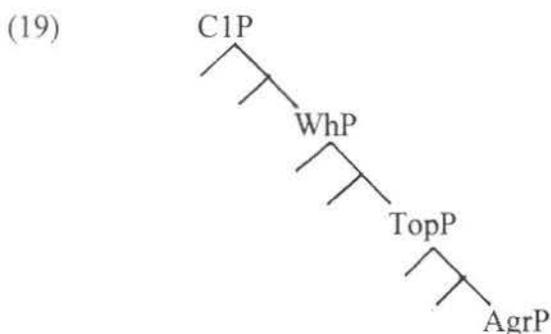
Como na análise standard de V2 o verbo se move para Comp, coloca-se a questão qual dessas projeções de Comp seria o alvo desse movimento. Para decidi-la, Hoekstra atribui diferentes contextos sintáticos para as posições-C. Assim, ele associa o C3 com construções tópicas, que causam o movimento do verbo:

- (17) a. *Piet zag ik gisteren op straat*
 Pedro vi eu ontem na rua
 (exemplo 11 de Hoekstra: 1993)

Da mesma maneira atuam os C2, associados a contextos Wh. Só o C1 se comporta diferentemente, o verbo não se move para Comp:

- (18) a. **[Hoe sneller Jan loopt] is hij des te eerder thuis*
 [quanto mais rápido Jan caminha] é ele tanto mais cedo em casa
- b. *[Hoe sneller Jan loopt] des te eerder is hij thuis*
 [quanto mais rápido Jan caminha]tanto mais cedo é ele em casa
 (exemplo 13 de Hoekstra: 1993)

Hoekstra portanto renomeia as projeções de C: C3 como **TopP** (TópicoP)¹⁹, C2 como **WhP**. Disso resulta a seguinte estrutura inicial da sentença:



A motivação para o movimento do verbo vem das propriedades da ligação, formuladas como traço "ligar" que faz com que o verbo vá para essa posição se ela tiver o valor positivo (op. cit., p. 164)²⁰. Como o C1 nunca causa o movimento do verbo, ele é especificado negativamente em respeito do traço "ligar". Além do traço [+ligar], os autores precisam da noção de ligação definida da seguinte maneira:

(20) A liga B sse A rege B e A é coindexado com B

(Hoekstra 1993: 165)

Conforme as análises de Hoekstra & Marácz (1989) e Zwart (1992), citadas por Hoekstra²¹, Agr deve estar ligado. A idéia de ligação recorre à noção de lexicalização: Agr pode ser lexicalizado, portanto ligado, pelo complementizador, impedindo a subida do verbo:

(21) Ik denk dat; Jan [Agr]_i morgen op bezoek komt
 Eu acho que Jan amanhã de visita vem

(Hoekstra, 1993: 165)

A concordância em Comp pode ser vista como reflexo dessa relação de ligação.

¹⁹ Hoekstra usa a denominação To, que substituo por Top para não confundir com o núcleo de Tempo T⁰.

²⁰ Parece que os traços são ligados aos núcleos funcionais e não ao verbo, mas a questão não está especificada.

²¹ Não tive acesso a esses artigos.

A outra possibilidade da ligação se dá quando Agr se lexicaliza através do verbo, que nesse caso deve subir. Como vimos, isso acontece nas construções tópicas e nas perguntas do tipo Wh. São os núcleos Wh⁰ e Top⁰ que causam o movimento do verbo, caso seu especificador esteja preenchido.²² Entende-se essa relação Spec-núcleo como uma relação de concordância, motivo pelo qual o autor formula (22):

- (22) (a) Concordância-Wh deve ligar
(b) Concordância-Top deve ligar

(Hoekstra, 1993: 166)

Tópicos não podem ocorrer em frases encaixadas: embora o núcleo Top *dat* esteja presente, o elemento tópico, que deveria concordar com ele, não pode aparecer:

- (23) a. * Ik weet waarom [die jongen dat[ik niet mag]]
Eu sei por que este menino Top eu não gosto

b. Ik weet waarom dat ik die jongen niet mag
Eu sei por que Top eu este menino não gosto

(Hoekstra, 1993: 166)

Hoekstra formula a seguinte restrição, admitindo que ele não tem uma explicação para este fenômeno:

- (24) Concordância-Top não pode ser regida

(Hoekstra, 1993: (21))

Através desse modelo que se baseia na ligação e na existência de duas projeções dentro do sistema CP, ele explica variações dialetais, que criam problemas para a análise standard de V2, como por exemplo:

²² Ao contrário dessa interpretação, Watanbe (1993: cap. 2) argumenta que os motivos da subida do verbo a Comp são independentes da topicalização em [Spec, CP].

I - a ordem *XP - sujeito - verbo*

A ocorrência de um tópico antes do sujeito, portanto a falta do V2, em certos dialetos, se explica nesse modelo pelo fato de que o núcleo Top⁰ não funciona mais como ligador.

(25) Oostende, West-Flemish

Zoender entwat te zeggen, Wansje loat zen zwiins en geel de boel
sem algo dizer, W. deixou seus porcos e toda a confusão

(Hoekstra, 1993: 167)

II - *Comp + V2 (XP verbo sujeito)*

V2 ocorre, também, depois de *dat* nas sentenças consecutivas (do tipo "...foi tão quente, que..") e depois dos "verbos de dizer":

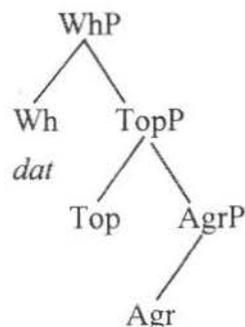
(26) Hy seid dat moarn soe hy nei Ljouwert ta

Ele disse que amanhã iria ele para L

(Hoekstra, 1993: 169)

Lembre-se que a encaixada (conforme Hoekstra)²³ não admite a topicalização. Como explicar esse dado contraditório? Num primeiro momento parece surpreendente que Hoekstra atribua esse fenômeno à variação entre as línguas que se refere à projeção de Wh. A idéia é que *dat* ocorre dentro de WhP que, por sua vez, perde as propriedades de regência e, portanto, de ligação.

(27)



²³ Os julgamentos sobre a aceitabilidade dessas sentenças são contraditórios. Vikner cita um exemplo com a topicalização encaixada que é gramatical (1991: sentença 151)

...,dass vielleicht der Junge sowas getan hat

Veja também a proposta da projeção TopP dentro da encaixada, como foi apresentada na sub-seção 2.2.4. Em minha análise, ela seria melhor formalizada como TOPP.

Ele não rege mais Top, permitindo, desta maneira, a concordância dentro de TopP (Hoekstra, 1993: 169). Não havendo mais contradições, a sentença se torna gramatical. Nas encaixadas com V2, o verbo sobe nessa análise ao núcleo Top⁰ (op.cit., p. 170).

(28) [WhP dat [Spec-TopP tópico [Top verbo

A topicalização encaixada tem, ao contrário da proposta de Thráinsson (1986) e Diesing (1990), uma posição específica e diferente da posição do sujeito. Ao mesmo tempo, esta proposta não precisa da suposição da recursão da mesma projeção CP, envolvendo duas projeções distintas WhP e TopP. Porém, o que pode parecer uma solução talvez imediata é a colocação do complementizador declarativo *dat* no núcleo da projeção Wh, problema que vou retomar na próxima sub-seção.²⁴

Resumindo, a assimetria entre principal e subordinada em respeito à posição do verbo, não está sendo explicada através da distribuição complementar entre a conjunção e o verbo no sentido de que essa distribuição se dá na mesma posição. Na proposta de Hoekstra, os dois elementos em questão ocupam lugares diferentes: nas perguntas-Wh, o verbo se encontra no núcleo de WhP; nas construções tópicas, o verbo está no núcleo de TopP (motivado pelo preenchimento de [Spec, TopP]) e ocupa a mesma posição nas subordinadas com V2,

²⁴ Reinholtz (1990) fez uma outra proposta para explicar as posições dos diversos complementizadores que ocorrem nas perguntas encaixadas do dinamarquês coloquial: depois de um elemento *-wh* pode ocorrer o complementizador *at*.

Bo vidste ikke om at Pia ville ga ud med ham
Bo knew not if that Pia would go out with him
(exemplo (18a) de Reinholtz 1990)

Reinholtz propõe que o complementizador *at* seja gerado em Agr (como o *to* do inglês) e impeça a subida do verbo. Dessa posição, ele também rege lexicalmente a posição do sujeito adjacente em [Spec, TP]. Na sentença principal, Agr não tem conteúdo, motivo pelo qual o verbo deve subir para lá possibilitando a atribuição do caso para o sujeito.

Nas subordinadas sem V2 Reinholtz assume o apagamento em PF. A sua proposta para as encaixadas com V2 e com a conjunção parece tornar-se um pouco arbitraria: O *at* estaria em CP, que não permite o apagamento fonético dos elementos situados lá, sendo este o "privilégio" de Agr. Dessa maneira explicar-se-ia a variação com o alemão e o holandês: elas não admitem o apagamento do complementizador *daß* (*que*) por ele estar sempre em Comp.

Mas a essa alegação deve se contrapor, o fato de que, em alemão, o apagamento de *daß* é necessário com a subida do verbo.

introduzidas por *dat* (no núcleo de WhP). A presença da conjunção impede a subida do verbo porque cumpre a condição da lexicalização de Agr, tornando a subida do verbo supérflua.

Em geral são propriedades de regência e de ligação que causam ou impedem o movimento do verbo. Pois é uma configuração de concordância em CP (agora WhP e TopP) que liga o Agr com a conseqüente da subida do verbo. Este movimento depende, portanto, do primeiro, da topicalização de um elemento em [Spec, CP].

Neste momento quero antecipar minha análise, a ser desenvolvida nos capítulos 5 e 6. Os pormenores e as referências bibliográficas se encontram lá.

Estou assumindo mais uma projeção AgrCP abaixo de CP que, por sua vez consiste na projeção de WhP e TopP. Nas principais, fora das construções S1 (sujeito inicial), o verbo vai para o núcleo AgrC. O preenchimento do especificador de cada uma dessas projeções por um elemento lexical ou um operador vazio terá conseqüências para a caracterização dessa projeção. No caso das perguntas e topicalizações, este elemento determinará os traços-V de AgrC como fortes. O complementizador *daß* fixa os traços-V de AgrC como fracos, determinando, assim, a posição final do verbo. Analogamente, os elementos-Wh das perguntas encaixadas são considerados como elementos no núcleo da projeção WhP.

Para as declarativas encaixadas do tipo V2 deve-se assumir, dentro deste modelo, ou que o complementizador se move para a posição do especificador, redefinindo, dessa maneira, a caracterização de AgrC em relação aos seus traços-V, ou que ele está totalmente fora do sistema CP, portanto fora da sentença, motivo pelo qual ele não pode mais interferir dentro do sistema CP, determinando traços. Ele teria o estatuto de um advérbio como *denn* do alemão (cap. 2) ou *ca* do português arcaico (Ribeiro, 1995: 90, veja também nota 13)

A primeira idéia deve ser descartada porque ela não corresponde aos dados: na sentença (26), por exemplo, fica evidente, que não é o complementizador *dat*, mas o elemento topicalizado que causa a subida do verbo (através de traços fortes de AgrC). Se *dat* causasse o movimento do verbo, a ordem *dat-verbo-tópico* deveria ser gramatical, o que não é o caso. Precisa-se concluir, portanto, que, dentro do modelo proposto, o complementizador se encontra fora do sistema CP.

Para "alimentar" esta última idéia, quero apresentar alguns exemplos do alemão coloquial moderno, nos quais se perde a posição final do verbo na subordinada. Me refiro a seguir ao artigo de Günthner (1993) que trata das sentenças introduzidas por *weil* (porque).

Constata-se uma interação interessante entre a posição do verbo finito e a relação semântico-pragmática entre principal e subordinada; veja o seguinte exemplo, construído por Günthner (1993: 42)²⁵:

- (29) a. Harry kommt später. weil- ich **habe** mit seiner Frau geredet
Harry vem mais tarde. porque- eu tenho com sua mulher falado
"Harry vem mais tarde. porque eu falei com sua mulher"
- b. Harry kommt später, weil ich mit seiner Frau geredet **habe**
Harry vem mais tarde, porque eu com sua mulher falado tenho
"Harry vem mais tarde, porque eu falei com sua mulher"

Na sentença (29b), a subordinada apresenta uma justificativa causal para o fato expresso na principal, o atraso de Harry. Essa interpretação ainda é possível na sentença (29a), mas ela abre a possibilidade de mais uma leitura: a sentença com *porque* se refere ao motivo, pelo qual eu sou capaz de dizer que o Harry vai se atrasar: eu falei com a mulher dele. Günthner chama essas ocorrências de sentenças epistêmicas.

Mais um exemplo do seu corpus de dados (Günthner 1993:43)

- (30) der hat sicher wieder gesoffen. weil- sie läuft total deprimiert durch die Gegend.
ele tem certamente de novo bebido, porque - ela anda totalmente deprimida
"ele certamente bebeu de novo, porque- ela anda totalmente deprimida"

A interpretação dessa sentença não é de que ele bebeu porque ela estava deprimida, mas de que eu sei que ele bebeu pelo fato de ela estar deprimida. Intuitivamente falado, a conjunção *weil* (porque) representa uma predicação discursiva (elíptica) no sentido de "eu sei disso, porque..." Ou ela poderia ser substituída pelo advérbio *denn* (= pois), que está fora da sentença conforme da análise acima.

As declarativas encaixadas com V2, mencionadas acima, poderiam encontrar explicação semelhante embora elas não mostrem uma mudança de significado.

Quero destacar o fato de que esta projeção, que é, assumidamente, uma projeção de TOPICALIZAÇÃO, não é a mesma TopP que, junto com WhP, substitui CP. Ela é concebida como projeção acima do sistema CP, como foi proposta para as línguas românicas medievais

²⁵ A pontuação diferente em (a) e (b) quer indicar também uma interpretação diferente.

por Benincá (1992) e para o português arcaico por Ribeiro (1995), para dar conta de sentenças principais com o verbo na terceira posição. Além disso, consegue-se explicar a posição do clítico através dessa posição.

- (31) a. Dele, sabe-se pouca coisa.
b. Dele se sabe pouca coisa.

No exemplo (31a), tem-se TOPICALIZAÇÃO, pensado como fora da sentença. Muitas vezes, o assunto topicalizado é retomado por um pronome resumptivo, o que resulta numa estrutura de deslocamento à esquerda. O clítico se encontra depois do verbo atendendo, desta maneira, as restrições formuladas por Tobler e Mussafia de que o clítico não pode ocorrer na posição inicial da sentença. Por outro lado, (31b) apresenta uma topicalização típica das línguas V2, envolvendo o sistema CP.

Minha análise da perda do V final nas subordinadas parte da interpretação de que uma sentença do tipo de (32)

- (32) Ich weiß das nicht, weil...
eu sei isto não, porque...

pode ter duas estruturas: uma com a conjunção "porque" na projeção de TOP e uma, onde ela fica em Top. Somente neste caso, o sistema CP é ativado, AgrC terá traços-V fracos e o verbo não se move para este núcleo.

No primeiro caso, o verbo finito se encontrará na terceira posição *porque-XP-verbo*, o que resulta em uma estrutura semelhante a da principal com *denn* (= pois). Teríamos, portanto, a situação clássica que pode levar a uma reanálise, e como consequência disso, à mudança sintática. Atualmente o complementizador, nessas subordinadas com aparente V3, está, em minha análise, fora de CP, dentro da projeção de TOPP. A reanálise poderia interpretar o complementizador, de novo, como localizado dentro de TopP, portanto dentro de sistema CP. No entanto, ele teria perdido a "capacidade" de determinar os traços-V de AgrC como fracos, o que poderia levar a uma mudança sintática. Com a reestruturação dentro da subordinada, perder-se-ia uma evidência forte para a suposição de AgrC. A outra evidência são as topicalizações e as perguntas matrizes. Porém, como a maioria das sentenças começa com sujeito, não haveria mais evidências para a projeção de AgrC. A estrutura poderia ser reduzida a seqüência *CP-AgrS*. Contudo, por enquanto, só temos uma variação entre as duas estruturas.

Resumindo, no alemão (e no renano-palatino), o fenômeno de V2 encaixado é restrito a casos específicos: ele só ocorre depois de **um** tipo de verbo, depois de "verbos de dizer", e além disso, exige o apagamento do complementizador. Dentro da análise proposta, isto encontra uma explicação fácil: o complementizador *daß* (= que) pode ocorrer em uma única posição dentro do sistema CP, onde ele determina os traços de AgrC, necessariamente, como fracos. A subida do verbo significaria uma violação do princípio de procrastinação.

Para as ocorrências de V2 depois do complementizador *weil* (=porque), *propus*, que ele se encontra em uma projeção acima do sistema CP, assumidamente TOP. Semelhanças semânticas com o advérbio *denn* (= pois), que pode ser visto como localizado fora da sentença, sugerem esta interpretação.

Portanto, a hipótese do Comp dividido não pode ser interpretada como substituto para a hipótese da recursão de Comp. Ela não oferece posições suficientes para explicar a estrutura da construção V2 encaixada. Tive que "recorrer" a mais uma projeção acima de CP, porém com propriedades diferentes. Portanto, esta proposta não assume a possibilidade da recursão de Comp.

CAPÍTULO 4

A CARACTERIZAÇÃO DE C^o

Nesse capítulo tento sistematizar as propostas mais importantes sobre as propriedades e traços de C em alemão. A tentativa de sistematização terá como consequência a simplificação de alguns trabalhos citados, um preço que assumirei. Seguirei principalmente a apresentação de Vikner (1991) e Ribeiro (1995), mas quero destacar pontos diferentes da discussão para finalmente chegar a uma sistematização própria dos problemas em questão.²⁶

4.1. A ATRIBUIÇÃO DO NOMINATIVO

Na análise de Platzack (1986),²⁷ a propriedade central de C^o é a atribuição do caso nominativo ao XP adjacente, uma propriedade que se torna efetiva só se o Comp for preenchido lexicalmente. Ela vai de encontro, assim, com a idéia de que os clíticos devem cliticizar ao seu licenciador de caso²⁸. Lembramos que os clíticos de sujeito ocorrem imediatamente depois do CP. A concordância manifestada em muitos dialetos germânicos é vista como índice de que o Comp dispõe de traços flexionais que são normalmente associados à atribuição do nominativo.

O que não fica muito claro nessa proposta é o motivo pelo qual o Comp deveria ser preenchido por um elemento lexical, um ponto levantado por Tomaselli (1990: 203). O problema se torna evidente na pergunta encaixada, onde o elemento-Wh se encontra em [Spec,

²⁶ Me restrinjo aos argumentos importantes para o alemão, mas Vikner discute as consequências das propostas teóricas, em muitos casos, também para as outras línguas germânicas.

²⁷ Vikner (p.67) cita também Koopman para esta análise: Koopman, H. (1984) *The Syntax of Verbs*. Dordrecht: Foris

²⁸ cf. Borer, H. (1984) *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris

CP] e o núcleo, embora contenha o traço [+Wh], está lexicalmente vazio, mas o sujeito em [Spec, IP] recebe o nominativo, veja exemplo (1), citado por Vikner (1991: 68):

- (1) a. Ich weiß nicht, welchen Film ___ die Kinder gesehen haben.
Eu sei não que filme as crianças visto têm.

Além disso, os dados do feroês e do islandês mostram que o verbo também se move se o [Spec, IP] não está associado à atribuição do nominativo (os chamados sujeitos de *quirky case*):

- (2) Sum óviti damdi maer ost
como criança gostei me (dat) queijo (ac)
como criança gostei de queijo

(exemplo para o feroês, Vikner 1991: ex. (56), p. 68))

Finalmente, a atribuição do nominativo como motivo do movimento do verbo perde seu valor explicativo dentro do minimalismo. Se o verbo se movesse para "ajudar" na checagem do traço-N do sujeito, ele violaria o princípio de avareza.

4.2. C° É CARACTERIZADO POR TRAÇOS CATEGORIAS [V]

Foram Holmberg (1986)²⁹ e Taraldsen (1986) que defenderam essa ideia baseando-se na hipótese de que é o conteúdo lexical de X⁰ que determina os traços de XP. Dessa maneira pode-se distinguir entre três possíveis caracterizações:

1. C pode ser definido por [+V] como nas afirmativas, vistas como predicados, nas quais o verbo se move para essa posição, motivado pela apresentação desse traço [+V], que ele atribui a C.

²⁹ Não tive acesso a esta tese, citada por Vikner (1991: 63): Holmberg, A. (1986) *Word Order and Syntactic Features in the Scandinavian Languages and English*. Stockholm: Department of General Linguistics, University of Stockholm. Holmberg e Taraldsen se baseiam em Kayne, R. (1982) Predicates and arguments, Verbs and Nouns. Talk given at GLOW 5, Paris

2. O CP pode ser concebido como argumento, portanto com o traço [-V] como nas sentenças de complementação: ("Eu sei que..."). Neste caso, é o complementizador que atribui o traço relevante a C.

3. Finalmente há categorias lexicais que são neutras em respeito à caracterização [V] a que os autores chamam de modificadores:

- (3) a. a book (which I have read)
b. It has not snowed (since you left)

(exemplos (42a) e (43a) de Vikner 1991:64)

O que Vikner destaca como problema desta análise é que ela avalia os complementizadores lexicais e os verbos finitos na posição de C⁰ de maneiras diferentes não levando em consideração a variação nas línguas germânicas no caso dos complementos dos "verbos de dizer": Enquanto o alemão admite tanto uma estrutura V2 encaixada (sem a realização do complementizador), quanto uma subordinada com o complementizador e verbo final, o dinamarquês e o sueco (cf. Vikner 1991: 66) exigem que o complementizador esteja lexicalmente realizado³⁰. Mais um exemplo do dinamarquês:

- (4) a. sem V2 encaixado:

Hun said, [_{CP} at [_{IP} vi ikke *skulle* tage vin med]]
ela disse que nos não deveriam levar vinho junto

- b. com V2 encaixado:

??Hun said, [_{CP} vi *skulle* [_{IP} ikke tage vin med]]]
Ela disse que nos deveriam não levar vinho junto

(exemplo (52a e 52b) de Vikner 1991:66)

Isso quer dizer que, em alemão, o CP da encaixada, poderia ser caracterizado como [+V] ou [-V], enquanto nas línguas escandinavas ele sempre seria [-V]. Vikner duvida da necessidade de conceber uma única posição C com traços opostos.

³⁰ Parece que existe unanimidade em respeito à avaliação dessas sentenças. Vikner marca a sentença sem complementizador como dificilmente aceitável, mas não como agramatical (1991: 66) enquanto Reinholtz já a marca como agramatical (veja ex. (35b) do cap. 2).

O que eu recuperei nessa proposta foi a idéia de que existe uma categoria funcional que não é caracterizada intrinsecamente em relação a seus traços: AgrC (veja cap. 5). Dependendo do elemento à sua frente, na projeção de Wh ou de Top, ele receberá a sua marcação de traços-V fortes ou fracos o que explicará a subida do verbo nas perguntas principais e nas topicalizações e sua posição final na subordinada.

Além disso, acho interessante a ligação entre movimento do verbo e predicação que Taraldsen (1986: 18) propõe e cujas consequências se mostram nas V2 encaixadas que exigem a realização do complementizador (o contraste entre (4a) e (4b)). O movimento do verbo para Comp torna a encaixada um predicado. Porém, como a encaixada é um argumento da principal, o efeito desse movimento verbal deve ser neutralizado, o que acontece através da introdução do complementizador *at* (= que). Deve-se explicar o caso oposto ao alemão que exige o apagamento do complementizador na V2 encaixada. Proporei que o sistema CP ativado pelo complementizador seja diferente do sistema CP das línguas escandinavas. O alemão dispõe de uma projeção AgrC acima de AgrS (veja a discussão no cap. 5) que garante a predicação no início da sentença subordinada o que torna a subida do verbo para uma outra categoria funcional (AgrS) supérflua. Quero diminuir o caráter *ad hoc* desta alegação ao apontar para o fato de que as línguas escandinavas não dispõem da concordância em Comp, fenômeno que parece estar restrito às línguas com a estrita ordem final do verbo na subordinada.³¹ Esta idéia não contradiz à proposta de Taraldsen que rejeita a idéia da predicação para a subordinada, pois suponho que se trate de níveis diferentes de predicação: Taraldsen parte de uma concepção mais abstrata em termos de especificação da categoria sentencial, enquanto eu assumo simplesmente uma relação entre sujeito e predicado. Os detalhes sobre a minha proposta encontram-se nos capítulos 5 e 6.

Nesse ponto, quero citar a proposta de Galves (1994) que também assume um traço [+V] em C⁰ para a explicação do português clássico que é considerado uma língua V2. Galves propõe uma explicação da mudança do português clássico (PC1) ao português Europeu (PE) no início do século XIX que diz respeito à localização dos clíticos. Perdeu-se, nesta época, a próclise na sentença declarativa e a ênclise recebeu uma nova estrutura, como consequência de uma mudança prosódica. Ao mesmo tempo, pode-se observar a perda de V2 nas construções com tópico. Sem entrar em detalhes de sua argumentação, queremos resumir a ideia central que se baseia numa caracterização diferente do C⁰ no PC1 e no PE. No PC1 foi um traço forte [+V] em C⁰ que causou o movimento do verbo, semelhante às línguas V2 (op.cit., p. 13) e definiu a

³¹ Encontrei esta constatação em Kayne (1993: 37): "...complementizer agreement with the subject is found only in the Germanic SOV languages, and never in the Germanic SVO languages, to the best of my knowledge."

posição de [Spec, CP] como posição tópica (além de um operador tópico em C⁰). A mudança paramétrica que aconteceu no PE, esta é a hipótese, é que o traço [+V] se tornou fraco, mas o traço [+Agr], que antes era fraco, ficou forte. Desta maneira, ele provoca o movimento da categoria funcional Agr para C, movimento baseado na seguinte suposição:

"...my claim is that the movement of functional heads is not dependent on their V-feature, which is concerned only with the checking of the verbal morphology, but on their selection feature. I propose that every functional category contains a feature corresponding to its complement head, so Agr has a T-feature, and Comp has an Agr-feature. If this feature is strong, the corresponding category must raise to check it before Spell-out. With respect to Comp, this would correspond to what Chomsky calls the properties of the C-I system."

(Galves 1994:12)

No PE, portanto, é o traço [+Agr] que causa o movimento do verbo e redefine [Spec, CP] como posição de sujeito. Pois é na configuração de Spec-núcleo de Agr que o nominativo do NP sujeito é checado. Perde-se, assim, a posição tópica antes do verbo e, com ela, a próclise.³²

4.3. C⁰ TEM TRAÇOS MORFOSINTÁTICOS

Com a última idéia de que é um traço [+Agr] que está envolvido na caracterização de Comp já conduzimos para a sub-seção seguinte que pretende focar os dois traços morfosintáticos [+tempo] e [+concordância]. Em muitos trabalhos "clássicos", parte-se da idéia de que Comp contenha INFL o que o torna também uma posição para elementos verbais finitos.³³ Foi proposto um traço [finitude] em Comp que leva o verbo a se deslocar³⁴. Porém, com a hipótese do *split* INFL coloca-se a questão: quais dos seus elementos será decisivo

³² Esta análise foi reformulada no sentido que o traço [+Agr] é substituído pelos traços [+V] e [+I]. Infelizmente não consegui este novo trabalho de Galves & Galves antes de terminar a redação.

³³ No minimalismo, esta interpretação continua valendo: "Note that we crucially assume, as is plausible, that V-raising to C is actually I-raising, with V incorporated within I, and is motivated by properties of the (C,I) system." (Chomsky 1993: 29) Só que não são traços morfológicos a serem checados.

³⁴ Watanabe (1993) liga esta interpretação a sua teoria de marcação de caso, o que não nos interessa aqui. O mesmo fez Platzack nos trabalhos anteriores (cf. Vikner 1991: 68-71), quando ele ligou [finitude] à atribuição de nominativo. No artigo de (1995) ele ainda supõe o mesmo traço, mas sem falar dos motivos que o levam a esta hipótese.

para determinar as propriedades de Comp? São os dois traços juntos como propõe Tomaselli (1990)? É somente tempo (den Besten (1977), Platzack (1986), Rizzi (1990) entre outros)? Ou é a concordância em Comp (Haider (1986), De Haan & Weerman (1986), Roberts (1993))?

Primeiramente, quero apresentar a idéia de De Haan & Weerman (1986) que ligam a idéia da finitude estritamente à presença de Agr. Depois mostrarei como a idéia de Agr em C^o está motivada no modelo da seleção morfológica, como foi desenvolvido por Roberts (1993) para as línguas V2. Segue a proposta de Tomaselli (1990) que assume não somente os dois traços morfosintáticos em Comp, mas também, um traço [+ pronominal]. O capítulo será fechado com o artigo de Rizzi (1990) que faz um tipo de síntese entre a interpretação de traços categoriais e traços morfosintáticos. Na sua explicação, [+tempo] deve c-comandar todas as outras categorias flexionais. Como C numa língua V2 é uma categoria híbrida (simultaneamente proposicional e predicativa), uma categoria puramente flexional, especificada por [-C,+I], onde I significa [tempo], deve se mover para C, para atender a restrição formulada.

4.3.1 C^o tem Agr

De Haan e Weerman (1986) rejeitam explicitamente a hipótese de que seja [+tempo] o traço responsável para definir finitude e, como consequência disso, o movimento do verbo (op.cit, p. 90). Eles argumentam com as construções "en + imperativo" do frísio, um dialeto falado no norte dos Países Baixos (1986: 78). Como somente a classe de verbos que terminam em *-e* distingue morfológicamente entre infinitivo e imperativo (*nimme* (= pegar), *nim* (= pegue) (1986: 90)), os exemplos dos autores se restringem a ela.

Interessante é que as construções imperativas do frísio não são somente um fenômeno-raiz, mas ocorrem também como sentenças dependentes. Um exemplo são as mencionadas "en-imperativos". O complementizador *en* (= e) funciona como coordenador. Veja os seguintes exemplos de coordenação regular, nos quais o(s) sintagma(s) marcados por {} podem ser omitidos:

- (5) a. de polysje komt by him en {de polysje} nimt syn papieren mei
a polícia vem para ele e pega seus documentos junto

b. de polysje soe by him komme en {de polysje soe} him ophelje
a polícia deveria para ele vir e ele pegar

(exemplos (53b)e (53c) De Haan & Weerman 1986: 92)

e agora a estrutura "en + imperativo".

(6) a. de polysje soe by him komme en nim syn papieren mei
a polícia deveria para ele vir e pegue seus documentos

(6a) se distingue de (5b) não somente pela posição do verbo, mas também pela forma do verbo. Trata se do imperativo. O infinitivo na mesma posição seria agramatical, fato mostrado em (6b)

(6) b. *de polysje soe by him komme en nimme syn papieren mei
a polícia deveria para ele vir e pegar seus documentos junto

Por outro lado, uma forma imperativa não pode ser usada em uma coordenação regular:

(7) a. de polysje soe by him komme en {de polysje soe} syn papieren mei nimme
a polícia deveria para ele vir e seus documentos junto pegar
b. * de polysje soe by him komme en {de polysje soe} syn papieren mei nim
a polícia deveria para ele vir e seus documentos junto pegue

(todos os exemplos : De Haan & Weerman 1986:92,93)

Mais um fato interessante se refere a ocorrência do sujeito: normalmente, os imperativos regulares não realizam um sujeito. Porém, ele pode ser lexicalizado numa forma enfática, tanto no imperativo raiz, quanto no imperativo dependente, do tipo mostrado acima. Mas enquanto os sujeitos dos imperativos principais devem ser interpretados como segunda pessoa, os sujeitos das construções "en+imperativo" não obedecem esta restrição, admitindo também as outras pessoas. A seguir um exemplo para a primeira pessoa:

(8) ik bin net by steat en skamje my hjir foar
eu sou não capaz e envergonho (1.ps) me isto para
"eu não sou capaz e estou envergonhada por causa disso"

(De Haan & Weerman 1986:93)

Os autores assumem, seguindo de Waart (1971) (cf. De Haan & Weerman 1986: 94), que *en* não é uma coordenação regular, mas um complementizador que introduz complementos subordinados (1986: 94). Esta argumentação, baseada na semelhança com as construções infinitivas com (*om + te* (= para)), quero deixar de lado. Porém, se as "en-imperativos" são construções subordinadas, como se pode explicar o movimento do verbo em uma análise "tradicional" que parte da assimetria entre principal e subordinada? Por isso formulam:

"We therefore would like to suggest that as far as V2 is concerned there is no syntactic difference between main and embedded clauses. Occurring differences should be regarded as caused by illocutionary and pragmatic factors. (...) The only thing that remains is that COMP/INFL must lexicalize either as a complementizer or as a finite verb, both in main and embedded clauses".

(De Haan & Weerman 1986:97)

Fica, no entanto, a questão da motivação para o movimento do verbo. Eles assumem que [finitude] seja responsável pelo deslocamento do verbo (op.cit., p. 98). Mas, contra a suposição padrão que assume [+tempo] como decisivo, eles argumentam em favor de [+Agr].

- (9) a. wy riede jimme oan en hâld hjoed op mei roken
 nos avisamos você e pára hoje com fumar
- b.* wy riede jimme oan en sil moarn ophâlde mei roken
 nos avisamos você e deveria amanhã parar com fumar
- c.* wy riede jimme oan en ha juster opholden mei roken
 nos avisamos você e tenha ontem parado com fumar

(De Haan & Weerman 1986: 100)

Pode-se concluir, portanto, que os imperativos são [-tempo]. Na sua argumentação, os autores tomam a possibilidade de um NP-sujeito no nominativo aparecer com um imperativo como evidência de que os imperativos do frisio têm [Agr].

A infinitiva com *te* (= to, em inglês) em (10) confirma que [+tempo] não atrai o verbo:

- (10) a.* wy binne der grutsk op te hawwen juster opholden mei roken
 nos somos lá orgulhosos de para ter ontem parado com fumar
 "nos estamos orgulhosos de ter parado de fumar ontem"
- b. wy binne der grutsk op juster opholden te hawwen mei roken
 nos somos lá orgulhosos de ontem parado para ter com fumar
 ((78a,b) de De Haan & Weerman 1986: 101)

Conclui-se que finitude, em frisio, se define através de [+Agr], e não de [+tempo].

4.3.2. C seleciona Agr

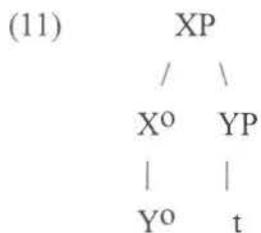
Roberts se baseia na teoria de incorporação de Baker que explica mudanças em funções gramaticais (passivização, causativização, etc) por movimentos sintáticos do tipo "move α " de núcleos lexicais X^0 que se adjungem a um outro núcleo Y^0 .

O HCM (Head Movement Constraint)³⁵ garante que os núcleos se movam ciclicamente de núcleo para núcleo, o ECP, que os vestígios sejam regidos apropriadamente, o que significa, na formulação de Rizzi (1990: 32), regidos por núcleo e por antecedência.³⁶ A regência não pode ser interrompida por uma barreira, como a definição estabelece. Porém, depende do estado argumental do XP, e não só da configuração sintática na qual ele aparece, se ele conta como barreira: numa cadeia-A só uma projeção máxima argumental, na posição do especificador, consegue interromper a regência, o inverso vale para uma cadeia A'. Este conceito da minimalidade relativizada foi estendido por Roberts ao movimento dos núcleos: um X^0 do tipo A só consegue bloquear a regência de um vestígio dentro de uma cadeia-A. Em consequência disso torna-se necessária a classificação das categorias funcionais e lexicais. Roberts (1993: 40) distingue entre os núcleos-A': T e C, e os núcleos-A: Agr e V.

³⁵ O HMC é uma restrição sobre movimentos, introduzida por Travis (1984: 129) e diz que um núcleo movido não pode "pular" nenhum núcleo entre sua posição base e sua posição alvo. "...heads (X^0) can only move into the category that governs them."

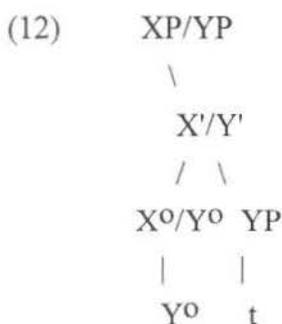
³⁶ α **head-governs** β iff $\alpha = X^0$ governs β in X' (the immediate projection of X^0)
 α **antecedent-governs** β iff α c-commands β
 α is coindexed with β
 no barrier intervenes between α and β
 relativized minimality is respected
 (em vez de coindexação, Rizzi usa o "non-distinctness requirement" (Rizzi 1990:92))

Rizzi & Roberts (1989) (cf. Roberts (1993: 43)) ampliam a teoria dos movimentos, concebidos como adjunções por Baker, acrescentando a possibilidade da substituição que se divide em dois sub-casos: no primeiro, um núcleo Y^0 movido ocupa o lugar de um núcleo X^0 vazio, substituindo-o:



((72c) de Roberts 1993: 44)

Mas na teoria de Princípios e Parâmetros essa estrutura se constituiria em uma violação do princípio da projeção, sendo Y projetado em XP. Para evitar isso Roberts propõe uma estrutura com categorias híbridas:



((73) de Roberts 1993: 45)

Nesse tipo de substituição, que Roberts chama de incorporação livre, Y não é selecionado por X (1993: 45). Com a incorporação livre, Roberts explica por que, em inglês, o verbo não se move sempre para C, mas só na pergunta principal (ou na ocorrência de um advérbio de polaridade negativa como *only* (Roberts 1993: 7)) Se C sempre selecionasse Agr, causaria o movimento do verbo também no exemplo seguinte, o que, entretanto, resultaria na agramaticalidade da sentença:

- (13) *Yesterday did he leave
 Ontem AUX. ele partir

((95a) de Roberts 1993: 62)

Com a rejeição da seleção morfológica para estes casos, perde-se a motivação do movimento do verbo, razão pela qual Roberts recorre ao critério-Wh de Rizzi (1991: 2):

(14) **O critério-Wh**

A. Um operador-Wh deve estar em configuração Spec-núcleo com X^0 [+Wh]

B. Um X^0 [+Wh] deve estar em configuração Spec-núcleo com um operador-Wh

I^0 para Rizzi, (T^0 para Roberts) é gerado na base como [+Wh]. Por atender (14) a gramaticalidade de (15) fica garantida.

- (15) What has Mary said?
O que tem Maria dito

(Rizzi 1991:1)³⁷

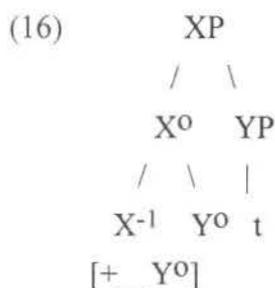
No outro tipo de substituição, no qual a incorporação de dois núcleos resulta num amálgama visível, como por exemplo nos casos de incorporação de nomes ou do movimento $V \rightarrow Agr$, é o núcleo mais alto (X^0) que seleciona morfológicamente o núcleo mais baixo (Y^0). X^0 é concebido como núcleo complexo: consiste de um elemento que causa esse movimento (*triggering element* X^{-1} , seguindo a notação de Selkirk) e de uma entrada para o elemento movido (Roberts 1993:43). Nas palavras de Roberts:

"So Agr^0 in a language like French has the subcategorization frame [+ T^0 ___] and T^0 has the frame [+ V^0 ___]; an incorporating verb in Mohawk has the feature [+ N^0 ___], etc. In general, where an incorporation trigger X^0 has the feature [+ Y^0 ___], this means that the slot for Y^0 is base-generated within X^0 , triggering substitution of Y^0 during the derivation, leading to the creation of a complex head."

(Roberts 1993: 43)

³⁷ Para essa argumentação toda estou deixando de lado os exemplos que Roberts cita para o francês.

A estrutura seria a seguinte:



((72a) de Roberts 1993: 44)

Nas línguas V2, C seleciona morfologicamente Agr, portanto concordância. Idéias como a de Zwart de um movimento da categoria funcional Agr a Comp (Agr→C) podem ser vistos como desenvolvimentos técnicos deste quadro pré-minimalista. (mais sobre a proposta de Zwart no cap. 5)

4.3.3. C⁰ tem [tempo] e [concordância]

Tomaselli sugere que os traços [+tempo] e [+concordância] são responsáveis para a capacidade de C⁰ de licenciar a extração de sujeito em dinamarquês e norueguês:

(17) dinamarquês:

Dette taeppe ved jeg ikke om t har kostet mange penge
 This carpet know I not if has cost much money

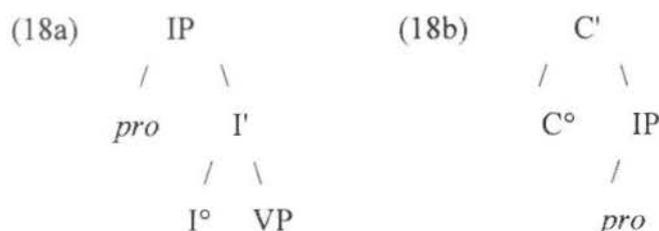
(exemplo (66) de Vikner 1991)

O argumento de Vikner não contesta o licenciamento do traço em [Spec,IP] por C⁰, mas diz que esse processo ocorre tanto em línguas V2 quanto em línguas-não-V2, portanto não pode ser visto como caracterização específica de C⁰ em V2.³⁸

³⁸ Vikner (1991: 51-60) se apóia na argumentação de Rizzi sobre a alteração de "que - qui" em francês. A idéia de Rizzi é de que C se torna um regente apropriado para o vestígio de sujeito adjacente se, entre seu Spec e seu núcleo, houver uma relação de concordância. Dessa maneira *qui* "vale" como *que*+Agr (Rizzi 1990: 56) e admite a extração do sujeito. Veja o seguinte exemplo de Rizzi:

A segunda proposta de Tomaselli (1990) se refere ao licenciamento de sujeitos nulos não-referenciais nas línguas V2. Enquanto numa língua como o italiano o INFL licencia um *pro*, nas línguas V2 seria C⁰ o núcleo licenciador. Em analogia com o INFL do italiano, Tomaselli propõe, além de [+tempo] e [+concordância] mais um traço [+pronominal] para o Comp o que explicaria também a sua ligação estreita com os clíticos de sujeito.

Falta, ainda, uma explicação para as diferenças entre os dois licenciadores. Para Tomaselli, são diferenças estruturais (e não intrínsecas) em respeito ao processo de licenciamento, ligado à atribuição do papel-θ à posição de sujeito pelo núcleo I⁰. Enquanto esse licenciamento ocorre dentro da mesma projeção máxima IP, em italiano (veja a estrutura (18a)), em alemão, o licenciador estaria fora da projeção com a categoria vazia (18b). A posição de [Spec,IP] seria duplamente regida, por I⁰ e por C⁰, um fato inadmissível. O licenciamento de *pro* não é compatível com a atribuição de um papel-θ, portanto as línguas V2 não prevêm a possibilidade de um *pro* referencial nessa configuração. (Tomaselli 1990: 440, 441)



O problema dessa análise está no fato de que línguas românicas, como o francês ou o português antigo, que são consideradas V2, admitem o sujeito nulo referencial.

4.3.4. C⁰ tem [+tempo]

Um tipo de desenvolvimento da proposta anterior de uma caracterização "verbal" (num sentido amplo) é aquela de Rizzi (1990b) sobre o traço [+I] de Comp em línguas V2. Para explicar a variação da posição do verbo das línguas românicas e germânicas, ele propõe dois

L'homme que je crois [t qui [t viendra]]
 O homem que eu acredito que venha

traços em Comp: [+/- C] e [+/- I]. Um C^o marcado por [+C,-I] seria o núcleo de uma proposição, o caso das línguas-não-V2. Se Comp for marcado por [+C,+I], ele seria o núcleo de uma categoria híbrida, ao mesmo tempo proposicional e predicativa, o que corresponde ao Comp das línguas V2³⁹ que domina uma categoria puramente flexional:

Rizzi parte da idéia de que a especificação do tempo parte de um núcleo puramente flexional [-C,+I] e que esta projeção de tempo se move para C. Para motivar este movimento, ele adapta a proposta de Laka⁴⁰:

- (19) "The tense specification must c-command all the other [+I] categories in the same clause."

((17) de Rizzi 1990: 383)

Numa declarativa subordinada com *daß* que reflete a projeção pura de C [+C,-I] o movimento de [tempo] não é necessário (ou possível) (Rizzi 1990:383).

Vikner discorda dessa interpretação argumentando com a distribuição complementar entre verbo e complementizador como, por exemplo, nas exclamativas (traduzimos os exemplos para o alemão (7,8,9)). Quando há uma conjunção em Comp, ele está especificado pelos traços [+C,-I], enquanto se o verbo finito se encontra na mesma posição, seus traços são [+C,+I], o que resulta numa caracterização contraditória.

- (20) Wenn du nur deinen Mund halten könntest!
Se você só sua boca manter pudesse
Se você pudesse calar a boca!
- (21) Könntest du nur deinen Mund halten!
Pudesse você só sua boca calar
- (22) Du kannst (enfático) deinen Mund einfach nicht halten!
Você sabe sua boca simplesmente não calar

³⁹ A idéia de uma categoria híbrida já se encontra na proposta de den Besten (1977), chamado, de vez em quando de Confl (Platzack (1986)) (cf. Rizzi (1990):382). Porém, não achei esta denominação no artigo de Platzack citado por Rizzi.

⁴⁰ Laka, L. (1989) Constraints on Sentence Negation: The Case of Basque. MIT Working Papers, 10, 199-216

Além disso, ele repete sua argumentação desenvolvida no sub-item anterior no que diz respeito aos "verbos de dizer" que podem selecionar uma V2 encaixada caso o complementizador seja apagado o que resultaria numa caracterização predicativa de Comp, enquanto ele, sendo lexicalizado, seria especificado como proposição. Como Vikner aponta, seria contra-intuitivo assumir um CP ao mesmo tempo proposição e predicação.

Na minha proposta, que não parte de uma distribuição complementar entre verbo e conjunção, a questão de um CP com as propriedades simultâneas de proposição e predicação não se coloca. Dentro do sistema CP, encontra-se sempre uma configuração que realiza a predicação através da projeção AgrC, o lugar do verbo nas topicalizações e perguntas principais. Na subordinada, AgrC será projetado com traços-V fracos, o que implica a posição final do verbo. Neste caso, a predicação se realiza abstratamente através da projeção dessa categoria o que se torna visível na concordância de Comp realizada nos dialetos.

Resumindo, o traço decisivo na argumentação de Rizzi é o de tempo, que deve comandar todas as outras categorias de flexão na oração, tendo portanto um peso teórico maior que o traço de concordância. A idéia de que seja o tempo em Comp que atrai o movimento do verbo já se encontra nos trabalhos de den Besten (1977).

CAPÍTULO 5

ANÁLISES DA CONCORDÂNCIA EM COMP

Tratar o fenômeno da concordância como relação dentro de uma configuração especificador-núcleo tornou-se uma hipótese aceita dentro da teoria atual. Assume-se que o núcleo de uma categoria funcional possa ser o lugar de pouso de um item lexical de natureza verbal que divide certos traços- ϕ com um XP na posição de especificador. Na maioria dos casos, trata-se de um elemento nominal; só em CP ele pode consistir de um advérbio ou um elementos-Wh. A concordância de Comp se distingue dessa configuração, pois o elemento com o afixo flexional nunca admite o elemento com que ele concorda em sua frente, veja o seguinte exemplo do renano-palatino, em que a anteposição do sujeito resulta em agramaticalidade (1b):

- (1) a. wenn-sch-e kommsch
se - 2.sg. você (clít). vem
b. * du wenn-sch-e kommsch
você se 2.sg. você (clít.) vem

Deve-se descartar, portanto, a possibilidade do sujeito em [Spec, CP] numa relação de concordância com o complementizador no núcleo C^o. Outro fato não-ortodoxo da concordância em Comp é sua realização numa projeção *acima* de AgrS e não *em* AgrS, o lugar definido para a concordância com o sujeito.

Neste capítulo pretendemos apresentar algumas análises da concordância em Comp. Começamos com a proposta de Zwart, como foi desenvolvida nos seus trabalhos de 1993, em particular, em sua tese. Partindo de algumas dificuldades, mostramos como uma estrutura que assume mais um núcleo funcional Agr pode evitá-las. Depois de apresentar a proposta de um Agr dos clíticos (Cardinaletti & Roberts 1991) e de um Agr de concordância, AgrC, (Shlonsky 1994) assumiremos também mais um núcleo, AgrC, acima de AgrS, mas reinterpretando os morfemas em questão. O morfema *-sch-*, tradicionalmente considerado como morfema flexional e portanto como elemento associado a um núcleo funcional, será interpretado como

um clítico (sendo X⁰ e XP ao mesmo tempo) na posição de especificador. O clítico de sujeito -e- ocupa o núcleo dessa categoria funcional.

5.1. A PROPOSTA DE UM MOVIMENTO AGRS→COMP

Aos problemas esboçados acima, de que C não representa uma posição ortodoxa de concordância e de que a concordância de Comp não é uma concordância de Spec-núcleo, Zwart responde com a idéia de um movimento de AgrS para Comp. A concordância de Comp é o *reflexo morfológico* desse movimento de núcleos funcionais (Zwart 1993c:175). Dessa maneira se resolve a questão como uma concordância com o sujeito pode se manifestar em CP: a presença de AgrS o tornou mais "funcional" para essa tarefa. Isso não significa que ele vira uma posição para a checagem do sujeito, que continua sendo AgrS. O vestígio que fica do movimento AgrS → Comp é suficiente para checar seu traço-N com o NP sujeito.(1993a: 320 e 1993c:176).

Dentro do modelo minimalista, os movimentos devem ser motivados por checagem de traços morfológicos. Para não violar o princípio de avareza, que diz que um elemento só se move por motivos próprios, ou seja por ter traços fortes, Zwart deve assumir um traço forte em AgrS. Como se trata da concordância com o sujeito que se expressa nessa configuração, esse traço deve ser o [N]. Surge a questão sobre o motivo pelo qual o movimento do sujeito para essa posição não seria suficiente para eliminar esse traço-N forte. Nas primeiras propostas de 1993, Zwart trabalhava com a idéia da necessidade da lexicalização de AgrS. Para ser lexicalizado, restam lhe duas possibilidades: ou seu movimento para Comp ou o movimento do verbo finito para AgrS. O primeiro seria o movimento preferido por ser mais econômico (1993a:325).

Na tese de 1993, ele desenvolve a noção de "acessibilidade", concebida como parametrização entre as línguas (1993c:293): embora um núcleo seja especificado por um traço forte, esse traço não é automaticamente acessível na checagem com seu especificador. No caso de AgrS, não é suficiente ter um traço-N forte: ele deve ter também o traço [+acessível] para tornar os traços-N presentes na sua projeção. Na formulação de Zwart, o processo de checagem envolve uma troca de traços entre irmãos: seriam o especificador e a primeira projeção do núcleo (1993c:176, 177). Se um núcleo funcional estiver especificado como [-acessível], o traço forte não está automaticamente presente na sua primeira projeção para a checagem. Nesse

caso, o movimento de um XP para a posição de especificador não é suficiente para a checagem, algo mais deve acontecer. No processo da checagem do sujeito, esse "algo mais" é o movimento de AgrS para Comp, tornando assim os traços-N fortes de AgrS acessíveis.

Resta a pergunta sobre como o traço-N forte nas principais com o sujeito inicial está sendo efetivado. Nesse caso é o movimento do verbo para AgrS que faz com que AgrS se torne [+acessível]. Disso resulta que, em todas as construções sem C, o verbo deve passar por AgrS, senão o traço-N forte não se tornará acessível para a checagem, a sentença deveria abortar por ter traços não eliminados.⁴¹ (O conceito de acessibilidade é pensado como parametrização das línguas: há línguas que precisam da eliminação dos traços-V para tornar a checagem dos traços-N possível, e línguas que dispõem sempre de sua "checabilidade plena")

Neste ponto surgem algumas questões: qual dos dois movimentos (AgrS→Comp na subordinada, verbo finito→AgrS na principal com sujeito inicial) é o não marcado? Qual dos dois é preferido e por quê? Na concepção de Zwart é o AgrS→Comp que ocorre primeiro, tornando V→AgrS supérfluo.

Um dado que mostra a justificação dessa hierarquia dos movimentos é a impossibilidade de um complementizador flexionado com o verbo na segunda posição. Zwart cita um exemplo do frísio (1993c:198), que admite V2 encaixado:

- (2) hy sei dat hy hie der gjin sin oan
 he said that he had there no sense on
 "he said that he didn't feel like it"

O complementizador flexionado só pode ocorrer se o verbo fica na sua posição final:

⁴¹ Com o conceito de acessibilidade, Zwart explica também o contraste entre o inglês e o francês nas perguntas-Wh: (estou citando os exemplos de Zwart1993c:177):

- (i) a. When did John arrive?
 b. *When John arrived/did arrive?
- (ii) a. Quand Jean est-il arrivé?
 When John is he Cl arrived
 When did John arrive?
 b. *Quand est(-il) Jean arrivé?
 when is (he-cl) John arrived

Assumindo que, nas duas línguas, C tem traços-N fortes e traços-V fracos, a diferença se explica através do fato de que C seja [-acessível] em inglês o que causa obrigatoriamente o movimento do verbo para C.

- (3) a. Heit sei datst do soks net leauwe moast
 o pai disse que 2.sg. você essa coisa não acreditar deve
 "o pai disse que você não deve acreditar essa coisa.
- b. Heit sei dat/*datst do moast soks net leauwe
 o pai disse que /* que 2.sg. você deve essa coisa não acreditar
 "o pai disse que você não deve acreditar essa coisa"

A suposição teórica de um movimento AgrS→Comp explica a assimetria entre principal e subordinada em relação à posição do verbo (Zwart 1993c:194). O ponto importante é que não só os dialetos com concordância em Comp mostram esse movimento, mas também os outros dialetos e as línguas-padrão. O movimento AgrS→Comp é a explicação principal para a assimetria conhecida, a concordância em Comp seu reflexo morfológico.

5.1.1.O movimento do verbo

Este parágrafo pretende sistematizar as condições das três diferentes possibilidades da posição do verbo: a posição final nas subordinadas, a posição em AgrS nas construções S1, e a posição em C nas construções tópicas e perguntas-Wh. Dentro do minimalismo, todas as posições distintas devem ser derivadas de traços diferentes das categorias funcionais.

Para falar do movimento do verbo nas construções com o sujeito inicial, resta repetir o que foi dito no parágrafo anterior. O verbo se move para AgrS para torná-lo acessível para a checagem do sujeito em [Spec, AgrS].

"...the N-feature of AgrS is strong. This forces movement of the subject to the spec of AgrS. However, this does not suffice, since AgrS is [-Accessible]. Because of that, the Projection of AgrS has no access to the N-feature represented in AgrS, and N-feature checking under sisterhood cannot take place. Therefore, AgrS has to be made [+Accessible] in some way."

(Zwart 1993c:193)

Essa ordem lógico-conceptual não reflete a ordem temporal dos movimentos: primeiro o verbo se move para AgrS para possibilitar a disponibilidade do traço-N na projeção de AgrS, só depois a checagem do sujeito se torna possível (Zwart 1993c:282). Parece-me que a idéia é a

mesma dos artigos anteriores, onde o verbo se move para "ajudar" o sujeito na checagem (Zwart 1993a:337), o que seria uma violação da "avareza". O que mudou foi somente a terminologia.

O traço-V de AgrS é fraco (Zwart 1993c:194), o que explica facilmente a posição final do verbo na subordinada. Na principal, o verbo na segunda posição violaria "procrastinação": o movimento deve acontecer o mais tarde possível. Mas como Zwart diz:

"(...) Procrastination can be violated without effect on grammaticality. Crucially, movement of the verb to a functional head carrying a weak V-feature does not violate Greed, since the V-feature would have to be checked at some point in the derivation anyhow."

(Zwart 1993c:194, nota 6)

Dessa maneira, o movimento do verbo seria uma operação de "último recurso" para garantir a convergência. Se fosse assumido que o traço-V de AgrS é forte, ele forçaria o movimento do verbo também na subordinada, e sua posição final seria agramatical, o que obviamente não corresponde aos dados. (Zwart 1993c:196) Por outro lado, a análise de Zwart ainda fica com o problema de que o verbo finito, nas construções S1, não tem nenhum motivo para subir senão a acessibilidade de AgrS.

Nas construções com inversão sujeito-verbo (construções tópicas, perguntas-Wh e perguntas do tipo SIM/NÃO), o verbo vai diretamente para C, sem passar por AgrS. Poderia se pensar que isso significa uma violação do "Head Movement Constraint", que exige um movimento cíclico de núcleo para núcleo. Mas, conforme Zwart, o HMC deve ser derivado dos princípios do minimalismo, cuja idéia central é a checagem de traços morfológicos, que justifica os movimentos assumidos. Se um núcleo lexical α se move para um núcleo funcional β , ultrapassando um núcleo funcional γ , que intervém, a derivação não converge se γ contem traços-V a serem checados por α . Zwart conclui que, neste caso, o HMC seria completamente redundante. Para o autor, a condição do elo mais curto não faz parte da economia da derivação, mas somente a condição do menor número possível de movimentos (1993c:181).⁴²

Voltando ao movimento do verbo para Comp: Zwart, na tese, assume que antes disso, AgrS se desloca para C. Esse movimento torna C uma posição onde os traços-V de C e de AgrS podem ser checados através de um único movimento do verbo para C, deixando AgrS de lado. Seria, portanto, mais econômico porque envolve um elo a menos. A violação do HMC, se

⁴² No cap .3.1. da sua tese, Zwart mostra que a condição do elo mais curto pode ser derivada da teoria de checagem.

existir, estaria de acordo com os princípios de economia do Programa Minimalista (1993c:182).

O grande argumento de Zwart para postular um movimento direto do verbo para C são os dialetos de dupla concordância: o morfema flexional do verbo é diferente conforme a sua posição, ele mostra ou concordância-c ou concordância-v. Veja os exemplos a seguir (as letras (c) e (v) indicam o tipo da flexão do verbo):

- (4) a. Wij speul-t/*e
 nós brincamos (v/c)
- b. Waar speul-e/*-t wij?
 Onde brincamos nós (c/v)
- c. ...datte wij speult
 que- 1.pl nós brincamos 1.pl (v)

(Zwart 1993c: 179)

Nos casos da concordância-c, o verbo não passa por AgrS. Repare-se que, mesmo assim, a checagem de [N] com o sujeito em [Spec, AgrS] continua sendo possível; sem a passagem do verbo por AgrS e só com seu vestígio (voltaremos à checagem do sujeito no próximo parágrafo). Se o verbo vem gerado com a flexão verbal, ele pára no núcleo de AgrS.

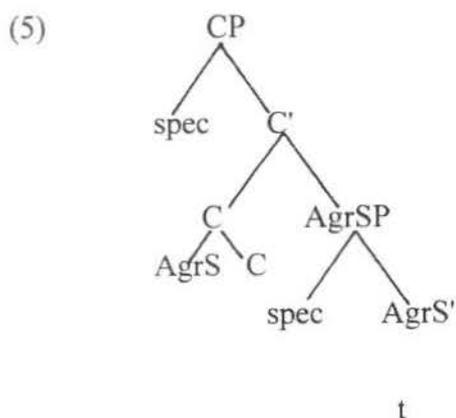
5.1.2. A especificação de C°

Assumindo um traço-N forte em AgrS, que causa o movimento AgrS→Comp, Zwart deve postular uma correspondência em C, a categoria checadora de AgrS e do verbo com concordância-c.⁴³ Mas, pensando que C também teria um traço-N forte, o seu especificador se tornaria um lugar adequado para a checagem do sujeito, um resultado indesejável para Zwart, que assume [Spec, AgrS] como única posição da checagem do sujeito. Como consequência disso, ele define [N], não como traço independente, mas como uma duplicação do traço-N de

⁴³ Zwart aponta que a presença desse traço significa o gatilho do movimento, mas só como condição do movimento. "Put differently, AgrS-to-C movement is possible on condition that the duplicate feature be non-distinct from the relevant feature of AgrS" (1993c:184).

AgrS. Com a adjunção de AgrS ao Comp, o traço-N corresponde ao traço-N de AgrS e é automaticamente eliminado quando o [N] de AgrS é eliminado. Para o verbo com concordância-c, existe uma correspondência com esse traço-N duplicado em Comp, na forma de um traço [+agr], um traço duplicado do traço N de AgrS (Zwart 1993c:184).

Se nós comparamos o comportamento dos traços-V e -N que são deslocados de AgrS para C pelo movimento de um núcleo funcional, temos que constatar uma assimetria: enquanto o traço-N em C deve sumir para não criar uma posição de licenciamento do sujeito no seu especificador, o traço-V em C está sendo conservado junto com o traço-V de AgrS que serão checados e eliminados ao mesmo tempo só através do movimento do verbo para C. Dentro do sistema de Zwart isso não é contraditório, pois ele assume que o movimento de núcleos funcionais pode criar posições de checagem derivadas para os traços-V, mas não para os traços-N (Zwart 1993c:214). O autor precisa dessa suposição porque com a análise do movimento AgrS→Comp, conforme as propostas de Chomsky 1992, ele perde [Spec, AgrS] como lugar de checagem. Com a criação da cadeia (AgrS, t), [Spec, AgrS], que antes estava no domínio de checagem do núcleo AgrS, transforma-se numa posição dentro do domínio complementar do núcleo alvo do movimento.⁴⁴



Zwart redefine os domínios, sendo o domínio interno de uma cadeia, neste caso a cadeia (AgrS, t), o domínio mínimo complementar só da cauda da cadeia (o vestígio de AgrS). O seu Spec

⁴⁴ Chomsky afirma que os domínios de um elemento não podem ser definidos duas vezes: antes e depois de seu movimento. O que conta como domínio mínimo de um elemento β (e portanto como seu domínio de checagem) deve ser estabelecido depois de seu movimento: "We must therefore understand the notion $\text{Min}(S(\alpha))$ derivationally, not representationally: it is defined for α as part of the process of introducing α into the derivation. If α is a trivial (one-membered) chain, then $\text{Min}(S(\alpha))$ is defined when α is lexically inserted; if α is a nontrivial chain $(\beta_1, \dots, \beta_n)$ then $\text{Min}(S(\alpha))$ is defined when α is formed by raising β_1 ." (Chomsky 1993:12)

ficará no domínio mínimo residual, portanto, na sua posição de checagem (Zwart 1993c:219, 220). Lembremos que essa idéia também está de acordo com o conceito de irmandade, concebida como condição de checagem de traços. Ela serve para restringir as posições de checagem numa cadeia, depois do movimento de um núcleo. Nesse ponto surge a questão de saber até que ponto podem existir posições de checagem derivadas (Zwart 1993c:231 a 234), e até que ponto uma posição A' pode se tornar uma posição-A, em particular, até que ponto [Spec, CP] (uma posição-A') consegue se transformar numa posição-A depois de um movimento I→C (Zwart 1993c:232, que cita Chomsky 1992:65 nota 33).

Com o conceito de irmandade de Zwart (1993c:233), o domínio de checagem é restrito:

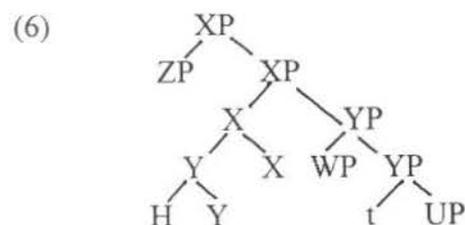
Checking domain:

- α is in the checking domain of β iff (i) α is in the residue domain of β , and
 (ii) γ carries the morfological features of β , and
 (iii) α and γ are sisters

Internal domain

- α is in the internal domain of β iff (i) α is in the complement domain of β , and
 (ii) α and β are sisters

Dessa maneira, o Spec da categoria funcional alvo do movimento (ZP, veja a estrutura 6) não entra no domínio de checagem:



Somente Y e YP têm os traços morfológicos de Y, portanto somente seus irmãos estão no domínio de checagem (Zwart 1993c:234). Como consequência Zwart formula:

"a specifier cannot be construed locally with an adjoined head. Thus, no agreement is possible in (2) [nosso (6)] between ZP and Y. The specifier of CP will therefore always be an A'-position (a non L-related position)"

(Zwart 1993c:232)

Com isso quero fechar a descrição dos traços-N das categorias em questão conforme Zwart, e sistematizar os motivos dos diversos movimentos do verbo. Já mencionei o fato de que AgrS está sendo marcado por um traço-V fraco e de que o verbo, que se desloca ao seu núcleo nas construções S1, viola o princípio de "avareza". A vantagem dessa caracterização é que a não-subida do verbo na subordinada se explica facilmente. Nas construções tópicas e perguntas-Wh, o verbo não passa por AgrS, mas vai diretamente para C⁰.

Falar do sistema CP significa uma simplificação que deixa de lado a hipótese do "Split Comp", assumida no capítulo 3. Se nós partimos de dois núcleos funcionais Wh e Top, a questão do movimento do verbo se torna uma dupla: Ele vai ao núcleo de cada projeção porque tanto Wh quanto Top tem um traço-V forte? O que aparece como uma solução óbvia dentro do minimalismo deve ser descartado por deliberações mais gerais sobre posições argumentais dentro da estrutura da sentença. Os argumentos do verbo devem ser licenciados em posições nas quais eles entram numa configuração com um núcleo lexical. Seguindo Chomsky & Lasnik (1991:37), essas posições são consideradas como L-relacionadas. São as seguintes dentro do sistema IP: as posições de especificador de AgrSP, AgrOP, TP. As posições do sistema CP são diferentes. Nem Top nem Wh são necessários para que a sentença convirja, a sua especificação de traços se refere muito mais à sentença toda (Zwart 1993c: 275). Mas se os especificadores de WhP e TopP não são posições ligadas à estrutura argumental do verbo, portanto não L-relacionadas, como eles podem dispor de um traço-V forte que possa causar o movimento do verbo para o seu núcleo?⁴⁵

Nesse ponto da análise, Zwart recorre a sua proposta da acessibilidade. Como no caso de AgrS, os traços-N fortes de Wh e de Top não são automaticamente acessíveis. Zwart redefine o conceito de acessibilidade:

- (7) α is [+Accessible] if (and only if) the V-features of α have been removed
(Zwart 1993c:282)

que deve ser interpretado como:

- (8) ϕ is a feature of α if (i) ϕ is present on β , and
(ii) α does not exclude β

⁴⁵ "Being non L-related, Wh and Top by definition do not represent features of the verb. Also, the verb in Dutch does not show any features that could be related to a particular instantiation of Wh or Top. In other words, it is not clear that the verb and Wh/Top are related at all" (Zwart 1993c:281) e "In connection with this, note that verbless questions can be generated productively, as in *Why me?*"(op.cit., p. :281, nota 6).

Através da noção da exclusão garante-se que β sendo adjungido a α lhe transferiria seus traços. O que significa isso no processo de checagem de traços em C? (A seguir, C será usado como forma simplificadora de todos os núcleos funcionais dentro do sistema CP.)

C, originalmente sem o traço-V, recebe-o através do movimento AgrS→Comp. Antes da checagem do seu traço-N, ele deve ser eliminado, o que acontece através do movimento do verbo para AgrS, adjungido ao Comp. O traço-V de C será eliminado junto com o traço-V de AgrS. (Zwart 1993c:283)

Nesse ponto só quero apontar para a análise de Platzack (1995), que enfatiza o mesmo ponto, o de que, na topicalização, não se pode tratar de uma checagem de traços morfológicos.⁴⁶ Platzack propõe um traço [repelir domínio X] para o elemento a ser topicalizado, que o leva a se mover para fora do domínio das categorias funcionais L-relacionadas. O alvo do seu movimento é "the first node dominating X that is available, i.e. not necessary for feature checking" (1995:80).

Voltando para a análise de Zwart, ela tem mais um problema que o autor mesmo menciona: consiste no movimento AgrS→Comp na subordinada, que transmite o traço-V ao complementizador. Conforme a definição em (7), os traços-V devem ser removidos para garantir a acessibilidade. Isso prevê que o verbo deveria adjungir-se ao complementizador também na subordinada, o que não corresponde aos fatos. A sua solução é supor que os morfemas lexicais, como complementizadores, são acessíveis por definição (Zwart 1993c:283, 284).

Se nós tentamos avaliar as conseqüências do suposto movimento AgrS→C, encontramos algumas complicações teóricas que podem ser resumidas da seguinte maneira: a suposição de um traço-N forte em C sendo concebido como duplicação do traço-N de AgrS é conceptualmente muito custoso porque leva a uma série de outras suposições: C, não sendo uma posição de licenciamento do sujeito, passa a ter tal caráter para depois perdê-lo de novo. Assumindo que o Spec de CP nunca é uma posição do licenciamento do sujeito e que são operadores lógicos, e não traços morfológicos, que exigem os movimentos dentro do sistema CP, podemos evitar essa complicação teórica. Além disso, proporei uma estrutura que não parte da idéia de um movimento AgrS→Comp.

⁴⁶ Esta diferença é claramente expressa em Chomsky (1993:29):

"... we crucially assume, as is plausible, that V-raising to C is actually I-raising, with V incorporated within I, and is motivated by properties of the (C, I) system, not morphological checking of V. C has other properties that distinguish it from the V-features."

Uma outra possibilidade, proposta por Torres (1995), só quero mencionar aqui: ela consiste na suposição de que são só os traços-V de AgrS que se movem a C⁰, os traços-N continuam sendo ligados a AgrS.

Na concepção de C e AgrS, no que diz respeito ao traço-V, pode ser mostrada, na minha visão, uma incoerência teórica do modelo de Zwart: sendo fraco, AgrS não pode causar o movimento do verbo, motivo pelo qual Zwart postula a noção da acessibilidade. Mas C também não tem um traço-V antes do movimento AgrS→Comp, como Zwart deixa claro: "Top and Wh lack V-features, but acquire a V-feature as a result of AgrS-to-C movement (where C=Top, Wh)" (Zwart 1993c:293). Em última instância, o movimento do verbo não está sendo causado por traços fortes de uma categoria funcional, mas, através do conceito da acessibilidade, pelos elementos em [Spec, CP]. Não quero dizer que isso não seja uma possível análise, uma análise que recupera a velha idéia da dependência dos movimentos para CP (um a seu Spec, um a seu núcleo), mas nesse caso talvez seja prescindível montar uma análise através de traços morfológicos a serem checados, se estes traços são concebidos como traços fracos. Pois, dessa maneira, contradiz-se um ponto central do modelo minimalista.

5.2. A PROPOSTA DE UM AGR DOS CLÍTICOS

Cardinaletti & Roberts (doravante C & R) introduziram a idéia de mais um núcleo Agr entre C e AgrS (Agr1 ou Agr dos clíticos) - entre outros motivos, para explicar a ocorrência de V2 encaixado numa língua como o islandês, que não impõe restrições a este fenômeno. Conforme os autores, não se precisa assumir uma recursão de CP nesse caso, pois a topicalização encaixada se realiza em [Spec, Agr1] que, portanto, é caracterizado como uma posição de tópico.

Neste parágrafo, quero apresentar e discutir os argumentos dos autores para justificar a suposição dessa posição em alemão: o problema principal é a posição dos clíticos em relação ao sujeito. Diferente das outras línguas germânicas (esta é a afirmação dos autores (1991:20))⁴⁷, eles podem ocorrer entre o Comp e o sujeito, veja os seguintes exemplos:

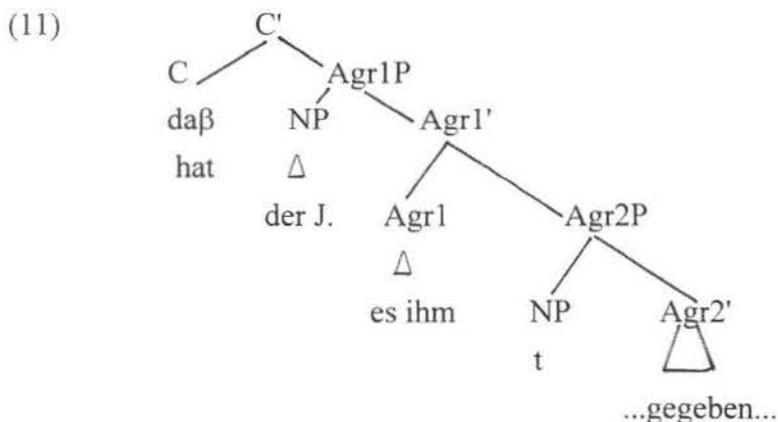
⁴⁷ Zwart (1993a: 330, nota 33) menciona que o flamengo também admite os clíticos objetos entre Comp e o sujeito.

- (9) a. daß *es ihm* der Johann gestern gegeben hat.
 que o (neutro ac) lhe (masc. dat) o João ontem dado tem
 "que o João o deu ontem para ele"
- b. Gestern hat *es ihm* der Johann gegeben.
 Ontem tem o (n. ac) lhe (m. dat) o João dado
 "Ontem o João o deu para ele"

Ao mesmo tempo, o sujeito pode ficar antes dos clíticos:

- (10) a. daß der Johann *es ihm* gegeben hat
 que o João o lhe deu
- b. Gestern hat der Johann *es ihm* gegeben
 Ontem tem o João o lhe dado

Uma estrutura que conta com um Agr1, cujo núcleo está sendo ocupado pelos clíticos, pode explicar essas duas ordens:



(exemplos e estrutura de Cardinaletti & Roberts 1991:21)

Comparando os dados, poder-se-ia chegar a uma outra análise que não parte de uma posição fixa dos clíticos, mas de uma posição fixa do sujeito, os clíticos se encontrariam nesse caso em posições de "scrambling". O que fala contra essa análise, conforme os autores, é o fato de que tanto os pronomes antes do sujeito quanto os pronomes depois dele não são acentuados

e têm propriedades de um clítico, portanto de um X⁰. Esse comportamento idêntico indica que os clíticos ocupam a mesma posição nos dois casos e que é o sujeito que muda a sua posição (C & R 1991:21).

O segundo argumento dos autores é a falta do "clitic-splitting" em alemão, quer dizer, a impossibilidade de que um clítico preceda o sujeito e um outro o siga:

- (12) a. * daß *ihm* der Hans *es/sie* wahrscheinlich gegeben hat
que *lhe* (dat) o João o/a(ac) provavelmente deu
- b. * daß *es/sie* der Hans *ihm* wahrscheinlich gegeben hat
que o/a(ac) o João *lhe*(dat) provavelmente deu
- (exemplo de Cardinaletti & Roberts 1991:22)

O valor desse argumento é pelo menos questionável, pois os fatos não são tão claros assim, como os autores mesmo mencionam na nota 6:

"sentences like (i) are possible on condition that at least the second pronoun is stressed:

(i) ?.. daß *es/sie* der Hans *ihm* wahrscheinlich gegeben hat.

We interpret this fact, not as a counterexample to the analysis being put forward in the text, but as an example of scrambling of a (stressed pronoun). When pronouns occupy some position other than the Wackernagel position, they have undergone scrambling in the same way as full NPs."

Entretanto, eu considero essa sentença perfeita em alemão, mesmo sem a acentuação do segundo pronome; portanto, existem exemplos claros de "clitic-splitting", ponto ao qual quero voltar no parágrafo 5.2.2. Além disso, a interpretação do segundo pronome como movido para a direita (por motivos de acentuação) não cabe mais dentro da proposta do minimalismo, onde todos os elementos se movem para a esquerda.

O último argumento dos autores recorre a um fato do holandês: são os clíticos de objeto que ocorrem à direita do sujeito:

- (13) ...dat *Jan't* gisteren aan Marie gaf.
... que J. o (clít.) ontem a M. deu
"... que o João ontem deu à Maria"
- (exemplo de Cardinaletti & Roberts 1991:23)

Com a suposição de um Agr1 cujo spec está ocupado pelo sujeito e cujo núcleo pelo clítico, os dados encontram uma explicação fácil. Porém, a ordem inversa (clítico antes do sujeito) não é admissível, contrário aos fatos do alemão.

Os autores assumem que [Spec, Agr2] é uma posição que recebe NOM só em alemão, mas não em holandês, enquanto [Spec, Agr1] seria uma posição de nominativo nas duas línguas.

5.2.1. Argumentos contra uma única posição fixa dos clíticos

Quero argumentar contra a necessidade de um Agr1 que hospede no seu núcleo todos os clíticos. Baseio-me principalmente na análise de Zwart para o holandês e o flamengo ocidental e a aplico ao renano-palatino.

Assumindo a suposição de C & R, de que os pronomes átonos em alemão são clíticos, de que eles têm o estatuto de X⁰ ⁴⁸, consegue-se manter a idéia de uma posição fixa na estrutura da sentença sem precisar postular um núcleo funcional especificamente para eles.

O estatuto dos pronomes não acentuados no alemão padrão continua sendo um ponto de controvérsias. Os autores que os consideram como XPs apontam para o fato de que eles podem ocorrer na primeira posição da sentença (em [Spec, CP]) (Shlonsky 1994: 356, Schmidt 1995: 229, 230) e de que eles podem ser coordenados - ao contrário dos clíticos:

- (14) ...,weil er **sie** und **ihn** ja noch nicht gesehen hat
porque ele ela(ac) e ele (ac) (partícula) ainda não viu
"porque ele ainda não viu ela e ele"

(Schmidt 1995:230)

Embora este argumento seja válido apenas se os pronomes em questão levem um acento forte, não quero entrar em mais detalhes da discussão para o alemão padrão, mas a limito no renano-palatino. Embora exista uma correspondência com a sentença (14), que admite também a coordenação,

- (15) ..., weil er **die** un **denne** jo noch nie gesiehn hat
porque ele ela (ac) e ele(ac) ainda não viu

⁴⁸ Deixamos de lado que, na teoria atual (Chomsky 1994), o clítico tem tanto o estatuto de X⁰ quanto de XP.

existem os clíticos que não admitem a coordenação:

- (16) *..., weil er 'se un 'ne jo noch nie gesiehn hat
porque ele a e o nunca viu

Do contraste entre (15) e (16) concluímos, portanto, que o renano-palatino dispõe de duas séries de pronomes: os fortes e os fracos (ou clíticos):

Pronomes fortes do renano-palatino:

	Nom	Ac	Dat
1.sg.	ich	mich	mer [e]
2.sg.	du	dich	der [e]
3.sg.m.	der {er}	denne {ihne}	dem {ihm}
3.sg.f.	die {sie}	die	der(-er) {ehr}
3.sg.n.	des {es}	des	dem {ihm}
1.pl.	mer	uns	uns
2.pl.	ehr	eich	eich
3.pl.	die	die	denne

Pronomes fracos (clíticos) do renano-palatino:

	Nom	Ac	Dat
1.sg.	-	-	mer
2.sg.	e, de	-	der
3.sg.m.	er	ne	(e)m
3.sg.f.	se	se	rer
3.sg.n.	(e)s	(e)s	(e)m
1.pl.	mer	-	-
2.pl.	ner	-	-
3.pl.	se	se	ne

Algumas observações a respeito dos paradigmas:

1. Todos os fonemas têm o valor de schwa.
2. O paradigma dos pronomes fracos não está completo. Os hífen (-) indicam que as lacunas estão preenchidas pelas formas dos pronomes fortes. Os elementos entre chaves { } são formas alternativas, empréstimos dos pronomes pessoais do alemão padrão. Embora mostrem a influência do alemão padrão no dialeto, elas ainda são pouco usadas. Note-se que elas só ocorrem na 3.ª ps. As formas regulares são as formas do artigo definido do alemão padrão, com caráter demonstrativo. A letra -e- entre parênteses () significa que ele pode ser omitido em muitos contextos.
3. Além disso, repare-se que existem dois clíticos de sujeito na 2.ª ps. sg.: *de, e*
Poder-se-ia pensar que, na segunda forma -e-, trata-se simplesmente de uma redução fonológica; porém, se fosse o caso, por que a construção [Comp + e] resulta em agramaticalidade enquanto a construção [Comp + *de*] é admissível (um fato já mostrado no cap. 1, que quero repetir agora)

(17) a. *wenn-e kommsch
se você vai

b. wenn-de kommsch

O clítico -e depois de Comp só é possível, se a conjunção é *daß* (que). Não é possível depois de *obwohl* (=embora), *weil* (=porque) e depois do elementos-Wh: *warum* (=por que) *wann* (=quando), entre outros, que exigem a ocorrência de *de*.

Aplicamos agora o outro teste para decidir sobre o estatuto dos elementos pronominais: Com exceção da segunda pessoa do singular e do plural, todos podem ocorrer na posição inicial da sentença. Mas isso não significa que eles devem ser interpretados como XPs, pois não podem ser acentuados, o que fica bem claro no caso da terceira pessoa neutro (18), em que pode ser omitida a vogal.

(18) 's is nie sefriede
(clít. neutro) é nunca satisfeita

E, ainda, são clíticos de sujeito do mesmo tipo que os do holandês. Por enquanto, não tenho uma explicação para o fato de que a segunda pessoa se constitui exceção.

Resumindo: o único argumento que fala contra a proposta de C & R de uma posição para os clíticos e o fato de que eles podem ocorrer separados, ao contrário do que os autores alegam. Deve-se, portanto, assumir que os clíticos ocupem outras posições em vez das propostas por eles. Vou seguir Kayne (1991, cf. Zwart 1993:136), para quem os clíticos são núcleos de projeções de concordância (AgrPs), não movidos, mas gerados na base. Essas projeções são iguais às projeções de concordância conhecidas (AgrSP e AgrOP).

Além disso quero testar a possibilidade da existência de um "clitic scrambling" no renano-palatino: seguindo Zwart (1993c: cap. 2), os clíticos podem se mover para um núcleo mais alto (T e C)⁴⁹. Discutirei as conseqüências dessa hipótese na seguinte sub-seção. O ponto decisivo será que os movimentos devem atender as restrições sobre adjunções (somente à esquerda), formuladas por Kayne (1993).

5.2.2. Uma estrutura sem uma posição fixa para os clíticos

Assumimos a estrutura proposta por Chomsky 1992 com as seguintes modificações:

- a existência de mais um núcleo funcional AgrO para a checagem do objeto indireto. A ordem entre AgrOd (de objeto direto) de AgrOi (de objeto indireto) não é fixa, podendo variar conforme a projeção dentro do VP. Com essa idéia estou seguindo Schmidt (1995: 56, 57) que propõe que as relações lexicais hierárquicas se encontram igualmente na sintaxe (princípio da isomorfia).

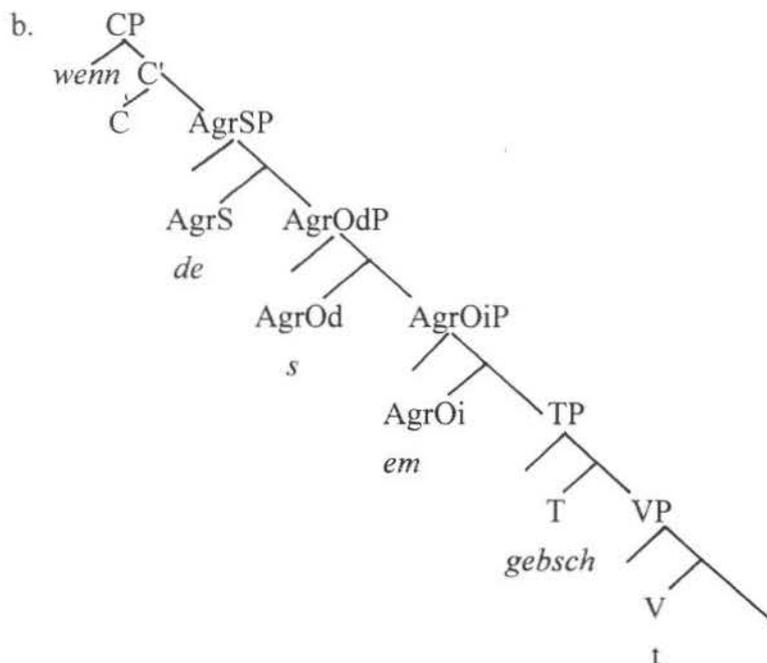
- a categoria funcional T diretamente acima de VP (seguindo Schmidt 1995 e Haegeman, cf. Zwart⁵⁰), à cuja justificativa voltarei depois.

⁴⁹ Para essa idéia, Zwart cita um manuscrito de Sportiche 1992 ao qual não tive acesso: "Recall that I have assumed that clitics are generated as heads of agreement projections, basically following Sportiche (1992). I also followed Sportiche in assuming that clitics may undergo additional head movement." (Zwart 1993c:151)

⁵⁰ Não tive acesso a esse artigo: Haegemann, L. (1992) Some Speculations on Argument shift, Clitics and Crossing in West Flemish. Ms., University of Geneva.

A sentença do renano-palatino, com os clíticos de sujeito, objeto direto e objeto indireto, teria a seguinte representação⁵¹:

- (19) a. ...wenn de s em gebsch
 se suj. obj.dir. obj.indir. dá
 "se você o dá a ele"



Dessa maneira, temos uma outra possibilidade para explicar a posição do sujeito depois dos clíticos: os clíticos se movem para além do sujeito em [spec, AgrS], portanto, adjungem-se a C, como sugere a proposta de Zwart. Por questões de ordem, deve-se assumir uma adjunção à direita, contra Kayne (1993), que, por motivos de linearização, chegou à hipótese de que a adjunção sintática deve envolver somente a adjunção à esquerda (veja seção 6.1). Porém, os dados acima são difíceis de explicar com a suposição de uma adjunção sintática à esquerda. Dever-se-ia postular que os clíticos se movem na ordem: *-em*, *-s*, *-de* (para garantir a ordem inversa no final) e que eles se adjungem a um núcleo entre C e AgrS, que seria, portanto, um núcleo dos clíticos. É claro que esta análise não é compatível com a versão estrita do HMC. Além disso, dever-se-ia formular motivos para os clíticos se moverem em termos de traços fortes, tentativa feita por Platzack (1995). Ele assume um traço [repelir domínio X], definindo

⁵¹ A representação de CP é simplificada, mas suficiente para nossos fins neste momento.

o domínio X como o domínio das categorias Agr, que checam caso. Os clíticos como elementos que não precisam de caso, seriam "repelidos" deste domínio. O problema é que os clíticos nem sempre se movem para além desse domínio, como os casos do "clitic splitting" mostram. Mas movimentos opcionais não são permitidos dentro do minimalismo.

A outra possibilidade de manter a hipótese de Kayne (1993), que adotaremos, consiste na proposta de Zwart de que a cliticização nas línguas germânicas não é uma adjunção sintática, mas um processo fonológico (Zwart 1993c:151)⁵². Para a interpretação da cliticização fonológica à direita, podemos citar também os dados da aquisição da linguagem. Temos as seguintes ocorrências de um pronome sujeito cliticizado ao verbo:⁵³

- (20) a. *fels noch nich iser putt*
rocha ainda não é-ela quebrada
- b. *das iser fest*
isto é-ele fixado

(Clahsen 1989: 8)

Essas "cópias pronominais" (Clahsen 1989:8) ocorrem na última fase antes da aquisição do movimento do verbo para a segunda posição da sentença. Voltaremos a esse dado na seção 5.4. Porém, ficamos com o problema de explicar a ordem sujeito-clítico, ordem que levou C & R a postular uma segunda posição para a atribuição do nominativo, o que se torna complicado dentro do quadro teórico atual, pois deveríamos assumir que, num caso, seria o Agr1 (AgrS) que seria caracterizado por um traço-N forte, e, no outro caso, seria o Agr2 (T?). Talvez tenhamos que adotar uma interpretação mais livre da checagem, e agora me seja permitida uma especulação não muito ortodoxa em termos minimalistas. Estou pensando na seguinte parametrização: há línguas, em que os traços (fortes) das categorias funcionais determinam se a sentença converge, e línguas, supostamente com morfologia forte, onde os traços (fortes) dos

⁵² Zwart vai mais longe ainda assumindo que a cliticização não obedece às generalizações de Kayne, sendo sempre à direita (Zwart 1993c:157).

⁵³ A objeção de que a unidade fonológica /iser/ poderia ser resultado de cliticização do verbo de ligação ao pronome parte do pressuposto de que o verbo se adjunge ao mesmo núcleo-alvo que o clítico: AgrS. Em princípio, nada fala contra esta análise. Mas questões gerais de ordem mostram alguns problemas: como a ordem verbo-sujeito só ocorre nas topicalizações, que envolvem o movimento do verbo para C, como está sendo tradicionalmente assumido, deveria se abandonar esta interpretação e assumir que o verbo se move para AgrS em todos os casos. Se o verbo se movesse para AgrS, o sujeito NP posposto nunca poderia ocorrer em [Spec,AgrS] para checar o nominativo.

itens lexicais o determinam. Se, neste último caso, os elementos lexicais conseguem checar o seu traço forte numa das categorias com o traço forte correspondente, a sentença converge, independentemente se há mais categorias funcionais com o mesmo traço forte ou não. Por outro lado: em línguas em que as categorias funcionais são determinantes, o item lexical deve checar o seu traço exatamente numa categoria determinada. Dessa maneira pode-se captar a relação de traços fortes com uma morfologia rica de caso: as línguas com uma morfologia rica optariam pela especificação dos itens lexicais, as línguas sem essa morfologia dependem da ordem fixa e precisam da determinação das categorias funcionais.

Se aceitamos essa possibilidade podemos propor que, em alemão, todas as categorias INFL sejam especificadas por traços-N fortes o que explicaria a possibilidade de os clíticos de objetos ocorrerem entre Comp e o sujeito (caso do flamengo ocidental (Zwart 1993c: 149), do alemão padrão e do renano-palatino). Veja os seguintes exemplos do renano-palatino:

- (21) a. wenn dei vadder **s em** gebt
se seu pai o(ac) lhe (dat) dá
- b. wenn **em** dei vadder **s** gebt
se lhe (dat) seu pai o (ac) dá
- c. wenn **s em** dei vadder gebt
se o (ac) (lhe) seu pai dá

O sujeito se moveria talvez por motivos de focalização, ligada a traços fortes das categorias em questão.

5.3. Um Agr de concordância

Partindo da argumentação acima, contra a necessidade de uma categoria funcional destinada para a hospedagem dos clíticos, poderia se concluir que a suposição de mais uma projeção Agr acima das "tradicionais" é supérflua. Porém, a proposta que trabalha somente com essas categorias (AgrS e AgrO) deve introduzir um movimento Agr→Comp para explicar

os fatos de concordância visível ligada ao sistema CP. Na sub-seção 5.1.2. aponte para as dificuldades teóricas que resultam dessa hipótese.

Portanto, quero propor que o renano-palatino, de fato, tem mais uma projeção Agr acima de AgrS, sem, no entanto, ser esta uma posição fixa para os clíticos. Com essa idéia estou seguindo Shlonsky 1994, que introduziu um AgrC para o flamengo ocidental, cuja proposta quero apresentar na primeira parte desta seção. Depois aplicarei a sua proposta ao renano-palatino, propondo algumas modificações. Finalmente, quero mostrar as vantagens dessa análise sobre aquela de Zwart.

O flamengo oriental não apresenta somente a curiosidade de ter um paradigma flexional rico em Comp, mas também a duplicação do sujeito através de um clítico-sujeito:

(22) da-t (ze) zie werk-t
que-3.sg. clít. fem. ela trabalha-3.sg

A distribuição do clítico-sujeito é submetida às seguintes condições:

Ele é opcional caso o sujeito seja um pronome lexicalizado (veja (22)), obrigatório com um pronome nulo (23), e agramatical com uma expressão-R (24).

(23) da-t *(ze) werk-t
que 3.sg. clít.fem. trabalha-3.sg

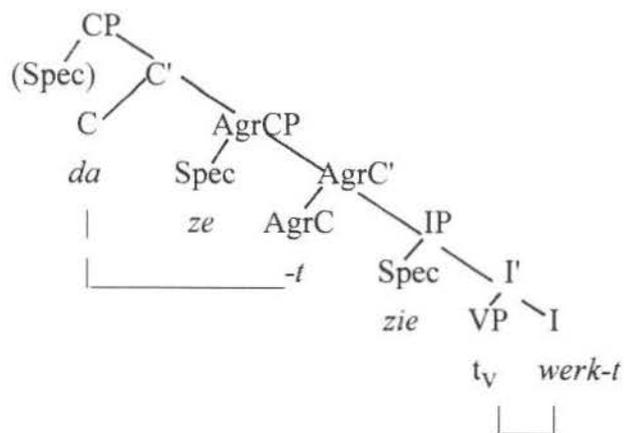
(24) *da-t ze Marie werk-t
que 3.sg. clít.fem. Maria trabalha 3.sg.

(Shlonsky 1994: 354)

Com o fim de explicar os fatos da concordância em Comp, Shlonsky propõe "uma representação explícita de concordância (Agr) em Comp, incorporando a hipótese de que Agr é o núcleo de uma projeção máxima discreta" (1994:351). No núcleo dessa projeção AgrC, que faz parte do sistema CP, encontram-se os traços- ϕ , típicos de uma projeção de concordância, que se manifestam, depois do movimento AgrC→Comp, na desinência do complementizador como morfema *-t*:

O clítico de sujeito, que está sendo gerado na base (1994:361), encontra-se no spec dessa mesma projeção, veja a representação de (22) como (25):

(25)



(Shlonsky 1994: 356)

Essa representação, com os clíticos na posição do especificador, deixa evidente que eles são considerados projeções máximas, ocupando uma posição-A, portanto L-relacionada (1994:359). Mas ela não é nem uma posição de caso, nem uma posição que recebe papel- θ . Os clíticos são os únicos elementos que podem escapar do filtro do caso, sendo, até um certo ponto, afixos sintáticos (1994:357), motivo pelo qual eles podem ocupar uma posição onde não recebem caso.⁵⁴

Através da suposição teórica básica de que deve existir uma coindexação entre [spec, AgrCP] e seu núcleo para licenciar o conteúdo de AgrC (op. cit., p. 358), Shlonsky explica a distribuição do clítico-sujeito e a posição de sujeito nos casos sem clíticos:

(26) ... dat zie/ Marie werkt
que ela/Maria trabalha

Depois de ter recebido caso (checado o traço-N forte em [Spec, AgrS]), tanto o pronome quanto a expressão-R se movem para [Spec, AgrC], movimento desencadeado pela exigência de que essa posição seja preenchida.

A mesma suposição explica a necessidade da ocorrência do clítico no caso do sujeito nulo: para licenciar o conteúdo de AgrC, o seu spec deve estar lexicalizado através do clítico por não haver nenhum outro elemento que poderia se mover para essa posição.

O último caso, a impossibilidade da coocorrência do clítico com uma expressão-R encontra uma solução através da teoria da ligação: o clítico c-comandaria a expressão-R com a

⁵⁴ Quero apontar para a contradição que resulta da interpretação dos clíticos como X^{max}.

qual está coindexado, criando dessa maneira uma relação de ligação, o que significaria uma violação do Princípio C.

Sistematizemos agora as propostas para as diversas possibilidades do deslocamento do verbo: numa construção S1, ele se encontra em AgrC, cujo Spec sempre deve estar preenchido na estrutura-S; segue-se da representação proposta que também pode ser o clítico que precede o verbo. Entretanto, a motivação do movimento do verbo não é clara. Como [Spec, AgrC] tem as propriedades de uma posição-A (ou L-relacionada), não pode ser o lugar de pouso para tópicos. Estes acabam em [Spec, CP] com o verbo em C. Isso quer dizer que Shlonsky, junto com Travis (1984) e Zwart (1993), assume a análise assimétrica. A diferença fica no lugar dessa assimetria: enquanto Travis e Zwart propõem AgrS (IP) como lugar do verbo na construção S1, Shlonsky desloca tudo para uma projeção mais acima.

5.4. UMA EXPLICAÇÃO DA CONCORDÂNCIA EM COMP SEM MOVIMENTO

Esta seção pretende "traduzir" a proposta de Shlonsky de uma projeção AgrC que faz parte do sistema CP para o minimalismo. Em particular, precisa-se achar motivos para os movimentos em questão, motivos expressos por traços fortes das categorias funcionais e (dos itens lexicais).

Começamos com o primeiro movimento central da sua análise: o do AgrC→C. Como na análise de Zwart (1993), surge a questão do por quê de tal movimento. Enquanto Zwart, principalmente, recorre à noção teórica de "acessibilidade", Ribeiro (1995), numa análise do português arcaico, que tanto mostra ênclise quanto próclise, propõe traços de operadores como [+top], [+foco], [+neg] ou o traço [+especifico] para os clíticos em AgrC (1995: cap. 4). No caso da ênclise, o verbo vai a C, deixando o clítico em AgrC; na próclise, AgrC e o clítico se deslocam para C ao qual eles se adjungem à direita.

Com a idéia de que são *traços de operadores lógicos*, Ribeiro evita os problemas teóricos a respeito da checagem de *traços morfológicos* dentro do sistema CP (veja também a sub-seção 5.1.2.), mas pergunto-me se é necessário supor um movimento e estipular tais traços em AgrC para motivá-lo.

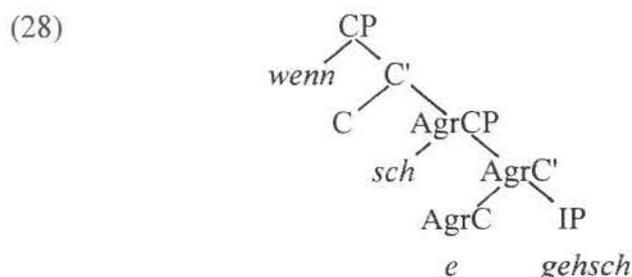
Além disso surge uma pergunta muito mais concreta: a pergunta da ordem dos elementos em questão. Qualquer proposta da concordância que trabalhe com a idéia de um movimento desse afixo morfológico para o núcleo C^o, não é compatível com os princípios que

resultam do LCA de Kayne (1993, veja também a seção 6.1.), segundo o qual a adjunção sintática deve ser somente à esquerda. Mas o morfema flexional da concordância sempre ocorre depois do complementizador. Os exemplos dados no primeiro capítulo mostram claramente que a concordância segue, em todos os casos possíveis, os elementos dentro de CP.

Para evitar esses problemas quero propor a ordem inversa do clítico sujeito e do morfema flexional, o contrário do que foi proposto por Shlonsky: o núcleo da projeção de AgrC está sendo ocupado pelo clítico sujeito, numa configuração paralela às outras projeções de concordância (veja a estrutura (19b)). No seu Spec se encontra o morfema flexional, considerado como elemento X⁰, portanto como clítico. A encaixada:

- (27) wenn-sch-e geh-sch
 se 2.sg. você (clít) vai

teria a seguinte representação:



Neste exemplo, com o Comp vazio, poder-se-ia pensar inclusive num movimento do elemento flexional que se adjunge a C à esquerda. Mas a possibilidade do Comp preenchido por *daß* (que) ou pelo complementizador das relativas *wo* nos leva a descartar essa solução. A idéia da cliticização fonológica à direita não contradiz os princípios sintáticos estabelecidos por Kayne. As "cópias pronominais" (*iser* = "é-ele") que ocorrem no processo de aquisição (sub-seção 5.2.2.) são tomadas como evidências de que existe uma projeção que realiza a concordância verbal com o clítico de sujeito nesta ordem. Um outro exemplo seria a ocorrência dessa mesma combinação de elementos, sem apoio lexical, também na fala dos adultos:

- (29) da-sch-e, wenn-sch-e dorschd hasch, **sch-e** dann immer bier dringe musch, reschd mich uf
 que 2.sg. você, se 2.sg. você sede tem, 2. sg. você (clít) cerveja beber deve, incomoda me
 "que você, se estiver com sede, sempre toma cerveja, me incomoda"

O interessante é que, com esta análise, conseguimos explicar o fato de que renano-palatino dispõe de dois clíticos de sujeito *-e* e *-de*, sem que isso signifique uma reduplicação do clítico de sujeito (veja o contraste mostrado em (17)). O morfema *-e* é interpretado como núcleo da categoria AgrC, enquanto *-de* está localizado no núcleo de AgrS. Com esta distribuição está correlacionados o fato de que a concordância de Comp só ocorre na segunda pessoa. Temos que assumir, que o renano-palatino ativa a projeção de AgrC também nas outras pessoas verbais, assim como nos assumimos que o alemão padrão dispõe dessa projeção. As demais justificativas teóricas se tornarão mais claros nos próximos itens.

5.5. OS MOVIMENTOS DO VERBO E A POSIÇÃO DO SUJEITO

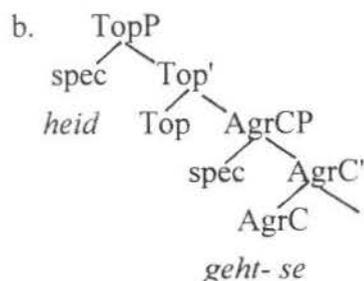
Nesta seção quero integrar a proposta de um AgrC às diversas construções da sentença principal. A subordinada será discutida no capítulo 6.

Como Travis (1984), Zwart (1993) e Shlonsky (1994), estou partindo da assimetria entre sentenças com sujeito inicial (S1) e topicalizações (perguntas-Wh). Nas construções S1, AgrS, tendo traços-V e -N fortes, atrai o verbo, e o sujeito checa nominativo na posição do especificador. Não vejo motivo para o sujeito subir a [Spec, CP] antes de *spell-out*, se ele não for topicalizado. Caso contrário, ele sobe para [Spec, TopP], o que será desencadeado por um traço de operador nessa posição.

Uma vez que o sistema CP é ativado (assumimos o CP dividido, apresentado no cap. 3), AgrCP será automaticamente projetado e hospeda no seu núcleo, o clítico-sujeito (se tiver), ao qual o verbo se adjunge:

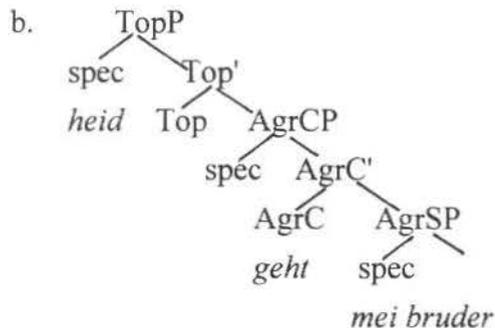
topicalização com clítico:

- (28) a. heid geht-se
hoje vai ela (clít.)



topicalização com NP referencial:

- (29) a. heid geht mei bruder
hoje vai o meu irmão



A respeito da caracterização dos traços-V de AgrC, podemos pensar em diversas possibilidades: se eles são fortes, deveriam causar o movimento do verbo também na subordinada. A única maneira de evitar esse resultado consiste na suposição de que AgrC não tem uma caracterização fixa dos seus traços fortes e fracos, mas de que ela depende do estatuto dos elementos operadores à sua esquerda: Um elementos-Wh ou um tópico determinam o valor de AgrC como sendo forte, causando dessa maneira a subida do verbo para AgrC. Um complementizador o fixa automaticamente como fraco o que implica a posição final do verbo. Explica-se dessa maneira (talvez descritiva demais) porque em alemão e holandês não ocorre V2 com a realização do complementizador.

Por outro lado, se AgrC tiver traços-V fracos, o deslocamento do verbo para essa posição numa topicalização seria uma violação do princípio de procrastinação ao antecipar um movimento de LF, semelhante à proposta de Zwart 1993c.

Em ambos os casos, teríamos uma dependência dos dois movimentos: o preenchimento de um Spec do sistema CP causaria o movimento do verbo. Postulamos que esse preenchimento não precisa ser lexical: um operador vazio (discursivo) também pode desencadear o movimento do verbo a AgrC o que explicaria as ocorrências de V1. Assumo que, no caso de V1, sendo uma construção marcada, CP sempre está envolvido, assim como no caso de sujeito nulo.

Uma outra possibilidade de determinar a posição do verbo dentro do sistema CP seria supor que a ocorrência de um elemento numa das projeções de CP cause a subida do verbo para o núcleo dessa mesma projeção (TopP ou WhP). Mesmo assim, o verbo precisa passar por AgrC para não violar a condição do elo mais curto. Essa proposta tem a desvantagem de ser

"mais custosa" porque implica um movimento a mais. Tomo esse princípio da economia como decisivo e opto pela primeira possibilidade.

No final deste capítulo quero dar espaço para uma outra proposta da concordância em Comp, sugerida por Kato (c.p.). Pode-se pensar o morfema flexional da concordância como núcleo de uma projeção CP, situada abaixo de AgrCP. O movimento C→AgrC cria o complexo *sch-e*, onde o morfema flexional se adjunge ao clítico de sujeito do lado esquerdo. Dessa maneira, haveria um paralelismo com os movimentos propostos em Chomsky (1993:7,8), onde o verbo se desloca para AgrO e a categoria T para AgrS. Sempre seria uma categoria de concordância que domina ou as categorias flexionais ou o verbo, interpretação que pressupõe que C, nas línguas-V2, tem características verbais (veja cap. 4).

A idéia teria outra vantagem, a de conseguir explicar os dados do PA: assumindo um núcleo C, que hospeda o verbo finito na principal, o qual se move para o núcleo acima, adjungendo-se ao clítico, explica-se a ênclise. A próclise seria simplesmente o resultado da mesma configuração sem o movimento.

Quero apresentar esta proposta por achá-la muito interessante e importante para ser discutida e avaliada em futuros trabalhos. Por enquanto não quero assumí-la pelos seguintes motivos:

Primeiro, o paralelismo entre as diversas categorias Agr, alvos de um movimento da categoria abaixo, se perde na estrutura do alemão, assumida neste trabalho: T se encontra acima de VP e não se move para AgrS.

Segundo, como se motiva o movimento de C para AgrC? Pode-se recuperar a idéia de que é um operador de tempo em AgrC que deve c-comandar a sentença toda, no sentido de Laka (1989, veja nota 40), retomado por Rizzi (1990). Porém, se isso for o caso, não seria mais econômico projetar a categoria AgrC com especificador e núcleo, e as duas posições capazes podendo ser preenchidas? Pois, assumindo um núcleo AgrC e um núcleo C, quais seriam os elementos que poderiam ocorrer nas posições de especificadores? Se não existem, talvez não se precisa projetar duas categorias. (Embora no modelo de Chomsky 1994 já não se parta mais da idéia do sistema X-barra, quer dizer, o especificador não precisa ser projetado.)

Terceiro, a próclise no PA consiste principalmente da ordem de *clítico de objeto - verbo*, algo que não acontece nem no alemão padrão nem no renano-palatino, onde somente os clíticos de sujeito precedem o verbo.

CAPÍTULO 6

A POSIÇÃO DO VERBO NA SUBORDINADA

O título deste capítulo expressa a questão fundamental a ser discutida agora. Apresentarei algumas propostas a respeito da assimetria entre principal e subordinada para depois motivar minha análise com algumas deliberações gerais sobre a posição do verbo finito, predicação e referencialidade da sentença.

As línguas V2, como o holandês e o alemão, que mostram duas posições verbais distintas para a principal e a subordinada, criam algumas complicações para uma teoria, cuja idéia explicativa central para as possíveis ordens dos itens lexicais consiste na distribuição distinta de traços fortes e fracos entre as categorias funcionais. Deve-se concluir que as categorias funcionais responsáveis pela diferença são caracterizadas diferentemente na subordinada e na principal.

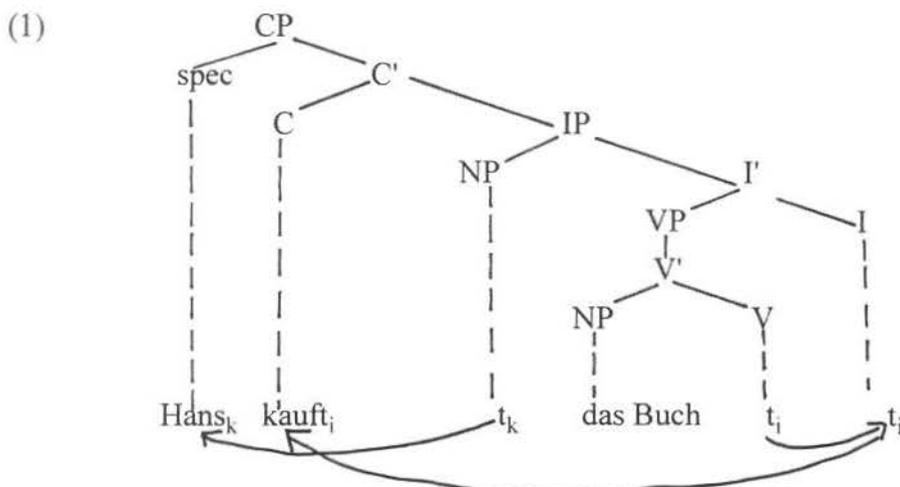
Um outro problema dentro do quadro teórico atual, mais básico ainda, é a questão da ordem OV, tradicionalmente assumida como ordem básica do alemão e do holandês, que contradiria as propostas de Kayne (1993) de uma ordem universal VO.

Ligado à questão da posição do verbo está o problema da checagem dos traços dos NPs objetos: eles podem checar os seus traços nos especificadores das categorias AgrO e T sem o verbo precisar passar por elas? Bobaljik (1993:9 e 13) aponta para este fato dizendo que "overt raising of the object to specifier of Agr2 (o nosso AgrO) is only possible if the verb has raised overtly to Agr2." Portanto, dever-se-ia assumir o movimento (cíclico) do verbo para garantir as posições equidistantes, para evitar violações da minimalidade.

A seguir quero apresentar brevemente as idéias de Kayne para depois mostrar suas conseqüências para o alemão. Citarei algumas possibilidades teóricas, como são desenvolvidas nos trabalhos de Donati & Tomaselli (1994), Zwart (1993c) e Schmidt (1995). No final deste capítulo, proporei uma análise distinta, que se baseia na cadeia de tempo de Guerón e Hoekstra (1993).

6.1. A ORDEM UNIVERSAL VO

A literatura sobre o alemão consiste, numa grande parte, na questão da sua configuração básica. Em particular, discutiu-se a ordem do núcleo em relação a seu complemento dentro de VP, e num nível mais alto, de IP. A maioria das propostas partiu da idéia do "núcleo-final" o que significa para a subordinada que o verbo sai do VP e se move para AgrS (IP) situado à direita, veja a seguinte representação de Haegeman (1991:528):

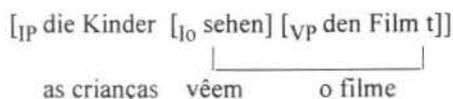


Enquanto a maioria dos autores adotava uma representação semelhante, Travis propôs em 1984, que o alemão tivesse a mesma ordem do iídiche: S I VP.⁵⁵

Finalmente, a ordem do núcleo em relação a seu complemento foi considerada como sendo submetida a uma parametrização entre as línguas: uma criança escutando uma das línguas românicas modernas escolheria o valor que representa "núcleo-complemento", uma criança adquirindo alemão ou holandês faria o contrário.

Essa idéia foi seriamente questionada pela proposta de Kayne (1993). O autor argumenta que uma determinada ordem de sintagmas implica necessariamente uma linearização correspondente desses sintagmas e que, se dois sintagmas diferem na ordem linear,

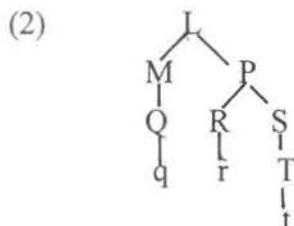
⁵⁵ Sua argumentação se baseia no ECP. O verbo sai da sua posição de origem para evitar uma violação do ECP:



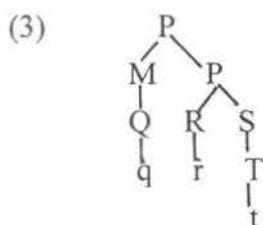
I⁰ é gerado na base, mas fica vazio, assim violando o ECP porque não está apropriadamente regido. (No sentido de Chomsky 1981:250: α properly governs β iff α governs β and (i) β is a complement or the head of a complement of α or (ii) α is an antecedent for β) Só com o movimento do verbo, ele não continua vazio e não constitui mais uma violação do ECP. O verbo, por sua vez, rege apropriadamente o seu vestígio.

eles devem diferir também na estrutura hierárquica (idéia expressa no LCA, Linear Correspondence Axiom⁵⁶). Através da noção do c-comando assimétrico⁵⁷, Kayne deriva a ordem de X-barra como ordem *spec-núcleo-complemento*. Porém, seus axiomas básicos resultam numa diferença importante para a projeção de X-barra de Chomsky. Compare os seguintes marcadores sintagmáticos (nos quais as letras minúsculas representam os itens lexicais);

o primeiro representa o X-barra tradicional:



Como nesse exemplo M c-comanda R e P c-comanda Q, temos como pares finais tanto <q,r> quanto <r,q>, portanto duas linearizações que se contradizem. A simples ordem *sujeito verbo objeto* não seria linearizável, um resultado obviamente não desejado. A situação muda se nós partimos da seguinte representação:



A relação de c-comando entre P e Q não existe mais, porque P, não sendo mais uma categoria, mas um segmento, não exclui Q.⁵⁸ Com isso excluimos o par <r,q> do conjunto de A, que

⁵⁶ "Linear Correspondence Axiom: $d(A)$ is a linear ordering of T"

T = "the set of terminals"

A = "the set of ordered pairs <X_j,Y_j> such that for each J X_j asymmetrically c-commands Y_j. (..) the maximal such set, i.e. A contains all pairs of non-terminals such that the first asymmetrically c-commands the second." (Kayne 1993:3)

⁵⁷ "X asymmetrically c-commands Y iff X c-commands Y and Y does not c-command X" (1993:2).

⁵⁸ Exclusão é definida seguindo Chomsky (1986:9):

" α excludes β if no segment of α dominates β ."

Como consequência disso, Kayne reformula a noção de c-comando (1993:9):

inclui todos os pares que resultam de determinadas relações de c-comando. Deve-se concluir que o NP na posição de especificador de X-barra é um constituinte adjungido.

Na base desse raciocínio, Kayne deriva diversas conseqüências para a estrutura dos sintagmas, como a proibição da adjunção múltipla, portanto, a impossibilidade de mais do que um Spec e a universalidade da direção dos movimentos para esquerda. Pois somente nesse caso, o elemento movido c-comanda o seu vestígio (1993:32).

Consideremos as conseqüências dessa proposta para as línguas com a ordem OV. Partindo de uma ordem universal VO, é evidente que ela deve ser derivada pelo movimento do objeto para a esquerda do verbo:

"An OV language (or construction) must necessarily have the O moved leftward past the V into a higher specifier position. If a language has IP preceding C⁰, then IP must have moved leftward into the specifier of C⁰, etc."

(Kayne 1993:32)

Dessa citação, Schmidt tira a conseqüência de que primeiro o verbo se move ao primeiro núcleo INFL acima de VP, que é, na sua análise, ou a projeção de T/M (tempo/modo) ou de Asp⁵⁹. Depois o VP restante inteiro se move para o spec dessa mesma categoria, causado por um traço de predicado (1995:194). As pressuposições envolvidas nessa análise são a de que o verbo, mesmo estando numa posição final, deve se mover para fora do VP e a de que existe um movimento do VP inteiro (voltarei a esse ponto na seção 6.3.) Depois desse movimento do verbo para T/M, ele vai para C. A única diferença entre principal e subordinada é a de que, na subordinada, *spell-out* ocorre antes do movimento para C (Schmidt 1995:194).

Com uma formulação como essa, teríamos uma violação da idéia principal do minimalismo: C, tendo um traço forte, não poderia checá-lo na subordinada antes do *spell-out*, a sentença portanto deveria abortar. A única possibilidade para evitá-lo seria a idéia da lexicalização dos traços fortes em C pelo complementizador.⁶⁰

Com a interpretação do movimento do verbo para T/M na subordinada, Schmidt se afastou da proposta original de Kayne sobre o alemão e o holandês:

"X c-commands Y iff X and Y are categories and X excludes Y and every category that dominates X dominates Y".

⁵⁹ As categorias T/M e Asp se encontram numa distribuição complementar na sua análise.

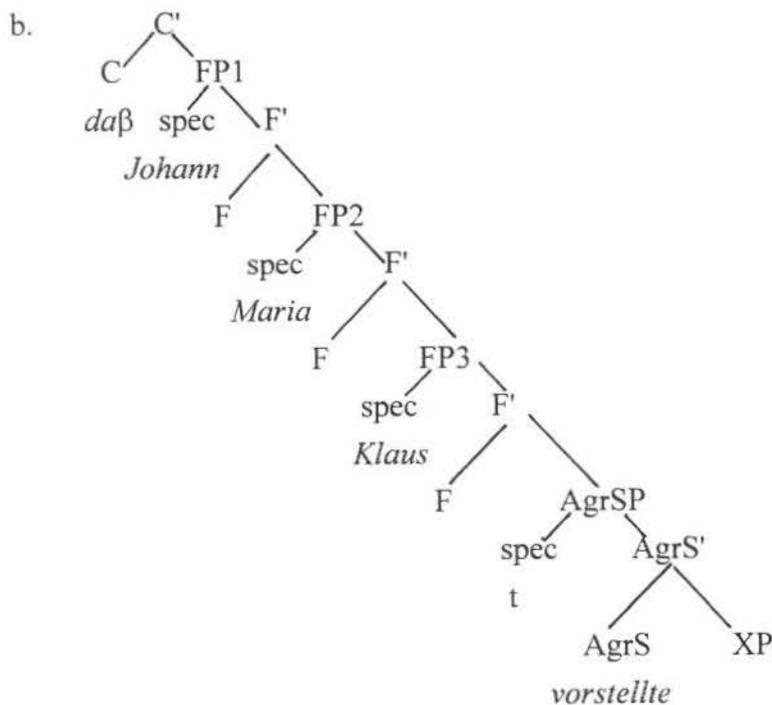
⁶⁰ Por enquanto, não achei uma proposta no livro de Schmidt para evitar essa violação. Ela também assume um movimento AgrS→C, pois o que é imprescindível para a atribuição do NOM é AgrS, e não T, contra Chomsky 1993 (1995:78, 264).

"Since German and Dutch show person agreement, it would follow that in those languages, too, V raises to Agr-S. This raising must, from my perspective, be thought of as leftward, just as for Icelandic, French and Italian. The specificity of German and Dutch lies in their requiring most of their complements to move leftward past V. Since the finite V in German and Dutch must raise to Agr-S, by the preceding argument, I am led to conclude that in those languages, the leftward-moved complements must end up to the left of the Agr-S position. "

(Kayne 1993:36)

O resultado dessa proposta está demonstrado no artigo de Donati e Tomaselli (1994):

- (4) a....., daß Johann Maria Klaus vorstellte
 que João Maria (obj.i) Klaus (obj.d) apresentou
 "que João apresentou Klaus à Maria"



(Donati & Tomaselli 1994:3)

Analogamente, os advérbios se encontram entre C e AgrS. A sua ordem não-marcada é:
tempo- causa-modo-local:

- (5) ..., daß Johann gestern wegen des Streiks mit dem Zug nach Hause fuhr
que João ontem por causa da greve com o trem para casa foi
"que ontem o João foi de trem para casa por causa da greve"

(Donati & Tomaselli 1994:4)

As autoras apontam para o fato de que, em nenhum dos casos, está claro o que poderia causar o movimento de todos os elementos para cima de AgrS. Além disso: como se explica a restrição de que o sujeito deve ocorrer obrigatoriamente na frente de todos os outros elementos deslocados? Por que os advérbios deslocados mostram a mesma ordem como na sua ordem básica e não refletem a ordem espelhada como acontece com as categorias funcionais ligadas à morfologia do verbo? (1994:4)

A sintaxe de sintagmas adverbiais mostra um outro problema dentro da análise de Kayne, nas palavras das autoras:

"This problem is particularly clear with a specific class of adverbs, like GUT (bom) or SCHLECHT (mal) which are not only generated in the VP area but also show a kind of thematic relation with the verb. Consider example (15):

- (15) daß Johann sich gut benommen hat
que o João se bem comportado tem
"que o João se comportou bem"

What justifies the position of a complement-like adverb (GUT) on the left of the verb?"

(Donati & Tomaselli 1994:9)

Para achar uma saída para esses problemas, as autoras propõem a reintrodução do parâmetro da ordem do núcleo, analisando o alemão e o holandês como tendo núcleo final. Dessa maneira, se tornaria possível captar de novo a relação entre morfologia rica e movimento do verbo sem estipular a subida de todos os elementos para projeções acima de AgrSP (1994:9). O problema dos advérbios semelhantes a complementos acha uma solução simples: eles podem ficar na posição onde recebem papel- θ (1994:10).

A volta do parâmetro da ordem do núcleo e, junto com ele, os movimentos para a direita significariam, em termos de elegância teórica, um resultado pouco desejável. Como vimos na proposta de Schmidt, existem outras possibilidades dentro do Programa Minimalista de explicar a ordem final do verbo, nesse caso, ela vem de uma reinterpretação da posição do

núcleo T/M, situado diretamente sobre VP. As restrições sobre os movimentos que resultam do LCA de Kayne só deveriam ser abandonadas se encontrássemos dados fortes contraditórios. Por outro lado, se nós encontramos evidências para a ordem de núcleo inicial em línguas OV como o alemão e o holandês, a proposta de Kayne seria fortalecida. A seguir quero apresentar os argumentos que Zwart (1993d: 16-18) cita a favor dessa hipótese, restringindo-me às evidências para um IP com o núcleo inicial.

6.2. ALEMÃO E HOLANDÊS MOSTRAM A ORDEM NÚCLEO INICIAL DENTRO DE IP

a) Sujeito em AgrS

Assumir a hipótese de que as construções com sujeito inicial não envolvem CP e de que o verbo finito pára em AgrS implica automaticamente a ordem núcleo-complemento. Só a proposta de um CP para todo tipo de construção pode partir de um AgrS à direita de VP, do qual o verbo finito sai para ocupar o núcleo de C no início da sentença.

b) Clítico de sujeito em [Spec, AgrS]

Zwart repete um dos argumentos mais fortes da sua análise assimétrica em relação à posição do verbo: o clítico de sujeito pode ocorrer antes do verbo. Desde Rizzi (1991)⁶¹, supõe-se que os clíticos não podem ocorrer em [Spec, CP]. Eles se encontram em [Spec, AgrS] ou são adjungidos ao núcleo de AgrS, onde, portanto, fica o verbo:

- (6) 'k heb Marie gekust
Eu tenho Maria beijado

A ordem contrária de verbo e clítico nas topicalizações indica que o verbo (em (6)) se moveu para um núcleo à direita de C:

- (7) Gisteren heb'k Marie gekust
Ontem tenho eu Maria beijado

⁶¹ Não conseguimos este texto, a sua referência bibliográfica: Rizzi, L. (1991) Proper Head Government and the Definition of A-positions. *Paper* apresentado no GLOW, Leiden, março 27.

c) Os clíticos de objeto

Da mesma maneira, a ocorrência dos clíticos de objetos adjacentes ao sujeito apontam para a presença de um núcleo funcional à direita de C:

- (8) a. dat Jan (*gisteren)'r gekust heeft
que João ontem ela (clít.) beijou
- b. dat Jan (gisteren) haar gekust heeft
que João ontem ela (pron.) beijou

Repetimos que clíticos, seguindo Kayne (1991), adjungem-se a núcleos funcionais. Nesse caso, seria o AgrS (repare-se que Zwart assume a cliticização à direita), o que reduz a adjacência de sujeito e clítico de objeto à adjacência entre Spec e núcleo da mesma projeção AgrS.

Essa análise pode ser transferida para o alemão e o renano-palatino, com a única modificação do segundo argumento: no alemão padrão, deve ser um pronome de sujeito e não o clítico que ocorre antes do verbo; portanto, perde-se a evidência de que não pode ser [Spec, CP] que esteja ocupado nesse caso. O argumento pode ser recuperado através da assimetria entre pronomes de objeto e de sujeito (sub-seção.2.2.3.), especificamente sobre a forma neutra *es*, o que aponta duas posições estruturais distintas. Conclui-se disso que o pronome de sujeito estaria em [Spec, AgrS], à direita de C, o que também estaria de acordo com a minha proposta no capítulo 5.

Podemos dizer que existem evidências também para o alemão (e o renano-palatino) de que se trate de uma língua com núcleo-inicial. A posição final do verbo na subordinada deve ser explicada de uma outra maneira. Neste momento, temos que voltar às perguntas iniciais: O que quer dizer posição final? Ela pode ser interpretada como posição de base dentro de VP ou já é o resultado de um movimento do verbo para uma categoria funcional, à esquerda de VP?

6.3. A POSIÇÃO DO VERBO FINAL É FINAL?

Um argumento para dizer que o verbo, mesmo ocupando a última posição da subordinada, se move para fora do VP, se baseia na extraposição à direita de sentenças na função de sujeito, como:

- (9) weil hier ein Mann arbeitet, der eine rote Jacke anhat
 porque aqui um homem trabalha que uma jaqueta vermelha veste
 "porque aqui trabalha um homem que veste uma jaqueta vermelha"

(Schmidt 1995:191, ex. 718,719)

O sujeito é um NP complexo, formado de NP + S relativa (marcada por sublinhação). Contudo, só o NP se desloca, ficando a relativa em VP. Se ela não se desloca para a direita (o que os princípios do LCA não permitem) e se o verbo ocorre entre os dois elementos do NP complexo, isto indica que o verbo sai do VP. A posição para a qual o verbo se move, é assumidamente T.

Um outro argumento importante é o da ordem dos complementos na sentença não-finita: eles devem preceder não somente o infinitivo, mas também o marcador do infinitivo *zu* (*para*). Esse morfema corresponde ao *to* do inglês e ao *te* do holandês. A análise tradicional o considera como núcleo de INFL ao qual o verbo se adjunge à direita.⁶² Veja o seguinte exemplo:

- (10) um dem Bericht zu folgen
 para o relatório ZU seguir
 "para seguir ao relatório"

Se o verbo ficasse dentro de VP, argumento de Schmidt, deveria ser possível inserir um modificador entre *zu* e V dentro do VP, mas isso é agramatical:

- (11) * um [dem Bericht]_i [_I zu] [_{VP} aufmerksam [_{VP} folgen t_i]]
 para ao relatório ZU atenciosamente seguir

(Schmidt 1995:191, ex. 717a)

Outros argumentos a favor de um movimento do infinitivo com *zu* para fora de VP (mas para um IP núcleo-final⁶³) são de Giusti (1991), que apresentarei a seguir para depois discutir a contestação dessa análise por Zwart (1993c,d), cujo objetivo é fortalecer a sua própria hipótese

⁶² cf. Zwart 1993c:98; Kayne 1993:36

⁶³ Não tive acesso a esse artigo, cuja referência bibliográfica é a seguinte: Giusti, G. (1991) *Zu*-infinitivals and the Structure of IP in German. Ms. University of Venice. A argumentação de Zwart se encontra na tese de 1993, p. 106 - 114 e no artigo "Dutch is head initial" do mesmo ano, p. 13-15.

de que o verbo na subordinada fica dentro de VP e não se move para uma categoria a sua direita.

A questão inicial é se o caso dos infinitivos antepostos, como elementos não-finitos, pode ser analisado como o caso dos participípios antepostos de (12):

- (12) Geschrieben hat er den Bericht
Escrito tem ele o relatório

Se o participípio no início da sentença fosse simplesmente um núcleo movido para a posição topicalizada na frente do AUX em C⁰, teríamos o resultado não-desejado de que um núcleo se encontraria na posição de [Spec, CP]. Para manter a uniformidade dos movimentos, den Besten & Webelhuth (1987, *apud* Zwart 1993c:107) argumentam que o elemento anteposto é um sintagma. Só que primeiro o objeto se move para fora de VP, para depois o VP (somente com V) se deslocar para [Spec, CP]. Giusti transfere essa análise aos infinitivos com *zu* que explica (13) da mesma maneira.

- (13) Zu schreiben hat er den Bericht versucht
ZU escrever tem ele o relatório tentado
"Escrever ele tentou o relatório" (26b) de Zwart

Porém, essa análise não pode ser usada no seguinte exemplo, que é agramatical, mas que, aparentemente, apresenta o mesmo processo de movimentos:

- (14) * Zu schreiben hat er mich den Bericht ermuntert
ZU escrever tem ele me o relatório encorajado.
"Escrever ele me encorajou o relatório" (26a) de Zwart, 107)

Giusti explica a diferença entre as duas sentenças com propriedades distintas dos complementos: o complemento de *versuchen* (*tentar*) é mais transparente e se move até a matriz, enquanto o complemento de *ermutigen* (*encorajar*) é opaco e fica na subordinada. Mas ela precisa de mais uma suposição para especificar a posição do infinitivo na subordinada: ele se encontra em INFL, o que explica que a anteposição do IP inteiro é possível:

- (15) Den Bericht zu schreiben hat er mich ermuntert
 o relatório ZU escrever ele me encorajou
 "escrever o relatório ele me encorajou"

Sem essa suposição de um IP, poderia se assumir de novo a hipótese de um "scrambled VP" em ambos os casos, o que não explicaria a agramaticalidade de (14). Portanto, o que se move, tanto em (13) quanto em (14) é pelo menos um IP. A diferença fica na posição dos objetos diretos: em (13) *den Bericht* se move para a matriz; em (14), sendo opaco, fica dentro de IP subordinado. Dessa maneira seria comprovado que o IP é núcleo final e que o infinitivo se move para INFL na subordinada.

A essa interpretação, Zwart contrapõe uma análise minimalista: primeiro, não é claro que o elemento anteposto foi movido para fora de VP; ele poderia ser gerado ao lado esquerdo de [Spec, CP] e depois ser adjungido. Como no holandês (e no alemão) uma *d-word*⁶⁴ pode aparecer entre a projeção verbal anteposto e o verbo em C, assume-se que o elemento anteposto seja a *d-word*, deixando um vestígio. A projeção verbal topicalizada seria gerada numa posição à esquerda. Veja o seguinte exemplo do alemão (adaptado de Zwart 1993c:109):

- (16) a. Geküßt (das) hat Hans Maria nicht
 Beijado isto tem João Maria nunca
 "João nunca BEIJOU Maria"
 b. Küssen (das) will Hans Maria nicht
 Beijar isto quer João Maria não
 "João não quer BEIJAR Maria"

Embora a *d-word das* (=isto) possa ser considerada uma "placeholder" de um verbo, ela precisa de mais um verbo para a sentença se tornar gramatical:

- (17) Küssen? Das denke ich nicht daß Hans Maria *(tut)
 Beijar? Isto penso eu não que João Maria faz
 "Beijar? Não penso que João faz isto a Maria"

⁶⁴ O conceito "d-word" se refere a um pronome demonstrativo da 3.ª ps. sg. neutro das (=isto). Zwart (1993c: 109) cita Koster, (1978) para esta análise: "Following the analysis of topicalisation in Koster (1978), we may assume that in (29) [nosso (16)] the d-word *dat* has been preposed, leaving a trace, and that the preposed VPs are generated in a left adjoined position" Koster, J. (1978) Why Subject Sentences don't exist. In S.J. Keyser, ed., *Recent Transformational Studies in European Languages*, MIT Press, Cambridge

E mais um dado que será importante para a argumentação: é impossível antepor um verbo finito:

- (18) * Schreibt denke ich nicht daß er das Buch
Escrever penso eu não que ele o livro
"Não penso que ele ESCREVE o livro"

Numa análise minimalista esses dados acham um explicação através da checagem de traços:
No caso do verbo finito, a solução é simples:

"A finite verb carries a feature associated with the finite inflection. This feature must be checked off against the corresponding feature in the functional domain. If these features are not checked off against each other, the V-features of the relevant functional head will not be eliminated at the interface levels and the derivation will crash. Notice that this answer is only valid if the d-word is unable to check the relevant features. So let us assume that."

(Zwart 1993c:110)

As construções com *d-word* acham uma interpretação similar. Partimos da sua estrutura-base

- (19) [Hans hat Maria das nicht]
João tem Maria isto não

onde *das* (= isto) representa o particípio *geküßt* (= beijado). *Maria* checa os traços-N fortes em [Spec, AgrO], que, por sua vez, também tem traços-V a serem checados.⁶⁵ O único verbo acessível para a checagem desses traços é o auxiliar *hat*. Por isso, nas construções de topicalização "restante", também deve sobrar pelo menos um verbo na parte não-deslocada. Senão a sentença aborta por traços fortes não checados (veja o exemplo 17). Segue disso que as categorias funcionais que checam os traços fortes dos itens lexicais da subordinada podem ser localizadas na matriz, quer dizer o AgrO que checa o objeto direto *Maria* pode ser gerado na matriz (Zwart 1993c:112).

⁶⁵ Zwart introduz essa alegação sem argumentação. Pode ser que ele assuma traços-V fortes de AgrO por hipótese ou que ele segue Chomsky (1993:7,8) dizendo que AgrO, para atribuir acusativo, precisa ter o movimento do verbo para AgrO.

Evidência para esta análise se acha nos dados de *scrambling*: o objeto direto pode se mover para fora do domínio da sentença subordinada, como em (20b):

- (20) a. daß Hans probiert hat Maria zu küssen
que João tentado tem Maria ZU beijar
b. daß Hans Maria probiert hat zu küssen.
que João Maria tentado tem ZU beijar

(Zwart 1993c: exemplos 37)

Ao contrário disso, a checagem dos traços fortes do objeto direto na matriz nunca é possível com os verbos opacos como *encorajar*:

- (21) * daß Peter Hans Maria ermutigt hat zu küssen
que Pedro João Maria encorajou ZU beijar

O objeto *Maria* deve checar na projeção funcional dentro da subordinada:

- (22) daß Peter Hans ermutigt hat Maria zu küssen
que Pedro João encorajou Maria ZU beijar
"que Pedro encorajou o João para beijar a Maria"

Resumindo, a agramaticalidade de (14) não tem nada a ver com a posição do verbo, mas acontece porque a anteposição do infinitivo tira o único verbo da subordinada. Dessa maneira, a checagem dos traços-V das categorias funcionais da subordinada se torna impossível. Lembremos que o complemento, sendo opaco, não pode se mover para fora da subordinada.⁶⁶

67

⁶⁶ "The impossibility of preposing *zu schreiben* and stranding *den Bericht* in (26a) [nosso (14)], has nothing to do with the position of *zu schreiben*. (26a) is ungrammatical because preposing *zu schreiben* robs the embedded clause of its only verb. This makes it impossible to check the V-features of the functional heads of the embedded clause. In (26b), preposing of *zu schreiben* and stranding of *den Bericht* is grammatical, because the functional projections associated with the embedded clause are part of the functional domain of the matrix clause." (Zwart 1993c:113)

⁶⁷ A minha análise seria muito mais simples: um verbo como *encorajar* seleciona um objeto direto que checa caso em AgrO (*João*). Se o objeto da subordinada (*Maria*) também sobe, ele não acharia mais um lugar para a checagem dos seus traços-N fortes, o que levaria a sentença a abortar.

A minha pergunta é: como Zwart explica a gramaticalidade de uma sentença com (20a), em que o objeto *Maria* checa acusativo na subordinada? Como o infinitivo não sobe, conforme Zwart, mas fica dentro de VP, os traços-V de AgrO não seriam checados, a sentença deveria abortar.

Eu seguirei a proposta de Schmidt de que o verbo na subordinada deve subir para T, que está situado imediatamente acima de VP. Não só as formas finitas, mas também as formas não-finitas têm um traço para checar nessa posição. Junto com a idéia de uma cadeia do sistema CP até T, garante-se a checagem dos traços-N e -V fortes das diversas categorias de concordância. Esclarecerei mais detalhadamente essa proposta na seção 6.5.

6.4. A ASSIMETRIA ENTRE SENTENÇA PRINCIPAL E SUBORDINADA

A princípio, restam-nos duas possibilidades de explicar as diferentes posições do verbo: Assumir traços fracos parece sempre ser uma possibilidade sem risco, pois, como o princípio da "procrastinação" pode ser violado, criam-se as duas posições do verbo de maneira fácil. A desvantagem teórica é que não está claro quais motivos levariam a esta violação. Por outro lado, pode-se pensar numa caracterização distinta de determinadas categorias funcionais na principal e na subordinada. A questão é determinar essas categorias. Seguirei esta segunda linha. Assumir essa assimetria de traços não é absurdo. Rizzi (1994) parte da idéia de dois tipos de AgrS, um com tempo, um sem:

"I believe it is natural to assume that AgrS features can have a different status in the two paradigms in the same language (while holding the clausal architecture constant for finite and non-finite clauses)."

(Rizzi 1994:12)

Ele precisa explicar por que, no processo da aquisição do italiano, quase nunca aparecem infinitivos nas declarativas, ao contrário do que acontece em outras línguas. Rizzi propõe que, mesmo sendo uma forma não-finita, o infinitivo em italiano tem um traço forte [AgrS] que deve ser checado:

- (23) a. non leggere piu il libro
b. * ne lire pas le livre (francês)

- c. *to read not the book (inglês)
- d. *at lease ikke boegen (dinamarquês)

(Rizzi 1994: 11,12)

Como AgrS ainda não existe (conforme a visão maturacionista de Rizzi), o infinitivo não poderia ser checado nessa posição, portanto não aparece. O italiano teria um traço forte [AgrS] tanto na sentença com tempo quanto na sentença sem tempo, enquanto o francês teria um traço forte [AgrS] só na sentença com tempo; na construção com um infinitivo o traço seria (fraco). Os parênteses significam que o infinitivo pode ou não se mover - para explicar o caráter facultativo do movimento:

- (24) n'avoir pas lu le livre
 ne pas avoir lu le livre

(Rizzi 1994: 11)

Holmberg & Platzack (1989) se confrontam com um problema semelhante num dialeto do norueguês, o hallingdalen. Eles precisam explicar como uma forma verbal, marcada com concordância, não se move para I⁰, mas fica dentro do VP. Isto é evidente pela ordem negação-verbo finito: assume-se que a negação é adjungida ao VP.

- (25) noko gamlae maenna som ikji **haddae** vore mae ve kyrkja
 some old men that not had-PL been along at church

(exemplo (36) de Holmberg & Platzack 1989)

O não-movimento do verbo cria um problema para os autores porque eles estabeleceram uma relação forte entre morfologia flexional e a existência de um Agr, em particular, o movimento do verbo para essa posição,

- (26) If a language L has overt S-V agreement, then L has Agr.
 If L has no overt S-V agreement, then L has no Agr.

((35) de Homberg & Platzack 1989)

pois a sentença (25) parece significar um contra-exemplo. A solução que os autores propõem reside na especificação da noção "concordância". Eles distinguem entre a concordância de

gênero, número, caso, atribuída na configuração Spec-núcleo dentro de VP, e a concordância de pessoa. No caso de (25), o verbo se encontra no núcleo de VP, entrando numa relação de concordância de número com o vestígio do sujeito em [Spec, VP].

A concordância de pessoa, por outro lado, já envolve um morfema nominal

"such as a pronominal clitic or Agr, an independent nominal element in the syntax, which enters into a coindexing relation (a chain relation) with an argument, and is usually cliticized or affixed to a verbal or other head in the Phonology"

(Platzack & Holmberg 1989:71).

Dessa maneira, explica-se como o hallingdalen pode mostrar concordância de número sem envolver a existência de Agr. A generalização (26) deve ser reformulada:

- (27) a. If a language L has overt S-V person agreement, then L has Agr.
 b. If L has no overt S-V person agreement, then L has no Agr.

((41) de Platzack & Holmberg 1989)

O paradigma do renano-palatino (cap. 1, repetido aqui como (28)) mostra uma clara distinção entre as diversas pessoas do singular, enquanto o plural não usa diferentes morfemas para marcar a pessoa.

- | | | | |
|------|------------|-------------------|-----------|
| (28) | gehen - ir | ich geh- 0 | mer geh-n |
| | | du geh-sch | ehr geh-n |
| | | er, sie,es geht-t | sie geh-n |

Com base nos dados do singular, adotaremos a generalização (27) de Holmberg e Platzack como hipótese de trabalho. Proporemos que esse Agr, no renano-palatino, seja um "conglomerado de AgrS e AgrC", cuja caracterização de traços seria a seguinte:

Nas construções com sujeito inicial (S1), o AgrS tendo traços-V fortes, desencadeia o movimento do verbo. Como nenhum operador no sistema CP está sendo ativado, AgrC não terá uma função antes de *spell-out*.

Nas topicalizações e perguntas-Wh, AgrC está sendo projetado com traços-V fortes, atraindo dessa maneira o verbo, que vai passar por AgrS.

Na subordinada, devemos supor um tipo de "conspiração" entre as duas projeções de Agr: ambas expressam uma concordância entre um elemento verbal e o sujeito. Como já foi dito no capítulo anterior, a escolha de um complementizador implica traços-V fracos em AgrC, motivo pelo qual o verbo não sobe. Mas para explicar a sua posição final, supostamente T^o acima de VP, temos que concluir que AgrS também tem traços-V fracos na subordinada. As duas categorias de Agr teriam, portanto, sempre o mesmo valor, fixado, em última instância por um elemento (um operador?) no sistema CP.

Pode-se pensar numa pequena "cadeia" entre as categorias-Agr, que, entretanto, faz parte de uma maior que se expande até a última categoria funcional, T^o. No seu início, em [Spec, AgrC], encontra-se o morfema *-sch-*, morfema da 2.^{ps.sg.}, mas também concebido como operador de tempo dessa cadeia. Ele liga uma variável em T, garantindo assim que a sentença possa receber um valor de verdade, a única maneira que a torna interpretável. (Veja a seção seguinte)⁶⁸.

Coloca-se a questão do que seria o início da cadeia do tempo no caso das construções S1 que não envolvem CP. Mas suponhamos que, embora o sistema CP só seja ativo em LF (da mesma maneira como nas línguas SV), tenhamos processos morfológicos visíveis que garantem a interpretabilidade da sentença em termos de atribuição da referencialidade: para criar a "ancoragem" da sentença no tempo (Enç 1987: 642) é suficiente que exista uma configuração de checagem, portanto de Spec-núcleo, numa projeção de Agr. Línguas com inversão *sujeito-verbo* não realizam a predicação na mesma configuração de Spec-núcleo e precisam portanto de um tipo de "substituto". Esse "substituto" seria o AgrC, recuperando a checagem do sujeito e do verbo na mesma configuração. Travis (1984:137) expressa uma idéia semelhante:

"... +Tense must be the head of E (Expression, as in Banfield 1973). In a normal declarative with no COMP, +Tense will be in INFL and therefore be the head of I' and therefore of E. If E was an S' (COMP'), then the head of COMP' must have a +Tense element. This would ensure that the head of COMP' would be filled by INFL and not by a spell-out of some sort."

Com a formulação de Laka (1989) de que tempo deve c-comandar todas as outras categorias de INFL da mesma sentença (veja a sub-seção 4.3.4.), essa idéia acha uma interpretação mais restrita ainda e finalmente explica por que o verbo deve se deslocar para C. Quem explorou

⁶⁸ A idéia de trabalhar com a interpretação do tempo para achar uma possível análise da concordância em Comp devo a Mary Kato (Unicamp).

essa restrição como explicação central da análise foi Ribeiro (1995) para os dados do português antigo. Assumindo um Agr dos clíticos, o verbo deve se mover para C para atender a restrição formulada por Laka.

6.5. A CADEIA-T

Para motivar a análise proposta, me basearei no artigo de Guerón e Hoekstra (1993) cujas idéias relevantes para o nosso assunto quero esboçar brevemente:

Os autores discutem duas noções: a noção de predicação e a da sentença plena (*full clause*) (1993:2), para finalmente chegar a uma interpretação temporal da mini-orção (*small clause*). Ao definir a predicação, eles partem da idéia (seguindo *Abney (1986)*⁶⁹) de que cada projeção lexical é dominada por uma ou mais projeções funcionais em cujo domínio as projeções lexicais são licenciadas (1993:1).

Sua hipótese é a de que, para uma projeção lexical se tornar uma predicação, precisa-se do núcleo Agr que checa o núcleo do predicado, e que, por sua vez, é checado pelo sujeito da predicação:

(29) a. We considered John foolish

b. [John_i Agr [AP t_i foolish]⁷⁰

(exemplo (3) de Guerón & Hoekstra 1993)

Para distinguir mini-orções de orções completas, os autores assumem a presença de um operador de tempo nas últimas, mas não nas primeiras. O operador de tempo (TO) é situado em [Spec, CP] e determina o valor de C, que contém o tempo de referência (R). No caso não marcado, ele é dêitico e fixa o valor de R no tempo de fala. Ele constitui a cabeça de uma cadeia, da qual fazem parte o núcleo TNS (uma variável pronominal, T na formalização comum) e o verbo. A variável pode ter o valor [-pretérito] ou [+pretérito]. O primeiro valor reflete uma relação de anáfora que situa a eventualidade expressa pelo verbo dentro do domínio

⁶⁹ Citado pelos autores sem referência bibliográfica.

⁷⁰ Chomsky (1993:8) sugere uma solução semelhante, só que o adjetivo se move também para fora da projeção lexical, especificamente para o núcleo de Agr-A, para criar a configuração necessária de checagem spec-head: [Spec,AgrP John [Agr-A intelligent [AP John intelligent]]]

do tempo de fala (resultando numa interpretação de simultaneidade), enquanto o valor [+pretérito], por seu caráter pronominal, admite que a eventualidade não seja ser ligada pelo tempo de fala.^{71 72}

A cadeia toda é concebida como a determinação funcional da categoria V (Guerón & Hoekstra 1992:3), como no seguinte exemplo:

(30) a. Jean lit ce livre
João ler PRES o livro
TOi TNSi

b. Jean lut ce livre
João ler PRET o livro
TOi TNSj

(exemplo (5) de Guerón & Hoekstra 1993)

A "tarefa" do verbo consiste na contribuição de um papel-e a essa cadeia. A expressão "papel-e" (de evento) é concebida como conteúdo lexical (1993:5). A relação entre TNS e o papel-e é 1:1, quer dizer que não é possível ter dois TNS e um único papel-e nem um único TNS para dois papéis-e. Essas relações são expressas pelos seguintes dois critérios:

(31) "The relationship between Tense and Verb is bi-unique."

(32) "T-chain criterion: Each T-chain bears an e-role."

((3) e (5) de Guerón e Hoekstra)

Mas, o que acontece no caso dos auxiliares que não têm conteúdo semântico para atribuir à cadeia-T (um exemplo seria "estar doente")? Seria uma violação do critério (31)? Obviamente deve existir uma outra solução: ela consiste na extensão da cadeia-T no sentido de que o verbo sem conteúdo lexical T-marca um outro elemento (com concordância) para

⁷¹ Observe-se que T. Stowell (1993) funde tempo de referência com tempo de fala, reduzindo desta maneira o modelo de Reichenbach que parte de três momentos: tempo de fala, tempo de referência e tempo de evento.

⁷² A motivação dessa interpretação, conforme Guerón & Hoekstra (1992:3) é: "A few remarks are in order here. First, the fact that disjointness is interpreted as PAST results from the definiteness of the pronoun. Definiteness here is to be taken as realized, i.e. realis, which allows only PAST, not future. Future we take to be an interpretation of modal or non-realized, but we shall not elaborate on it here."

satisfazer o critério da cadeia-T. Como resultado dessa marcação-T, o adjetivo se torna membro da cadeia.

Falamos até agora de duas categorias lexicais que podem servir como base da predicação: adjetivos e verbos. A distinção entre eles pode ser formulada por traços: através dos traços de concordância, os adjetivos formam predicados, mas não são capazes de projetar um objeto temporal, enquanto os verbos dispõem de dois tipos de traços, os de concordância e os de tempo, dos quais os últimos são responsáveis pela formação da cadeia-T.

A definição do auxiliar resulta disso: ele não tem conteúdo lexical e deve T-marcá-lo um outro elemento que apresenta concordância (G & H 1993:8). Uma sentença como

(33) John is ill

teria a seguinte representação em termos de cadeia-T:

(34) TO_i TNS_i BE_i [John ill]_i

(exemplo (9) de Guerón & Hoekstra 1993)

Resumindo com as palavras dos autores:

"A T-chain, in summary, is a complex object, with two features. It has lexical content construed as an e-role, denoting the eventuality which is predicated of a temporal object located within some discourse domain via an operator. And it contains a predicate connected to its subject via agreement. The tense features and the e-role may be found in a single element, or be distributed over a verb and its complement if the verb lacks descriptive content necessary to supply an e-role."

(Guerón & Hoekstra 1993:5)

Eles não discutem a questão de saber quais elementos formam o início da cadeia-T (TO e TNS) na sentença subordinada do alemão e do holandês, uma vez que o auxiliar que normalmente cumpre a função da marcação-T se encontra no final. Não queremos dizer que nesse caso não existe marcação-T. Ela sempre deve existir, senão a frase não é interpretável. Porém, adotando a hipótese de Schmidt (1995) de que a posição do verbo no final não significa automaticamente uma posição dentro de VP, conseguimos resolver este problema: o verbo sobe para T, situado acima de VP e cumpre a função da variável TNS por T-marcá-lo a cadeia de tempo. AgrC hospeda no seu spec um operador de tempo. A idéia é de que nos dialetos do holandês e do

alemão, essa posição pode ser preenchida pela chamada concordância em Comp, nas línguas-padrão ela é vazia foneticamente.

6.5.1. A interpretação do tempo

Se for uma interpretação possível, a de que o morfema *-sch-* lexicaliza um operador de tempo, temos que perguntar qual seria o valor das variáveis por ele ligadas.⁷³ Se nós partimos do presente e do pretérito, como G & H fizeram para o francês (ex.(30)), teremos as seguintes duas formas:

presente: geh-st (você vai)

pretérito: ging-est (você ia)

Mas no renano-palatino não se usa o pretérito (assim como outros dialetos do alemão e do holandês). Aliás, é um fenômeno conhecido, inclusive no alemão padrão, que o perfeito como tempo composto ocupa cada vez mais o lugar do pretérito simples.⁷⁴

Portanto, temos só tempos analíticos no renano-palatino, compostos todos pelo presente do auxiliar e uma forma não-finita:

presente: du geh-sch (você vai)

perfeito: du bi-sch gang (você 2.sg. do aux "ser", ido)

futuro: du wer-sch gehn (você 2.sg. do aux "werden", ir)

Além disso, não consideraremos o futuro, cujo valor semântico, no renano-palatino, está sendo assumido totalmente pelo presente.⁷⁵ As poucas formas usadas no pretérito são aquelas dos modais e dos auxiliares, mas, mesmo nesses casos restritos, mostra-se já a influência do

⁷³ Sobre a questão da lexicalização: os autores consideram o -s do genitivo em inglês como lexicalização de um operador-D (de determinante) enquanto o -s da 3. pessoa do auxiliar BE seria a lexicalização de um operador-T (de tempo) (Guerón & Hoekstra 1993:11).

⁷⁴ Num *handout* sobre o sistema temporal do alemão numa perspectiva tipológica, Östen Dahl aponta ao mesmo fato: "o sistema temporal e aspectual geralmente é bastante pobre: em muitos dialetos existe quase só a escolha entre duas ou três formas (31. Jahrestagung des Instituts für deutsche Sprache- "Deutsch-typologisch" 1995).

⁷⁵ A forma analítica "gehen werden" (ir andar) está sendo usada muito mais para expressar intencionalidade do que para se referir a um tempo futuro. Também deixamos de lado o caso do mais-que-perfeito (pretérito do auxiliar + participio), que é muito raro.

alemão padrão no dialeto, pois, na fala dos mais velhos se encontram, também com os modais e os auxiliares, mais formas no perfeito. As cadeias de tempo para os dois tempos seriam (35) e (36):

- (35) OT_i weil - sch_i - e geh-sch_i
 porque - 2.sg. clít .de suj. vai
 OT_i TNS_i vai- 2.sg._i

Como o tempo de referência não está especificado, vale o tempo de fala como intervalo dentro do qual a eventualidade do verbo está situada. O caso do perfeito não se distingue do presente no que diz respeito à cadeia-T , todos os seus membros são coindexados.

- (36) weil - sch- e gang bi-sch
 OT_i TNS_i participio aux-2.ps_i

Para interpretar a antecedência do evento em relação ao tempo de fala, nos restam duas possibilidades. Primeiro, poder-se-ia pensar que ela resulta da interpretação do aspecto expresso pela forma não-finita do participio. Porém, a consequência disso seria que toda a interpretação temporal seria mediada através da categoria de aspecto, tornando T supérfluo o que não pode ser um resultado desejável. Parece que G & H chegam a uma conclusão semelhante: eles rejeitam a interpretação de aspecto para o participio, embora dentro do seu próprio modelo, isso cria contradições aos princípios estabelecidos. Veja a sua argumentação:

- (37) Tense is a tensed form directly bound by a T-operator
 Aspect is a tensed form not directly bound by a T-operator
 ((41) de Guerón e Hoekstra 1993)

Na sentença

- (38) John has read the book.
 ((33) de Guerón & Hoekstra 1993)

não podemos pensar o complemento do auxiliar "have", portanto o participio "read", como tendo um TO próprio. Lembramos, que uma cadeia-T deve ter um elemento para a atribuição

do conteúdo semântico (ou descritivo) e um elemento que T-marca a cadeia (o auxiliar). Uma cadeia não pode ter dois TOs, o que foi definido pelo critério da cadeia-T (32). A representação de (38) seria portanto

(39) HAVE S-Agr TNSi O-Agr Vi

sem um TO próprio. Como o TNS não é diretamente licenciado por um TO deveria se tratar de aspecto, mas os autores dizem: "Various suggestions have been made that this node should not be labelled TNS, but rather ASP(ect). We nevertheless take it to be (syntactically) TNS." (G & H 1993: nn) Eles ainda citam como evidência o fato de que, em muitas línguas, é o mesmo morfema que instancia o pretérito e o particípio.

Nesse ponto não seguirei os autores, já que isso seria uma violação dos critérios de cadeia-T, que foram estabelecidos acima: teríamos duas vezes TNS numa única cadeia-T. Assumirei, portanto, uma outra possibilidade de explicar a antecedência do evento: Esta proposta, originalmente de Kato (1995)⁷⁶ "responsabiliza" o auxiliar de uma construção analítica para a interpretação temporal. Nas formas do português brasileiro *ter feito/ estar fazendo/ ir fazer*, os auxiliares das formas analíticas atuam como operadores ligando os morfemas das formas não-finitas. Dessa maneira, *ter* expressa o valor de [passado], *estar* do [presente] e *ir* do futuro. Transferindo essa idéia para o renano-palatino, os auxiliares *sein* (ser) e *haben* (ter), usados na formação de perfeito, carregariam o valor [+passado] atuando como operadores que ligam a forma não finita. O problema que surge para o alemão tem a ver com a ordem na sentença subordinada: Como o auxiliar no final da sentença pode atuar como operador?

Para respeitar essas questões de ordem, quero voltar à proposta original: o morfema *-sch* em [Spec, AgrC] atua como operador, ligando um verbo pleno com o valor [+presente], enquanto os auxiliares, marcados por [-presente] não seriam ligados, levando dessa maneira à interpretação da antecedência. A função do operador em [Spec, AgrC], como lexicalizador de TNS, é a de T-marcação para tornar a predicação referencial.

No final desse item só quero esboçar uma proposta alternativa que leva em conta os fatos morfológicos, no sentido de que ela interpreta o morfema *sch-* como morfema de 2.ps. de singular, portanto de concordância, fato apontado por Galves.

Estou partindo das deliberações iniciais de G & H, onde eles falam da predicação: Somente quando uma projeção lexical é checado por um núcleo Agr que, por sua vez, é

⁷⁶ Anotações de aulas.

checado pelo sujeito da predicação, ela se torna um predicado. Como fica esta questão na subordinada? Dentro da nossa proposta, o verbo sobe até T, mas não vai até um núcleo de concordância. Podemos pensar, portanto, que a concordância em Comp realiza a função de garantir a predicação.

6.5.2. A checagem dos objetos

A vantagem da idéia de cadeia consiste na abstração de alguns fenômenos de ordem que criam problemas dentro da teoria de checagem do programa minimalista.

Suponhamos que o objeto direto é checado fora da projeção de VP, em [spec, AgrO], que deve encontrar-se dentro da cadeia-T. Seguindo Chomsky (1993:7,8), o Agr deve estar ligado a um verbo transitivo para checar o caso acusativo (realizado pelo movimento do verbo para AgrO).

Adotando a proposta de Guéron e Hoekstra, conseguimos uma maneira de garantir a checagem dos traços de caso do objeto: "the verb's case-feature is made available to O-Agr through the T-chain, a mechanism that can be regarded as the mirror image of chain government." (1993:9)

Um exemplo:

- (40) a. dat Jan dit boek aan het lezen is
that John this book at the read-INF is
"que João está lendo este livro"

(exemplo (18) de Guéron & Hoekstra 1993)

Nesse caso, o objeto direto, embora dependendo do infinitivo nominalizado, deve ocorrer obrigatoriamente fora da estrutura "aan het V-INFL", uma forma progressiva em holandês. Senão, a sentença se torna inaceitável:

- (41) a. * dat Jan aan het dit boek lezen is
b. * dat Jan aan dit boek het lezen is
c. * dat Jan aan het lezen van dit boek is

(exemplos (18) de Guéron & Hoekstra 1993)

Isso mostra que o NP objeto checa os seus traços de caso fora da projeção VP os quais devem se tornar disponíveis através da cadeia-T. Da mesma maneira, explicam-se as construções progressivas em inglês. A sentença

(42) John is reading a book

tem a seguinte representação:

(43) TO_i John Agr-S TNS; O-Agr is_i ing read; [a book]

((19) de Guéron & Hoekstra 1993)

que criaria um problema para a restrição de que o elemento verbal no final deve ser biunívoco (licenciado por um TNS). Com a idéia de que tanto o auxiliar quanto o gerúndio fazem parte da cadeia-T, explica-se a atribuição do acusativo sem a subida do gerúndio: ele fica no final, fornecendo o conteúdo lexical para a cadeia e licenciando o traço responsável pela atribuição do (ac) em O-Agr, enquanto o auxiliar atravessa o AgrO, licenciando os traços (ac) desse Agr via sua relação com o verbo pleno na cadeia.

Dentro da teoria de checagem de 1994, assume-se, para o inglês, que o NP-objeto só se move em LF, o traço [N] de Agr-O sendo fraco. Mas, para o alemão, com os casos dos NPs morfologicamente marcados (e nós não abstraímos totalmente dos fatos morfológicos, mesmo sabendo que são questões de ordem que determinam os traços fortes e fracos) achamos necessário pensar numa solução para a atribuição de caso. A idéia de cadeia parece facilitar a tarefa de achar essas soluções na subordinada. Com a idéia de Guéron e Hoekstra temos uma possível solução para a checagem dos NP-objetos.

Por outro lado, a proposta de Schmidt de T acima de VP também resolve o problema caso haja um objeto só para checar. Com o movimento do verbo para T resolve-se o problema da distância, pois o [Spec, T] seria tão distante do objeto a ser checado quanto o sujeito interior do VP. Teria a consequência de que T seria um lugar de checagem para os objetos. Porém, no caso de um segundo objeto a ser checado, deveria-se postular mais um movimento do verbo para garantir a equidistância, o que na subordinada não acontece. Portanto: parece que a idéia da equidistância, finalmente a idéia do movimento mais curto, não funciona para a checagem dos objetos do alemão, ponto também destacado por Zwart (1993c).

Considerações gerais parecem apoiar esta idéia de que o movimento do verbo, ou melhor, a falta do movimento do verbo está relacionado com a morfologia de caso dos NPs. As

seguintes línguas com um sistema de caso morfológicamente rico têm a tendência de ter o verbo finito no final (latim, grego, alemão, japonês). Por enquanto, claro, isto é uma mera especulação.

CONCLUSÕES

Para explicar a concordância em Comp dentro do quadro do minimalismo, restam duas possibilidades: a primeira parte da idéia de que todos os itens lexicais já vêm com sua morfologia afixada do léxico. Segue disso que o complementizador flexionado faz parte da numeração inicial e se junta à estrutura restante por uma transformação generalizada (um processo de "fusão" (*merging*)). A segunda opção teórica consiste na suposição de que o morfema flexional, que na verdade sempre ocorre com um clítico de sujeito, forma uma unidade própria e se liga ao complementizador somente através da fonologia.

Optei por esta segunda interpretação que foi formalizada pelo postulado de uma categoria funcional AgrC, postulado que surgiu especificamente para dar conta de fenômenos de concordância na subordinada do flamengo ocidental. A proposta, originalmente de Shlonsky (1994), foi reinterpretada da seguinte maneira: no núcleo desta projeção, encontra-se o clítico de sujeito e em seu especificador o morfema flexional. Teríamos portanto uma relação de predicação invertida. Se a unidade fonológica *sch-e* está sendo interpretada como uma unidade sintática, segue disso, que ela ocupa a segunda posição da sentença subordinada, o complementizador à sua esquerda contando como primeira: "V2 na subordinada" pode ser a sintetização desta idéia. Dessa maneira, estou postulando uma simetria máxima entre a sentença matriz e a encaixada. Ela abandona a explicação "clássica" da distribuição complementar entre verbo e complementizador. Como Zwart (1993a:307), acho que, dentro do minimalismo, devem existir outros motivos para explicar a ausência do movimento do verbo, diferentes de preenchimentos lexicais. Além disso, o que justifica supor a mesma posição estrutural para o verbo finito e a conjunção na subordinada em termos teóricos?

Poderia bem ser que se ache uma formalização melhor para a concordância, como foi sugerido por Kato. Em vez de uma única projeção de concordância, teríamos mais uma a sua direita que poderia ser CP. No núcleo da primeira, encontra-se o clítico de sujeito e no núcleo da segunda, o morfema flexional que se move para cima e se adjunge a AgrC. Como já disse, quero deixar esta questão em aberto e, em vez de tentar respondê-la, acrescentar mais uma especulação. Como já foi mencionado na seção 5.5, há um paralelismo entre os movimentos $C \rightarrow \text{AgrC}$, $V \rightarrow \text{AgrO}$, $T \rightarrow \text{AgrS}$. Supõe-se que os dois últimos movimentos acontecem por motivos de caso. Na estrutura proposta para o alemão, somente sobra o primeiro, os restantes são substituídos por um único: $V \rightarrow T$.

A especulação liga o primeiro grupo de movimentos com a parte nominal (caso) da estrutura, enquanto os últimos, que supostamente caracterizam o holandês e o alemão, têm

muito mais a ver com a parte verbal. Lembremos que, assumindo a cadeia-T, a interpretação temporal é mediada pela variável TNS no final ($V \rightarrow T$) e a predicação deve se realizar numa projeção no início dessa cadeia, o que causa o deslocamento de $C \rightarrow \text{AgrC}$.

Embora a concordância em Comp possa ser realizada fonologicamente nos dialetos, é muito mais comum omiti-la, como no alemão padrão. Assumo que, mesmo sem a realização fonológica, a gramática do alemão projeta AgrC, na subordinada e nas construções XVS.

Surge a suspeita de que essa projeção secreta poderia estar envolvida em uma mudança sintática, ou em palavras: que evidências existem para que as crianças que adquirem a língua possam assumir essa projeção? Atualmente devem ser os dados da inversão na principal e da posição final do verbo na subordinada. Porém, já existem outras orações no alemão coloquial, que podem levar a uma reanálise. Me refiro às subordinadas com V2 e com o complementizador. Propus que, neste caso, as conjunções estejam fora do sistema CP, adjungido a ele, ou dentro de uma projeção de TOPICALIZAÇÃO a sua esquerda. De qualquer maneira, dentro da gramática atual, elas não são analisadas como complementizadores no núcleo da projeção Top, pois, nessa função, deveriam determinar os traços-V em AgrC como sendo fracos. Contudo, deve-se pensar na possibilidade de interpretá-las como estando dentro do sistema CP, portanto, de atribuir-lhes uma segunda posição estrutural. Esta suposição levaria a uma outra: a perda da capacidade de os complementizadores fixarem os traços de AgrC como fracos, o que resultaria no deslocamento do verbo e na ordem *complementizador - XP - verbo*, portanto a ordem V3 na subordinada. Com a perda da posição final do verbo se verifica a perda de mais uma evidência para a projeção de AgrC. Restaria como única evidência a inversão *sujeito -verbo*. Será o "residual V2" o destino do alemão? De novo, estou me movimentando no campo da especulação e só quis adentrá-lo mais uma vez para mostrar a importância dos elementos no início da sentença, importância que eles também têm em minha proposta, por determinar a posição do verbo.

Esta suposição leva a problemas com esta suposição com respeito à distinção entre os elementos-Wh: Teria de dizer que, no caso das perguntas principais, eles se encontram em [Spec, WhP], enquanto, nas perguntas encaixadas, eles ocupam a posição típica dos complementizadores: o núcleo. Dessa maneira, no alemão, existiriam três tipos de complementizadores: um para as declarativas encaixadas: *daß* (= que), um para as perguntas encaixadas do tipo sim/não: *ob* (= se), e os diversos pronomes interrogativos que introduzem perguntas de complemento e de adjunção, os elementos-Wh. O renano-palatino, além disso, dispõe também de um complementizador para as relativas, como foi mostrado no primeiro capítulo.

Um dado do alemão padrão que poderia evidenciar esta interpretação, é o seguinte (os fatos são os mesmos no dialeto):

- (1) Er geht warum zur Schule?
Ele vai por que para escola?

Enquanto o elemento-Wh, na principal, pode ficar *in situ*, na encaixada, isso torna a sentença agramatical:

- (2) *Er hat gesagt, daß er zur Schule geht warum.
ele disse, que ele para escola vai por que.

Dessa maneira, o fenômeno do Comp duplamente preenchido, possível no Renano-Palatino, talvez não seja resultado de um movimento-Wh para a posição de Spec, mas a consequência de dois núcleos preenchidos na sequência.:

- (3) Er hat mer gesaat, warum daß er net in die Schul geht
Ele tem me dito, por que que ele não para a escola vai.

A concepção do sistema CP de que são os elementos -Wh dentro das projeções WhP e ToP que determinam a especificação de AgrC a respeito dos traços-V tem mais uma consequência: ela não é compatível com o critério-Wh de Rizzi, que parte de uma relação configuracional dentro da mesma projeção. Precisar-se-ia ampliar o critério de Rizzi para uma relação entre duas projeções funcionais. Me falta uma formalização dentro do minimalismo. No entanto, acho que ela deve se achar muito mais em conceitos lógico-semânticos do que em formulações de checagem de traços, o que Zwart tentou através do conceito da "acessibilidade".

Os clíticos de sujeito do renano-palatino, conforme minha análise, devem se encontrar no núcleo de AgrC. Isso segue da sua posição antes do verbo finito na principal do tipo S1. Como o verbo se encontra supostamente no núcleo de AgrS, e os clíticos não são considerados elementos XP, só resta essa posição. Já que ela é destinada a hospedar especificamente os clíticos de sujeito, a impossibilidade do clítico-objeto *es* nessa posição (seção 2.2.3) seria explicada. Zwart, seguindo Rizzi, dá uma outra explicação para os clíticos de sujeito, apresentada na seção 6.2. Sem dúvida, a questão dos clíticos no alemão e no renano-palatino

merece uma investigação muito mais aprofundada do que aquela apresentada neste trabalho. Ele parte dos pressupostos de que os clíticos sejam adjungidos aos núcleos funcionais de concordância e que a cliticização seja fonológica.

Embora haja argumentos para a interpretação acima, falta no trabalho uma discussão sistemática sobre o estado dos pronomes/clíticos no alemão e nos dialetos. Ainda faltam argumentos para avaliar melhor a interpretação teórica da função da concordância na subordinada como operador de tempo. Falta leitura sobre conceitos básicos da semântica como "predicação" ou "tempo" e, portanto, uma discussão mais profunda do tema do capítulo 6. Falta a incorporação de mais pressupostos teóricos do Programa Minimalista da visão de 1994. Falta a leitura de Chomsky 1995.

Fica o que foi dito no *Anti-Abstract*.

BIBLIOGRAFIA

- BAKER, M. (1988) *Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing*. Cicago: University of Chicago Press
- BAYER, J. (1984) Comp in Bavarian Syntax. LR 3, 209-274
- BENINCÀ, P (1992) Complement clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia Law.(a sair em A. Battye & I Roberts (eds.) *Language change and Verbal Systems*. New York, Oxford)
- BOBALJIK, J.D. & CARNIE, A.H. (1992) A Minimalist Approach to some Problems of Irish Word Order. MIT (ms.)
- CARDINALETTI, A. & ROBERTS, I. (1991) Clause Structure and X-Second. (ms.)
- CHOMSKY, N. (1986) *Barriers*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press (Linguistic Inquiry Monograph 13)
- _____ (1993) A Minimalist Program for Linguistic Theory. K. Hale & S.J. Keyser (eds.) *The View from building 20*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press
- _____ (1994) Bare Phrase Structure (ms.)
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. (1991) Principles and Parameters Theory. MIT, mimeo
- CLAHSEN, H. (1989) Constraints on parameter setting. A grammatical analysis of some acquisition stages in German child language (ms.)
- DE HAAN, G. & WEERMAN, F. (1986) Finiteness and Verb Fronting in Frisian. In: Haider, H. & Prinzhorn, M. (eds.) *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris, 77-110
- DEN BESTEN, H. (1977) On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules. Publicado em: Abraham, W. (1983) (ed.) *On the Formal Syntax of the Westgermania*, vol.3. Amsterdam: John Benjamins
- DIESING, M. (1990) Verb Movement and the Subject Position in Yiddish. *Natural Language and Linguistic Theory*, 8, 41-79
- DONATI, C. & TOMASELLI, A. (1994) Language Types and Generative Grammar: a Review of Some Consequences of the Universal VO Hypothesis. Firenze e Teramo (ms.)
- ENÇ, M. (1987) Anchoring Conditions for Tense, LI vol.18, 4,633-657
- GÜNTNER, S. (1993) "...weil- man kann es ja wissenschaftlich untersuchen" - Diskurspragmatische Aspekte der Wortstellung in WEIL-Sätzen. *Linguistische Berichte* 143, 37-59

- GUÉRON, J. & HOEKSTRA, T. (1993) *The Temporal Interpretation of Predication*. Paris, Leiden (ms.)
- GALVES, C. (1994) *Clitic placement and Parametric changes in Portuguese*. Universidade Estadual de Campinas (ms.)
- HAEGEMAN, L. (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford and Cambridge: Blackwell
- HAIDER, H. (1986) V-Second in German. Haider, H. & Prinzhorn, M.(eds.) *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Foris: Dordrecht
- HOEKSTRA, E. (1993) *Dialectal Variation inside CP as Parametric Variation*. Linguistische Berichte. Sonderheft 5/1993: Dialektsyntax
- HOLMBERG, A. & Platzack, C. (1989) *The Role of Agr and Finiteness*. Working Papers in Scandinavian Syntax 43, 51-75
- IATRIDOU, S. & KROCH, A. (1992) *The Licensing of CP-Recursion and its Relevance to the Germanic Verb-Second Phenomenon*. (manuscrito não publicado, University of Pennsylvania)
- JONAS, D. & BOBALJIK, J.D. (1993) *Specs for Subjects: The Role of TP in Icelandic*. MIT Working Papers in Linguistics 18: Papers on case and agreement I, 1-34
- KAYNE, R. S. (1991) *Romance Clitics, Verb Movement, and PRO*, LI, Vol. 22, 647-686
 _____ (1993) *The Antisymmetry of Syntax*. CUNY graduate center (ms.)
- LIGHTFOOT, D. (1991) *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press
- NUNES, J. (1994) *Linearization of Non-trivial Chains at PF*, University of Maryland (ms.)
- OHLSEN, S. (1985) *On Deriving V-1 and V-2 Structures in German*. Em: Toman, J. (ed.) *Studies in German Grammar*. Dordrecht: Foris
- OUHALLA, J. (1991) *Functional Categories and Parametric Variation*. London and New York: Routledge
- PLATZACK, C. (1986) *The Position of the Finite Verb in Swedish*. Em Haider, H. & Prinzhorn, M. (eds.) *Verb Second Phenomena in German Languages*. Dordrecht: Foris
- PLATZACK, C. (1995) *Topicalization, Weak Pronouns and the Symmetrical/ Asymmetrical Verb Second Hypotheses*. Em: Önnarfors, O. (ed.) *Festvorträge anlässlich des 60. Geburtstags von Inger Rosengren*. Sonderheft. Lund
- RAPOSO, E. P. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho
 _____ (1993) *Categorias funcionais na Gramática gerativa*, D.E.L.T.A, Vol.9, No.2, 237-274

- REINHOLTZ, Ch. (1992) Verb Second, Negation, and Minimality in Danish. To appear in Proceedings of WCCFL XI
- _____(1990) Verb Second and Mainland Scandinavian. WCCFL 9
- RIBEIRO, I. M. O (1995) *A sintaxe da ordem no português arcaico; o efeito V2*. Tese de Doutorado, Unicamp. Campinas
- RIZZI, L. (1990a) *Relativized minimality*. Cambridge and Massachusetts: MIT Press
- _____(1990b) Speculations on Verb Second. Em: Mascaró, J. & Nespór, M. (eds.), *Grammar in Progress*. Dordrecht: Foris
- _____(1991) Residual Verb Second and the WH-Criterion. Universidade de Genebra (ms.)
- _____(1994) Some notes on linguistic theory and language development: The case of root infinitives. Revised draft of its version of 1993, SISSA, Trieste
- ROBERTS, I. (1993) *Verbs and Diachronic Syntax*. A comparative History of English and French. Dordrecht: Kluwer
- SCHMIDT, C. M. (1995) *Satzstruktur und Verbbewegung. Eine minimalistische Analyse zur internen Syntax der IP (Inflection-Phrase) im Deutschen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag
- SCHWARZ, B.D. & VIKNER, S. (1989) All Verb Second Clauses are CPs. Working Papers in Scandinavian Syntax, 43, 27-50
- SHLONSKY, U. (1994) Agreement in Comp. *The Linguistic Review* 11, 351-375
- SILVA-CORVALÁN, C. (1989) *Sociolingüística*. Teoría e análisis. Madrid: Alhambra
- STOWELL, T. (1993) The Syntax of Tense. UCLA (ms.)
- TARALDSEN, K. T. (1986) On Verb Second and the Functional Content of Syntactic Categories. Em : Haider, H. & Prinzhorn, M. (eds) *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris,
- THRÁINSSON, H. (1986) V1, V2, V3 in Icelandic. Em: Haider, H. & Prinzhorn, M. (eds.) *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*, Dordrecht: Foris
- TOMASELLI, A. (1990) COMP⁰ as a Licensing Head: An Argument based on Cliticization. Em: Máscaro, J. & Nespór, M. (eds.) *Grammar in Pogress*. Dordrecht: Foris
- TORRES MORAES, M.A.C.R. (1995) *Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas
- TRAVIS, L. (1984) *Parameters and Effects of Word Order Variation*, Tese de Doutorado MIT.
- URIAGEREKA, J. (1993) *A Minimalist Dialogue between Chomsky and Hawking*. Maryland (ms.)

- VIKNER, S. (1991) *Verb Movement and the licensing of NP Positions in the Germanic Languages*. Tese de Doutorado. Stuttgart.
- WATANABE, A. (1993) *Agr based Case theory and its interaction with the A-bar System*. Tese de Doutorado. MIT
- ZWART, C.J.W. (1993a) Verb movement and Complementizer Agreement. MIT Working Papers in Linguistics 18, 297-340
- _____ (1993b) Clues from Dialect Syntax: Complementizer Agreement. *Linguistische Berichte, Sonderheft 5*, 246-270
- _____ (1993c) *Dutch Syntax. A Minimalist Approach*. Tese de Doutorado, Groningen
- _____ (1993d) Dutch is Head Initial. (ms).
- ZWICKY, A. (1985) Clitics and particles. *Language* 61, 283-305